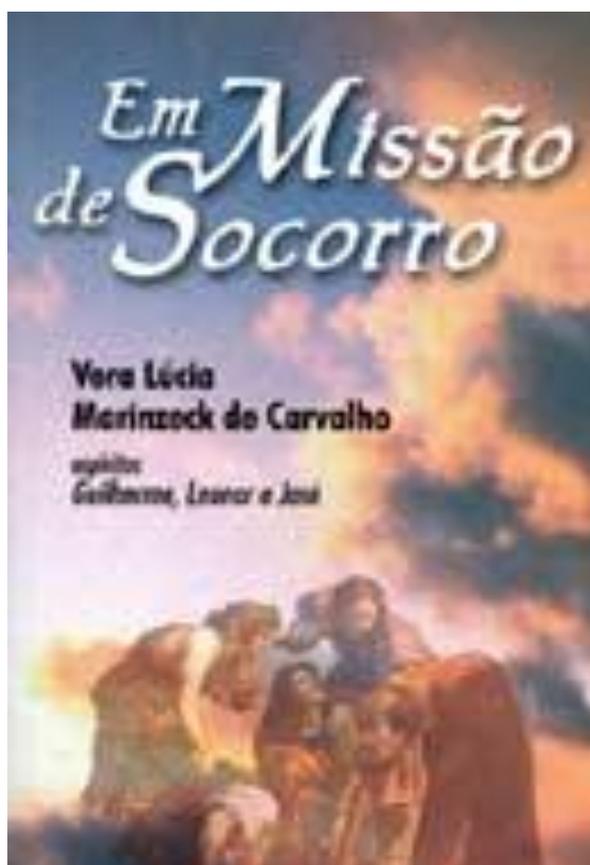


EM MISSÃO DE SOCORRO

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Espíritos
Guilherme, Leonor e José



Contra-capa

Trabalhar com amor em benefício do nosso semelhante é tarefa que exige dedicação, coragem e desprendimento. Neste EM MISSÃO DE SOCORRO, a médium VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO nos apresenta três novos espíritos especializados na busca e no resgate de irmãos ainda presos nas zonas inferiores e no Umbral, mas que já apresentam condições espirituais e emocionais de tentarem iniciar uma nova jornada nas Colônias de recuperação.

Guilherme, Leonor e José, estes abnegados mensageiros da paz, nos contam, com riqueza de detalhes e naturalidade, como são feitas estas verdadeiras operações de salvamento, que requerem planejamento, estratégia de ação, equipes treinadas e muito amor no coração. As histórias desta obra são verídicas. Elas mostram, efetivamente, o que acontece com aqueles que valorizam a matéria e cultuam sentimentos como a vingança, a raiva

descabida, o egoísmo e o orgulho. Mas revelam também que não basta não prejudicar ninguém: é preciso nos esforçarmos para fazer o bem ao nosso alcance. Existem pessoas nem boas, nem ruins no Umbral. São apenas preguiçosas e desavisadas... Por isso, a leitura de EM MISSÃO DE SOCORRO é fundamental para nosso crescimento interior, um roteiro para reflexões e uma oportunidade para decidirmos qual futuro queremos para nós.

Primeira Parte – Doutor Sorriso

- Um ideal cumprido
- Nas enfermarias da Colônia
- Conhecendo o Umbral
- Entre os encarnados

Guilherme

I – Um ideal cumprido

Lembro-me bem de minha penúltima encarnação. Meu corpo morreu sentindo dores profundas após prolongada doença. Fui arrancado do corpo por dois desencarnados que não gostavam de mim e largado no Umbral. Sofri muito e fiquei indignado, afinal era religioso e havia pago caro para que rezassem para mim. Demorei para entender que a oração faz bem para aqueles que a fazem e que, para receber os benefícios das orações alheias, estas têm que ser com sentimentos e você estar receptivo para recebê-las.

Vaguei por treze anos por regiões incertas, ora no meu antigo lar, ora por zonas tenebrosas, tinha pedido socorro, sabia da existência de espíritos bondosos que iam ao Umbral, levando de lá muitos sofredores. Revolta-me contra eles que não me atendiam e clamavam em alto tom:

“Sou importante! Fui, sou médico de posses!”

Queria ficar livre das dores, daquele lugar sujo e fétido. Achava injusto estar ali, não fiz nada de mau, não roubei, não matei e se pudesse voltar atrás, faria tudo de novo. O tempo passa ensinando, a dor nos desperta, comecei a entender que errei e envergonhei-me, já não defrontava com os socorristas que passavam de tempo em tempo no lugar em que estava. Cansei, entendi que era merecido aquele sofrimento, arrependi-me e aí, depois de tempo em que sofri resignado, fui socorrido. Há muito amo a Medicina e nesta minha encarnação, a penúltima, fui médico e enriqueci com seu exercício. Não condeno nenhuma profissão como forma de sobrevivência e viver confortadamente deve, ou deveria ser direito de todos os trabalhadores. Só que esqueci que os pobres adoecem, não tratei de nenhum. Não fiz caridade, achava que o pobre era problema de Deus já que Ele os criou. Ao ver o trabalho de socorristas, percebi que nossa verdadeira riqueza é fazer o

bem aos outras sem esperar recompensas. A riqueza só é nossa e verdadeira quando nos acompanha após o corpo ter morrido.

Fiquei anos numa colônia onde não me senti morador, envergonhava-me do modo que vivi encarnado e senti-me nulo de boas ações. Estudei e pedi para reencarnar com firme propósito de voltar diferente.

Nasci num bairro pobre de uma cidade grande no Brasil, minha mãe foi minha ex-mulher na outra encarnação, ela com seus conselhos colaborou para que eu vivesse só para as riquezas materiais. Agora éramos pobres, não tínhamos às vezes o necessário. Meu pai, homem bom, trabalhador, ganhava pouco e por muitas vezes necessitamos de médico e não tivemos seus serviços por não poder pagar. Tive sete irmãos, mamãe era fraca, doente, trabalhava muito, às vezes era amarga, revoltava-se e papai a consolava. Minha mãe desencarnou aos trinta e oito anos com tuberculose, na enfermaria de um hospital. Entristecemos muito com sua desencarnação e minha avó, vovó Dindinha, veio morar conosco. Era o segundo filho e estava com dezesseis anos, os outros eram pequenos e nossa avó foi a segunda mãe.

Gostava de estudar, fiz os primeiros quatro anos com dedicação e tirando notas altas. Até aí, este ensino era grátis, para continuar tinha que pagar e entristeci, não tínhamos como fazê-lo. Mas, uma professora, Dona Margarida, realizou meu sonho, conseguiu para mim uma bolsa de estudo e me deu livros, cadernos, continuei a estudar. Fui o único em casa a fazê-lo.

Mamãe desencarnou quando eu tinha terminado o antigo ginásio, hoje o primeiro grau. Passei a trabalhar num armazém perto de casa. Era o menino das entregas. Arrumei logo outro emprego no centro da cidade numa loja e ganhava bem. Querendo estudar, troquei de emprego, fui ganhar menos num escritório trabalhando menos horas, estudei à noite. Dona Margarida ainda me dava livros e cadernos.

Consegui passar na faculdade de medicina. Mas como cursá-la? Vovó, aquela mulher inteligente e caridosa, veio ao meu auxílio. Reuniu meus irmãos: - Temos que ajudar Guilherme a estudar, vimos o tanto que ele se esforçou, estudou, ele quer ser médico, passou e o estudo requer tempo integral e não poderá trabalhar. Seria uma pena ele não estudar, é inteligente e será um bom médico, nosso orgulho. Depois de formado, nos pagará e ajudará. Tirando Mário, que é casado, todos vamos dar um tanto para que ele possa estudar. Eu não vou fumar mais e todo meu dinheiro darei a ele.

Mário era meu irmão mais velho, estava casado e tinha duas filhas, passava por dificuldade financeira e foi o único que não me ajudou. E assim foi feito, a família toda sacrificou-se por mim. Vovó Dindinha não fumou mais, lavava dois dias por semana roupas para outras pessoas, além de fazer o serviço de casa. Lourdes, outra irmã que trabalhava numa fábrica, passou a fazer horas extras, papai não mais tomou suas cervejinhas. E assim foi por dois anos. No terceiro ano minha irmã Lourdes se casou e saiu do emprego. Para ter dinheiro, arrumei um emprego numa farmácia perto de casa para aplicar injeções. Tive que

repartir meu tempo, comia e dormia pouco, domingos e feriados trabalhava dobrado aplicando injeções a domicílio. No quarto ano, arrumei um emprego no hospital e lá passei a morar, indo em casa de quinze em quinze dias. Quase não precisava do dinheiro dos familiares, mas eles me ajudaram até que me formei. Faltavam quatro meses para terminar o curso quando vovó Dindinha desencarnou de repente. Fiquei triste, ela queria muito me ver formado e, sem o dinheiro dela, minha situação tornou-se mais difícil. Foi muitas vezes que comi resto das bandejas dos doentes, economizava em tudo, tinha poucas roupas e estas foram doadas ou por professores ou colegas, estudava em livros emprestados, foi com sacrifício e muita força de vontade que consegui me formar. Não ia participar da festa de formatura, mas meus colegas contribuíram, pagaram a minha parte. Toda minha família foi, fiz questão de apresentar meu pai a todos. Minha emoção foi grande quando disseram meu nome, levantei-me emocionado, olhei para meu pai, ele estava chorando, lágrimas escorreram pelo meu rosto.

- Agora, filho, você começará vida nova, confio que será bom médico e que este bom seja tanto profissional como humano, disse meu pai me abraçando.

Foi uma festa muito linda, agradei aos colegas. Estava debilitado fisicamente, magro e cansado mas com muita vontade de trabalhar, ajudar pessoas enfermas. Minhas notas eram boas, não excelentes, não tive tempo para estudar como gostaria, mas seria bom médico, como também fiz um propósito de comprar logo que pudesse livros e estudá-los novamente.

Um dos meus professores me ofereceu um emprego em sua clínica com um bom ordenado. Aceitei, trabalharia lá oito horas e num hospital outras oito horas com um ordenado menor. Arrumei os dois empregos com a finalidade de reembolsar minha família. Porque meu sonho mesmo era só ficar cuidando de pessoas carentes. Fui morar numa pensão perto do hospital, que era discreta, limpa, e sua proprietária, Dona Dorinha, uma pessoa boa e educada.

Trabalhava bastante e com muito amor, alimentava-me bem, comprei roupas novas e dava todo meu ordenado da clínica aos meus irmãos.

Não esqueci Dona Margarida, que não podia mais lecionar, estava idosa e doente. Paguei uma senhora para morar com ela e comprava todos seus remédios, sempre ia visitá-la.

- Guilherme – disse ela numa destas visitas -, quando ajudei você, fiz porque percebi que você amava aprender, que idealizava formar-se em Medicina, não tive intenção de ter recompensas por isto. Não só ajudei você, mas outros também. E vendo você aqui comigo, compreendo que boas ações têm retorno. Agora você me ajuda.

- E se tivesse sido ingrato? – perguntei.

- Não anularia minha ação, ela me pertence, como a ingratidão pertence ao ingrato. Você, Guilherme, pode compreender isto? Faça meu aluno o bem, uns não serão reconhecidos, a ingratidão pode nos doer, mas é passageira e não nos faz ingratos. E quando fazemos sem esperar recompensas, somos recompensados. A ação é nossa e toda ela tem a reação. Creio que passaria por

toda esta doença, mas se não tivesse vocês a me visitar, a me amar, seria bem pior. Acredita que sou feliz? Sim, Guilherme, a doença, a velhice não influi na minha alegria interior.

E Dona Margarida me deu os melhores ensinamentos e fiz tudo por ela até que desencarnou.

Não podia tirar folga, queria recompensar os meus familiares, papai comprou uma boa casa, ajudei todos a comprar a deles e só aí pensei em largar o emprego na clínica em que há oito anos trabalhava. Achei que já havia retribuído em triplo o que eles gastaram comigo. Foi nesta época que meu antigo professor me chamou para uma conversa.

- Doutor Guilherme, quero que o senhor venha trabalhar comigo mais tempo. Quero que seja meu assistente direto.

Surpreendi-me com a proposta, não queria, estava ali só pelo ordenado. Queria ficar só no hospital. A clínica era de luxo, somente para pessoas ricas, não que estes não sofressem, mas tinham conforto. Ali ajudava também, dando atenção, conselhos, animando-os. Era querido de todos, tinha doentes, principalmente velhos, que só queriam ser tratados por mim.

- Sinto muito – respondi -, não posso aceitar. Aproveito a oportunidade para dizer ao senhor que quero mesmo ficar só no meu outro emprego. Peço demissão! Ficarei até que o senhor arrume outro para meu lugar.

- Se é por causa de dinheiro, aumento seu ordenado.

- Não, senhor, é pelo meu ideal!

- Ideal não enche barriga. O senhor é bom médico e poderá fazer brilhante carreira – disse meu antigo professor.

- Obrigado! Mas já resolvi.

Passaram dois meses e eu estava trabalhando o dia todo de doze a quatorze horas no hospital.

No próximo domingo de folga fui à casa de meu pai e expliquei a ele.

- Papai, deixei meu emprego na clínica, estou trabalhando só em um lugar e não vou poder dar mais dinheiro a vocês.

- Já nos deu bastante, agora cuide de você!

Meus irmãos não ficaram satisfeitos com a notícia, mas não falaram nada.

Reconheceram que já os havia pagado.

Assim continuei minha vida, meu ordenado não era muito, mas também gastava pouco, continuei morando na pensão, guardava todo mês um pouco do que ganhava e no final do ano repartia com meus familiares.

Meu trabalho no hospital era intenso e prazeroso, fazia o que gostava e conseqüentemente o fazia bem-feito. Cuidava dos pobres e muitas vezes dava dinheiro para suas famílias e continuava a vê-los quando tinham alta. O trabalho não me cansava. E quando tinha tempo, estudava a medicina, que sempre tem muito que aprender.

Não tive até então namorada, não tivera tempo. Trabalhava conosco, como enfermeira, uma moça bonita e dedicada, chamava-se Linda,

percebi-a porque estava sempre por perto. Um dia, ela me convidou:

- Não quer jantar comigo, Doutor Guilherme? Nosso plantão termina daqui alguns minutos.

- Só se for uma pizza – respondi.

- Ótimo, nos encontraremos na porta do hospital.

Fomos a uma lanchonete perto e conversamos agradavelmente.

Assunto de hospitais, doentes, sempre foi o meu preferido.

- Guilherme, posso lhe chamar assim? Desculpe-me a curiosidade, você não tem nenhuma noiva a esperá-lo?

- Não, não tenho. E você? Também não! É muito bonita...

Linda sorriu, gostei de sua companhia e começamos a sair, três meses já estávamos namorando firme. Gostava dela, mas algo impedia de amá-la, até que percebi o que era, quando me disse:

- Guilherme, sua vida é um absurdo! Você precisa progredir! Arrumar outro emprego! Ter seu consultório! É um excelente médico para ficar só neste hospital simples e de pobres. Pare de ajudar sua família. Deve comprar uma bela casa. Não sente vergonha de morar naquela pensão? Deveria pensar em ganhar dinheiro, casar, ter filhos...

Não queria nada disto, tinha medo de ficar rico com a medicina. Amava minha profissão e estava feliz com a vida que levava, não queria que fosse diferente. Discutimos e preferi acabar o namoro. Linda ainda tentou reatar, mas eu não quis, seu preço era alto. Fiz muitos sacrifícios para formar-me e foi para trabalhar e não para ter privilégios.

Outras mulheres passaram pela minha vida, todas sem importância, decidi ficar solteiro.

Meu pai desencarnou, afastei-me mais de minha família, os via somente no Natal quando levava dinheiro a eles, ou quando me procuravam para pedir favores.

Fui amigo de muitos pacientes e de todos que trabalhavam no hospital, estava sempre aconselhando, auxiliando com dinheiro e consolo. Era feliz!

Minha felicidade vinha do meu espírito satisfeito, porque é fazendo aos outros que construímos em nós a paz e alegria, que são riquezas duradouras.

E expressava esta felicidade no sorriso, então apelidaram-me de Doutor Risonho e isto me fazia sorrir mais.

Dona Rosa, uma senhora que sofria de câncer nos ossos, apegou-se muito a mim. Sofreu muito, tinha dores fortes, queria ajuda-la mais ainda e conseguia, pela minha vontade, amenizar suas dores. Percebemos, ela e eu, que bastava colocar minhas mãos sobre ela para acalmar as crises terríveis e que isto surtia efeito como uma injeção. Aí, passei a usar este processo com muitos outros e tinha efeito. Dava passes sem saber, quando se tem vontade de ajudar e coopera para isto, dá resultado e também isto ocorria porque estavam sempre trabalhando comigo espíritos bondosos.

Cuidei de Dona Rosa com carinho de filho, ajudei sua família e nos tornamos amigos. Sentindo que ia desencarnar, me disse:

- Doutor Guilherme, acho que Deus lembrou-se de mim. Veja, aqui estão dois anjos para buscar-me. Quero dizer que, onde estiver, orarei pelo senhor. E se Deus permitir, um dia retribuirei uma parte do que o doutor está me fazendo. Os dois anjos são tão lindos!

Estendeu as mãos no vazio e eu olhei e não vi nada, acreditei, ela fechou os olhos, sorriu e seu corpo sofrido morreu.

Senhor Caetano era uma pessoa bem-humorada. Fazia tempo que estava doente e ficou meses internado. Gostava dele, não reclamava, era educado e por isto todos os enfermeiros faziam questão de atendê-lo. Um dia lhe indaguei:

- Senhor Caetano, o senhor tem dores, sei disto como médico, não se queixa e parece feliz! Por quê?

- Sou feliz! Não quero só parecer, quero que tenham certeza. Doutor Risonho, a doença, dores físicas me causam desprazer, desconforto, mas é externo e nada que vem de fora me faz feliz ou infeliz. Minha felicidade é por estar bem comigo mesmo. Por ter paz!

- Admiro-o e o entendo! – respondi.

- Claro que o entende – intrometeu-se uma enfermeira que estava comigo.

– Doutor Guilherme é pobre, mora em uma pensão simples, não tem nem carro, mas em compensação, tem muitos amigos e se boa ação é riqueza, ele é milionário. Acho que vocês dois são felizes por terem as consciências tranqüilas. Deve ser o retorno de boas ações ou os “Deus-lhe-pague” dos ajudados. Rimos.

Tinha que conviver com a morte e não sentia nada em relação a este fato, para mim corriqueiro, gostava do paciente, fazia tudo por ele e quando morria, desencarnava, achava que acabava meu trabalho junto a ele, ia preocupar-me com outro. Nunca pensei muito neste fenômeno natural e para todos. Dona Dorinha, a dona da pensão, fez de uma das suas salas, meu consultório, ali atendia pessoas que vinham pedir a ela, nunca cobre e muitas vezes dava dinheiro para os remédios.

Éramos bons amigos, Dona Dorinha e eu, ela era muito mais velha que eu, bondosa e estava sempre a me agradar, era seu pensionista mais antigo.

Não fui religioso, orava às vezes e quando fazia eram rogos por alguém que sofria. Um dia, Dona Dorinha me disse:

- Não tem importância não rezar verbalmente, o senhor, Doutor Guilherme, é a resposta de muitas orações.

- Como é?! – indaguei rindo.

- É fácil de entender, Doutor Risonho. Aquela mulher que atendeu cedinho antes de ir trabalhar, me disse que orou muito, à noite toda, para que um médico atendesse sua filha. Veio ao hospital e ao passar aqui em frente, sentiu-se atraída, parou, bateu na porta e me perguntou: “A senhora sabe de um médico bondoso que pode me atender sem cobrar?” Mandei-a entrar e o senhor não só atendeu como lhe deu dinheiro para os remédios.

Agora lhe pergunto: o senhor é ou não o instrumento que Deus usou para atender

as orações daquela mulher?

- Eu, instrumento de Deus?! Que é isto, Dona Dorinha? Imagina se sou alguém assim importante?

- Me responda então: que é melhor, orar muito e nada fazer de bom ou fazer e pouco orar? – perguntou minha amiga.

- Creio que são os dois importantes – respondi.

Sorri, Dona Dorinha tinha cada idéia! Assim vivi minha última encarnação, foram anos de trabalho que me realizaram, nunca tive férias e quando me perguntavam se estava cansado, respondia:

- Enquanto puder trabalhar, o faço com prazer. Se estivesse doente numa cama, certamente não trabalharia. Descansarei quando morrer!

Naquele dia dormi como de costume, logo após acordei passando mal, tentei respirar, rápido me diagnosei: “Estou tendo um edema pulmonar.” Esforcei-me para pedir ajuda, não consegui, acomodei-me no leito e tentei me acalmar. Melhorei rápido e vi muitas pessoas no meu quarto. Achei que melhorei, fato foi que meu corpo físico morreu. Todos sorriam para mim. Dona Rosa, Senhor Joaquim, um cliente amigo que costumava jogar xadrez nas minhas poucas horas de folga. Estelinha, uma menina que desencarnou aos dez anos com leucemia, gostava muito dela e ao saber que tinha uma doença grave, pediu para ir para casa, ia sempre vê-la. Senhor Caetano, Dona Catarina, o quarto estava em festa. Dona Rosa me disse:

- Vamos, Doutor Guilherme, Doutor Risonho, levante e venha conosco! Sem perceber, passei por uma madona e amigos me desligaram, eu espírito, da matéria sem vida.

Tentei levantar, uma, duas e na terceira vez consegui. Contento abracei todos. Aí, olhei para minha cama e me vi deitado.

- Que sonho esquisito! – exclamei. – Acho que jantei muito! E estou ficando velho!

Examinei meu corpo, estava sem vida, não tinha pulso, meu coração não estava batendo.

- Morri!

Todos sorriram e Vovó Dindinha apareceu, corri para ela.

- Vovó! Que saudades! Como está a senhora? Parece bem! Engraçado, todos vocês estão mortos!

- Claro, Guilherme, e você também – respondeu vovó.

Pela primeira vez tentei rir e não consegui, corri para o meu corpo e sacudi-o.

- Acorde! Vamos, temos que acordar, o sonho estava bom mas começo a não gostar. Acorde!

Vovó me abraçou com carinho.

- Guilherme, nunca pensou que ia morrer? Você está acostumado com a morte... Você morreu, agora vamos, me dê suas mãos, vamos para um lugar aonde vão pessoas boas que desencarnaram.

- Para o cemitério? – perguntei assustado.

- Não, bobinho, para o cemitério irá só o seu corpo. Você é um espírito e sua vida continuará. Não está falando? Pensando? Isto é você real, o corpo era só uma roupa que serviu para viver encarnado. Não tenha medo!
- Animou-se vovó.

Dei as mãos para vovó Dindinha e fechei os olhos na esperança que, ao abri-los, estaria acordado. Senti como voasse. E que vovó voitou comigo. Aprendi mais tarde que a volitação é ir pela vontade de um lugar ao outro na rapidez de um pensamento.

Abri os olhos e não acordei. Estava num local agradável e minha avó ao meu lado e me explicou:

- Vamos ficar aqui por algumas horas, depois iremos para uma colônia, irá morar comigo.

“Será que estou sonhando? Nunca sonhei nada tão cumprido”, pensei.

- Bem, amigos – disse, foi muito agradável revê-los, sonhar com vocês, mas agora é hora de acordar. Sinto Dona Dorinha me chamar.

- Guilherme, você não irá acordar, você morreu, sua vida agora é outra, mais bonita e agradável – vovó me consolou.

Fiquei quieto e pensei: “Mas minha vida é bonita e agradável e não quero mudar.”

Vovó percebeu minha inquietação, conversou por momentos com um senhor, depois carinhosamente me falou:

- Guilherme, vou levá-lo para ver seu corpo e enterro. Assim acreditará.

Ela e Dona Rosa pegaram nas minhas mãos e rápido chegamos à igreja do hospital. Meu corpo estava deitado num caixão bonito e todo florido.

Estava sorrindo. Escutei os comentários.

- Doutor Risonho está sorrindo mesmo morto!

- Se existir mesmo o céu, ele deve estar nele.

- Vamos sentir sua falta!

- Os doentes vão sentir mais!

Eram quase quatro horas da tarde, o enterro ia sair. Foram poucas pessoas, era dia de trabalho, meus irmãos e sobrinhos vieram, mas era para eles uma pessoa estranha. Fiquei alheio observando tudo, depois meus familiares foram à pensão com Dona Dorinha, que chorava sentida. Era como um filho para ela, falou comovida:

- Este é o quarto dele, achei-o sem vida esta manhã. Como fazia todos os dias, o chamei, como não respondeu, abri a porta e o encontrei morto. Aqui está tudo que era dele!

Chorando, Dona Dorinha saiu do quarto e eles começaram a mexer nas minhas coisas.

- Vejam só o extrato de sua conta no banco, não tem nada, somos mais ricos que ele.

- Não tem nada de importante! E mora aqui nesta pensão!

Rosana, minha sobrinha, foi a que me entendeu.

- Titio sempre nos ajudou em vida, parece que nos deu tudo que tinha.

Não ganhava muito. Mas será mesmo que não era rico? Talvez não de bens materiais, estes ficam aqui. Que será que ele levou com ele? Deve ser muito, a bondade acompanha-nos além-túmulo. Vou pegar para mim esta caneta, vou levá-la como lembrança de uma pessoa digna e boa. Deixemos que Dona Dorinha doe suas poucas roupas.

Concordaram e foram cada um para sua casa. Sentei na cama desiludido.

Estava morto! Lembrei-me do comentário da enfermeira que deveria estar no céu, mas não fui religioso e agora que ia me acontecer? Iria para o inferno?

Vovó me pegou pela mão e num instante estava naquele local agradável novamente.

- Aqui é um Posto de Socorro no Plano Espiritual – explicou vovó.

Localiza-se no espaço extrafísico do hospital em que você trabalhou por anos. Procure descansar. Estarei com você! Não confia em mim?

Fiquei quieto, cabeça baixa, um pouco temeroso. Creio que a morte sempre apavora quem não a entende. Aí senti uma força agradável, parece que me viam sorrir e tive vontade de fazê-lo e o fiz mesmo sem querer. Não era momento de rir, tinha morrido! Fortaleci-me, parecia que um clarão entrou em mim. Olhei para vovó que pacientemente estava ao meu lado e ela me esclareceu:

- É o poder da oração. Você foi muito querido! Um grupo de pessoas reuniu-se para orar por você.

Minutos depois vovó me conduziu a um veículo que me explicou chamar aeróbus e partimos.

Gostei muito da Colônia, fui morar com a vovó numa casinha linda, encantei-me e tive mais motivos para sorrir, estava achando bom ter morrido e muito feliz.

- Guilherme – disse Dona Rosa ao me visitar -, quem viveu feliz, com a felicidade no bem praticado, aqui continua. Seja bem-vindo!

Os dias passaram rápido, já havia conhecido toda a Colônia. Vovó me disse:

- Acho que você está adaptado e a partir de amanhã, terá que se arranjar sozinho, começo a trabalhar novamente.

- Trabalhar? Que a senhora faz? Trabalhar depois de morto?

- Ora Guilherme – pensei que tivesse entendido. Só o corpo morre, por isto dizemos que desencarnamos, deixamos a matéria sem vida e continuamos mais vivos que antes. E você nestes dias não viu tantas pessoas trabalhando? É maravilha ter atividades. Você está gostando de descansar porque é por dias. Quero ver se agüenta ficar muito tempo sem fazer nada.

Trabalho no setor de reencarnação, auxilio pessoas a voltar a viver no corpo físico.

- Mas, vovó, trabalhei muito encarnado, agora quero descansar.

- Pois descanse! Quando tiver vontade de fazer algo, me avise.

Naquela tarde recebi a visita de meu pai.

- Puxa, papai, que saudades! Por que não veio me ver antes?

- Sabia de você por nossa querida Dindinha, tranqüilizei-me sabendo-o bem.

Estava num trabalho no Umbral e não era conveniente afastar-me.

- Trabalho? Gosta de trabalhar?

- Claro, não sou preguiçoso – respondeu papai.
 - E mamãe? – Mudei de assunto.
 - Ela está reencarnada, é uma boa médica pediatra.
 - Ora lá, ora aqui – falei.
 - Sim, ora vivendo na erraticidade, no Plano Espiritual, ora encarnado, até que fazemos nossa evolução.
- Fiquei muito contente de ver papai bem e feliz. No dia seguinte, vovó me deixou sozinho e fui passear, andar pela Colônia, não encontrara ninguém para conversar, todos estavam trabalhando. No segundo dia encontrei Alfrânio, um senhor que também estava desencarnado, ele me explicou:
- Trabalhei por quarenta anos numa usina, agora quero descansar bastante! Tínhamos a mesma opinião e ainda bem que encontrei uma pessoa que pensava como eu. Alfrânio me disse que desencarnou de hepatite, que sentiu muitas dores no abdômen. Quando dei por mim, estava examinando-o e concluí:
 - O senhor não desencarnou de hepatite, foi de câncer na vesícula que passou para o fígado.
- Conversava bastante com este novo amigo, no começo foi agradável, depois comecei a ficar insatisfeito. Passaram trinta dias, passeava, ia a concertos, ficava horas nos belos jardins. Estava sentindo falta das minhas consultas, comentei com vovó Dindinha.
- Sinto vazio, vovó, acho que cansei de descansar. Quero arrumar algo para fazer.
 - Ora, ora, até que enfim! Vamos amanhã conversar com o coordenador Ambrózio. Foi muito agradável nossa conversa.
 - Você foi útil encarnado, um socorrista que ajudou a muitos. Aqui também tem muito que fazer. Quer usar seus conhecimentos para continuar auxiliando?
 - Isto é possível? É que sabia cuidar do físico... respondi.
 - Quem quer aprende rápido, e é fácil. Doutor Guilherme, será um prazer tê-lo conosco.
 - Como aprendiz? – perguntei.
 - Estamos sempre aprendendo, respondeu Ambrózio gentil.
- Chamou um rapaz e nos apresentou:
- Fernando também foi médico encarnado. Trabalhará com ele até aprender a diferença que é tratar de um encarnado e de um desencarnado. Existem doentes e as doenças são diversas. Se quiser, poderá começar agora.
 - Quero e estou muito curioso ou com vontade de aprender – ri.
- Cumprimentei Fernando, simpatizamos um com o outro. Segui-o e começou uma nova fase ou experiência para mim.

II – Nas enfermarias da Colônia

- Venha comigo, Guilherme, o levarei para conhecer o nosso hospital – disse

Fernando gentil.

O, ou os, hospitais, porque conforme a Colônia há mais de um são, são grandes e confortáveis. E meu cicerone explicou:

- Os imprudentes são muitos, erros nos perturbam e a recuperação se faz necessária. São muitos os doentes, desencarnam e trazem enraizados em si os reflexos das doenças que tiveram.

Entramos pelo portão principal, a recepção é espaçosa, ali se obtêm informações de seus trabalhadores, internos e o movimento é grande.

Tem diversas salas, para atendimentos a visitas, da diretoria e por um corredor a bifurcação para as três partes ou alas do hospital.

Uma Colônia difere de outra, cada uma se adapta a sua necessidade, mas se tem muito em comum. E sempre estes locais de socorro a doentes são divididos em grandes enfermarias coletivas em que são normalmente separados homens de mulheres. Em uns, há a ala ou parte infantil, em outras Colônias a infantil fica separada, na parte onde está o Educandário, local que só atende crianças. Neste, aonde fui com Fernando, à direita estava a ala dos que logo iam ter alta, no meio os que se encontravam recuperando e à esquerda os internos em estado mais perturbado, mais graves.

- Guilherme, você irá nos ajudar com os que estão para sair, é muito bonita esta parte do hospital – disse Fernando.

É cercada por muitos jardins, é também onde quase sempre estão os quartos individuais para alguns recém-desencarnados que fizeram por merecer um atendimento especial; tem em um de seus pátios uma casa de orações onde abrigados e trabalhadores podem orar independente da religião que tiveram quando encarnados. Ouvem-se muitas músicas suaves e convidativas a meditar, há uma bonita e vasta biblioteca e seus internos reúnem-se em salões para conversar e trocar idéias.

Na parte do meio, seus internos podem usar à vontade a biblioteca, também tem o salão de orações, ouvem música e orações, leitura do Evangelho; tem um jardim, mas seus abrigados estão ainda necessitados de mais atenção.

Na terceira ala só há as enfermarias, seus internos necessitam de mais cuidados, ficam quase sempre só nos leitos. Também há a terapia da boa música, a suave que acalma, são feitas orações duas vezes ao dia e tem também a leitura do Evangelho. Infelizmente poucos entendem o que escutam, porque estão muito perturbados.

Fernando foi me apresentando aos trabalhadores, mostrando tudo e após horas me olhou e disse:

- Guilherme, é bom vê-lo sorrir, alegrará nosso hospital, Doutor Sorriso...

Pronto, logo era conhecido pelo apelido carinhoso.

Encantei-me com os hospitais do Plano Espiritual, são bem organizados, limpos e onde também há muito trabalho e muitas vezes os trabalhadores são poucos para muitos doentes. Por isto não há mimos exagerados. E percebi logo que muitos internos gratos dão o devido valor à atenção recebida, enquanto

que outros reclamam de tudo.

- Doutor Fernando – disse uma senhora -, queria uma enfermeira só para me atender, às vezes fico com sede e tenho que esperar a boa vontade da atendente ou de uma colega para me ajudar. Sabe bem que fui privada, no final da vida encarnada, dos meus movimentos. Ainda tenho dificuldades de me mover.

- Dona Rita, a senhora tem que se esforçar para ser auto-suficiente. Não alimente a autopiedade. Quando doente encarnada foi uma pessoa que gostava que lhe tivessem dó, pena. Aqui é diferente, sabemos que pode esforçar-se mais para melhorar, que é possível pegar o copo d'água. Infelizmente não podemos atendê-la. Há muitos doentes para poucos trabalhadores. A senhora deveria ficar boa logo e se tornar uma enfermeira, seria ótimo – orientou-a Fernando.

- Pobre de mim, nem mexo os braços!

Começou a reclamar, Fernando ia passar para atender outra e ela em impulso o segurou.

- Dona Rita, por favor, a senhora já está aqui há tempo, sare, seja útil, não tenho dó da senhora e não deveria ter de si mesma! Tenho muitos outros para ver e não posso dedicar-lhe mais tempo. Por que não levanta e vai ao jardim conversar um pouco?

- Eles só querem falar de si, não me deixam falar de mim – queixou-se ela.

- Ou é o contrário? Conhecemo-nos há tempo. Que a senhora sabe de mim além do nome? E eu sei tudo da senhora. Necessita, Dona Rita, sarar e ser útil! – afirmou Fernando.

- Poderia ao menos puxar o meu lençol? – indagou lastimosa.

- Não, a senhora me pegou no braço e me puxou, pode levantar o lençol. Vamos, tente!

- Não consigo!

- Tente de novo, nada a impede, Fernando falou em tom baixo mas forte.

Comecei a entender que havia doentes e não especificamente doenças.

E Dona Rita ainda ficou tempo sendo necessitada, porque ela gostava, preferia a ser auto-suficiente e útil a outros. Foi recomendada a reencarnação

numa família pobre onde seria obrigada a trabalhar, não tendo quem lhe fizesse nada, aprenderia a fazer para si e quem sabe seria uma pessoa útil a outros. Achei ótimo trabalhar no hospital, comecei oito horas e fui aumentando.

O trabalho é muito. Morava com vovó e outros amigos. Ia sempre a palestras e as minhas preferidas eram sobre medicina. Aprendi muito e as achava fantásticas. Um dia, indaguei a Fernando:

- Por que os médicos encarnados não sabem destas novidades?

- Tudo que a ciência do Plano Físico sabe, primeiro desenvolvemos aqui – respondeu meu amigo.

- É fenomenal! Aprendi e estou aprendendo tantas coisas que nem parece que estudei Medicina um dia.

Trabalhei tempo na ala dos que logo receberiam alta. Encantava-me

com os jardins e era lá que conversava com os internos.

- Você, Isa, deve esquecer o esposo. Ele preferiu ficar vagando.

- Não é uma pena? Queria ele comigo! Preocupo-me tanto. E se ele for preso e for parar no Umbral? – falou Isa preocupada.

- Todos nós temos a lição que necessitamos para aprender. Seu esposo é esperto e tem um irmão que está sempre com ele. Cuide da senhora, necessita recuperar logo. Auxiliava a muitos com sua mediunidade quando encarnada e está quase pronta a continuar ajudando – falei.

Esforçava-me para aprender para ajudar com conhecimentos. Logo percebi que muitas pessoas gostam que tenhamos dó delas, que as atendamos e as escutemos. Mas a autopiedade não pode ser alimentada, ela faz muito mal a quem a cultiva.

- Doutor Sorriso, que belo apelido, também queria ter motivos para sorrir – disse Miguel.

- Por que não o faz? Que o impede? – indaguei.

- Só tenho motivos para chorar. Trabalhei muito encarnado e deixei uma pequena fortuna que agora está servindo de motivos de brigas entre minha família. Queria que fossem amigos e repartissem tudo com justiça – falou Miguel.

- Já que não está mais no mundo físico, deveria esquecê-lo. Você não sabia que ao desencarnar, ter o corpo físico morto, não traria nada e que tudo seria dividido pelos filhos? Ore por eles e evite pensar em desavenças. Cuide de você para sair daqui logo, depois irá aprender a viver desencarnado e ser útil para um dia ir ajudá-los. E deveria sorrir, é melhor e mais agradável do que ficar sério e triste.

Dois senhores, vizinhos de leito, tornaram-se amigos e conversavam muito. Às vezes participava por minutos de suas conversas.

- Doutor Guilherme – disse um deles -, encarnado tive bens materiais, julgava ter mesmo, que era dono, desencarnei e a eles fiquei preso. Foi muito triste.

- E eu – disse o outro -, nada tive a não ser o desejo forte de tê-los, também desencarnei e fiquei preso ao desejo. Igualmente não foi fácil, sofri também.

Os dois calaram-se e me olharam esperando minha opinião.

- De fato, tanto o que se julga possuidor e aquele que deseja imprudentemente, até inveja possuir, prendem-se a eles até que entendam que se deve ser livres de posses e desejos. Porque nada temos nosso, até o corpo físico nos é emprestado pela natureza e temos que devolvê-lo.

Se somos agraciados pela riqueza material, devemos compreender que somos administradores e que ela será devolvida, imprudentes aqueles que pensam ser dono dela. Há pessoas que, encarnadas, foram administradores de grandes bens e a eles não ficaram presos, agiram sabiamente. Outros, desprovidos de tudo, não tiveram desejos de posses, estes passam pelo mundo sem desejar o mundo.

- O senhor teve este problema? – indagou um deles.

Pensei por momento e respondi.

- Não. Como encarnado tendo que viver no meio das coisas terrestres, tinha que lidar com elas, nunca julguei serem minhas, fui administrador de pouco e não tive desejo de possuir, até tive como obter mais, mas não dei importância a isto – respondi.

- Dá para ver a diferença entre nós dois e o senhor, Doutor Sorriso. O senhor foi um possuidor sem ser escravo, foi, é livre e, nós nos tornamos presos, escravos do que julgávamos ou que desejávamos ter.

- Meus amigos, tudo é de Deus, legado a nós – respondi.

Deixei-os aquele dia a pensar...

Tempo depois, quis ir trabalhar nas outras alas e me foi dada permissão, embora avisado que veria muitas tristezas. Fui apresentado a Corina, uma médica responsável pela ala do meio.

- Corina, foi médica encarnada? – perguntei curioso.

- Não, encarnada fui enfermeira, estudei Medicina desencarnada, amo muito o que faço. Quando estava no Plano Físico, era difícil mulher estudar e ser médica. Primeiramente ela me levou para conhecer os internos mais graves na ala três. Tudo era tristeza e sofrimento, vi desencarnados, feridos, doentes e enlouquecidos, a maioria estava adormecida e tendo pesadelos cruéis.

- São recordações – explicou Corina – de erros, de reações e da estadia vagando ou do Umbral. Mas a maioria vê seqüentemente as maldades de que participaram ou fizeram.

- Não acordam? – quis saber.

- Sim, quando fazem só falam nos erros e, se estão muito perturbados, acabam adormecendo novamente. Mas quando despertam mesmo, melhoram e aí começa um outro tratamento, evangelização, orações, as conversas que os farão entender a necessidade de mudar para melhor. Fui servir a ala dois e Corina seria minha orientadora. Fiquei responsável por uma enfermaria, embora sempre visitasse outras. Tinha muito tempo, havia aprendido a alimentar-me tirando o alimento da natureza e raras vezes pelo meu trabalho tomava um suco ou caldo. Não dormia, assim dispunha de todas as horas do dia para o trabalho, pouco era meu lazer, mas estudava, queria dispor de mais conhecimentos.

Um desencarnado havia sido transferido para a enfermaria em que trabalhava. Era um moço de vinte e seis anos, muito bonito, moreno de cabelos pretos e bem penteados, não conseguia mexer com o corpo, só movimentava com a cabeça e pedia sempre:

- Doutor, por favor, penteie meus cabelos!

Não conversava muito e só quietava se penteasse seus cabelos.

Respondia as indagações de forma confusa. Curioso, perguntei a Corina:

- Por que ele tem idéia fixa com os cabelos?

- Este rapaz faz dez meses que está aqui, esteve no Umbral por dois anos, logo estará bom. Quanto a sua fixação pelos cabelos, por que não

lê sua mente? – indagou Corina sorrindo.

Sentei ao lado de seu leito, esforcei-me e vi o que ele pensava. Este ver é complicado para explicar, é como pensar com o outro e entender o que se passa na mente dele. Neste caso, do moço, estava a recordar. Vi como um filme, mas às vezes se vê de forma vaga, outros só se sente o que se passa.

Ele era modelo de propaganda de produtos para cabelos, suas fotos estavam em revistas, jornais e fez sucesso, as garotas estavam sempre atrás dele, muitas querendo só passar as mãos em seus cabelos.

Numa noite, saindo de um lugar movimentado, entrou num carro dirigido por outro moço; nem bem saíram, um outro veículo com muita velocidade, dirigido por um motorista bêbado, bateu neles o fazendo derrapar, a porta abriu e ele caiu, ficou quieto no chão protegendo a cabeça e as pessoas gritavam: “sai... sai...” E ele não se moveu, um ônibus que vinha correndo não deu para parar e o atropelou, desencarnou quando ia para o hospital. Penalizei-me e ele balbuciava: “Sai! Corre!”

“Ainda bem que ficará bem logo!” – murmurei.

De fato, meses depois foi transferido para a outra ala e depois foi estudar. Só que era uma pessoa triste, não queria ter se desencarnado. Ele ficou no Umbral por dois anos por ter revoltado e porque queria vingar-se do motorista, que na hora estava bêbado e foi a causa do acidente. Só quando perdoou que foi socorrido. E esta tristeza acontece muito com desencarnados por aqui, na Colônia: ficam tristes por não aceitarem a morte do corpo físico. Acham o Plano Espiritual lindo, a forma de vida do socorrido agradável, mas preferiam a vida encarnada. E estes, logo que possível, voltam ao Plano Físico pela reencarnação.

Manoel, um velhinho de sessenta e cinco anos, também me chamou a atenção, ficava só sentado e falando coisas incompreensíveis, sua expressão era de muita perturbação. Havia desencarnado fazia vinte e três anos. Li seus pensamentos. Foi um fazendeiro rico, havia sido dono de muitas terras e gados e durante sua vida encarnada acumulou ouro e escondia dentro de uma almofada de seu sofá. Teve somente duas filhas, ficou viúvo muitos anos, não quis casar de novo temendo que o fizessem por seu dinheiro. Como todo avarento, não viveu com conforto e nem deu a suas filhas e as fez casar com homens ricos e ambos os genros muito mais velhos que elas. Nos últimos anos morava só com um empregado, não recebia visitas, não gostava nem que as filhas viessem vê-lo, temia que descobrissem o ouro e que lhe roubassem. Ficava a maior parte do tempo sentado em cima do seu esconderijo vigiando. Desencarnou sentado, as filhas vieram para o enterro, fecharam a casa, depois de um tempo venderam a fazenda e quem comprou doou os móveis para um asilo.

Ao desencarnar ficou confuso e permaneceu no antigo lar, quando venderam tudo, odiou as filhas e perturbou-se mais. Quando foi doado seu sofá para o asilo, não pôde ir junto e foi para o Umbral, imaginou-o e ficou sentado,

vigiando seu ouro.

Foi após muitos anos que uma senhora idosa achou o ouro e foi uma festa, reformaram o asilo, melhorando o atendimento. Manoel foi socorrido após muitos anos e ali estava se recuperando. Ainda se imaginava sentado e vigiando seu ouro. Quando nos prendemos a algo, seja pelo ódio ou ambição, a eles ficamos presos. Ele sofreu, sofria, mas fixou-se no objeto de sua posse e ficou possuído. Como é triste sermos escravos daquilo que nos é emprestado. Somos donos de quê? De nada, já que quando desencarnamos, o que é material fica, nos acompanham só nossas ações, as boas e as más. Manoel ficou tempo na enfermaria, quando melhorou contava sua história a todos e terminava dizendo: “Que triste foi minha vida! Nem amizade tive de medo que me roubassem. Não vivi, vigiei meu ouro!”

Também interessei-me por uma moça, Neuzinha, magra, miúda, desencarnou por uma pneumonia dupla que não foi tratada. Balbuciava: “Perdão! Fui má! Coitados! Minha irmã!”

Passei a visitá-la numa enfermaria feminina, dormia, acordava e ficava parada, olhos distantes, a balbuciar. Se falávamos com ela, parecia por minutos ouvir, depois voltava a ficar alheia. Lendo seus pensamentos, soube de sua história. Sua vida foi muito movimentada. Era filha de uma mendiga, sua mãe teve vários filhos e deu-os, só ficou com ela e com Marina, mais nova dois anos.

Ensinou-as a pedir esmolas e com a genitora aprendeu a fumar e beber. Aos treze anos foi estuprada por um amante de sua mãe. Revoltada, começou a roubar e a prostituir-se. Sempre foi levada e briguenta. Fera à facada uma colega e foi presa por três meses. Fazia qualquer coisa por dinheiro e passou a entregar drogas. Sua irmã Marina, ao contrário dela, era boa, trabalhadeira, estudou até a quarta série e depois arrumou emprego de doméstica e babá. Dormia no emprego, tentava ser honesta, via raramente a mãe e a irmã. Os patrões gostavam dela, trabalhavam e deixavam os filhos com ela e as crianças a amavam.

Neuzinha uma vez brigou com a mãe e lhe deu uma grande surra, os vizinhos acudiram, senão ela teria matado-a. Tempo depois a mãe desencarnou e ela passou a viver sozinha. Um dia ela foi visitar a irmã e viu seu patrão e se apaixonou por ele, este não quis nada com ela, que passou a assediá-lo. Querendo pôr um basta, ele proibiu que viesse em sua casa, foi duro com Neuzinha, deixando claro que não se interessava por ela. A garota, inconformada, preparou uma vingança. Esperou que os patrões saíssem, pediu para Marina para entrar só um pouquinho, as crianças brincavam na sala, ela pediu água à irmã e, quando esta foi buscar, Neuzinha pegou-as e saiu correndo. Pegou um ônibus na esquina que as levou para fora da cidade onde passava um grande rio e as jogou, pensou que elas não iam morrer, que alguém as salvaria. Mas desencarnaram. Quando Marina voltou à sala e não viu a irmã e nem as crianças, pensou que Neuzinha estivesse brincando com elas, as chamou, procurou, mesmo com medo telefonou para os patrões, estes vieram logo, procuraram,

chamaram a polícia, estes não acreditaram em Marina, a prenderam. Foi torturada para que contasse o que fizera com as crianças. Dois dias depois acharam os corpos delas, o menino de três anos e uma menina de ano e meio. Como contava sempre a mesma história, a polícia procurou Neuzinha e esta negou tudo, dizendo que a irmã mentiu. Mas, o motorista do ônibus e alguns passageiros foram à delegacia e contaram o que viram. Neuzinha foi presa e, ao ver a irmã toda machucada, teve medo. Foi reconhecida pelo motorista e presa. Como fumava e bebia muito, estava fraca, adoeceu e desencarnou meses após. Ficou vagando, foi para o Umbral e foi acolhida muitos anos depois por socorristas e ficou tempo no hospital da Colônia. E toda vez que se lembrava das crianças sumindo no rio, chorava, estremeceia apavorada. Curioso, quis saber da outra, a irmã, e pude visitá-la. Marina foi muito maltratada na prisão, quando saiu, estava muito machucada e a levaram para um hospital de religiosas, as irmãs apiedaram-se dela e a ajudaram; quando boa, quis ser freira e se tornou uma religiosa caridosa e foram as suas orações o único consolo para Neuzinha.

Um senhor lamentava indignado:

- Fui injustiçado! Trabalhei para o bem das pessoas e fui pobre. Cansei de tanto fazer as coisas para os outros e larguei. Ajudava e não era ajudado. Desencarnei e vim para esta enfermaria, me disseram que estava perturbado e que fiquei no meu ex-lar lamentando pelo que fiz e o que deixei de fazer. Mas, minha mágoa foi ter feito e nada recebido.

Observei-o, pensei por momentos para lhe responder.

- Amigo, você fazia o bem por troca. Não foi verdadeiro seu trabalho. Porque não há troca do bem espiritual pelo material. Pena, o senhor não conseguiu ser feliz, perceber que este receber não é material. É no exercício do bem que nos tornamos bons.

Ele sorriu sem graça e pôs-se a meditar no que falei.

Gostava de conversar com Vicente, ele era um trabalhador dedicado e comentava sempre:

- Um abrigado difere muito do outro. Os que gostavam, gostam de trabalhar, mesmo necessitados reagem mais facilmente, logo que melhoram, têm vontade de fazer algo. Enquanto os ociosos, que gostam mais de serem servidos, ficam mais no leito, creio que seja para que se cansem da ociosidade. Gosto tanto de trabalhar, ser útil, o não fazer nada seria para mim uma tortura e para outros a tortura seria o contrário. Olhe, aí vem João, é uma afirmação do que digo.

- Bom dia, João! Vai ao jardim?

- Vou, não tenho outro lugar para ir, lá me distraio! – comentou.

- Tem muito tempo livre, não é? – perguntou Vicente.

- Não posso fazer nada, estou doente... – lamentou.

- E não quer sarar... João, a Colônia não abriga por muito tempo ociosos. Já podia ter sarado, sabe que só tem reflexos da doença. Vamos, reaja!

Necessitamos de pessoas úteis e laboriosas.

- Estou me esforçando...

E saiu rápido.

- É sempre assim – explicou Vicente -, João nunca gostou de trabalhar, quando necessário fazia pouco que lhe parecia muito. Adoeceu e ficou impossibilitado de trabalhar, andava com dificuldade, obrigado a um descanso e nem assim se saturou. Desencarnou e aqui prefere continuar doente a ter que trabalhar.

- Que acontecerá com ele? – perguntei.

- Poderá ficar mais um tempo nas nossas enfermarias, depois irá para uma escola e terá que fazer tarefas além de estudar, se o fizer e adaptar-se à vida útil, poderá ficar conosco, mas senão, deverá reencarnar numa situação em que aprenderá pela necessidade a trabalhar.

- E você Vicente, gosta do que faz? – indaguei.

- Muito! O trabalho para mim é aprendizado e ao mesmo tempo fixação do que aprendi e, como aprendo. Guilherme, trabalhei muito encarnado e o faço aqui há anos, no Plano Espiritual. Desencarnei e fui socorrido, voltei ao ex-lar, porque era apegado a eles, mas ficar com eles sem fazer nada me agoniou e entendi que estava me prejudicando, roguei com sinceridade auxílio e vim para cá e desde então tenho tentado ser útil.

- E os seus familiares? – perguntei.

- Estão bem, com problemas que encarnados costumam ter, mas eu, agora sim, posso ajudá-los, não fazendo a lição para eles, mas incentivando-os a fazer o que lhes compete do melhor modo possível.

Era sempre agradável conversar com Vicente.

Lucinda logo ia receber alta, mas estava sempre a reclamar.

- Errei muito e o remorso me dói! Como gostaria de ter vivido diferente.

Por anos estive velha e doente, vivi sozinha e tinha três filhas, bem, foram quatro, mas uma, a melhor, a que me amava e compreendia, desencarnou ainda jovem, aos trinta anos. Elas não quiseram morar comigo, tinham suas vidas e eu seria mais um problema, diziam que eu tinha o gênio difícil, etc. Uma das minhas filhas era muito rica, morávamos perto, ela nem ia me ver, só raramente. Dava-me dinheiro só para o necessário e ainda reclamava. Quando desencarnei, logo que entendi o fato, saí de onde estava, tinha sido levada para um Posto de Socorro, e fui me vingar das filhas ingratas.

Aprontei muito. Mas um dia vi minha filha querida e ela foi enérgica comigo:

“Por que se vingar? Pense de modo sincero se estes anos doente e sozinha não foi reação. Que fez para merecer o afeto delas? Deixe-as com suas reações, porque elas virão, como veio para a senhora. Venha comigo.

Amo-a!” Chorei muito e vim, aqui estou e minha filhinha logo virá me buscar para morarmos juntas. Fui orgulhosa, arrogante, mandona, realmente não era fácil de conviver e lamento muito, mesmo desencarnada prejudiquei minhas filhas.

- Não deveria lamentar o erro, nada muda, fazendo isto só aumenta, tornando-os maiores. Coragem, irá sair daqui e estará apta a ser útil. Faça o bem, aí anulará o mal feito – animei-a.

Realmente é assim mesmo, remoer desacertos não nos leva a nada; se quisermos anular, reparar, é fazendo o bem, sendo útil e isto nada nos impede, porque em qualquer lugar que estejamos temos muito que fazer.

No caso de Antônia, uma desencarnada que vagou pelo Umbral, tinha muito remorso, não queria ser socorrida, julgava-se indigna. Havia, encarnada, deixado o companheiro incriminar seu filho de um roubo, acreditou no amante, que ele, menor de idade, não ia ficar preso, mas o menino foi preso e assassinado na prisão. Ficou perturbada pelo arrependimento e veio logo depois desencarnar de forma brutal, assassinada pelos rivais do companheiro. Mas no Umbral ajudava ora um, ora outro, consolava, buscava água, tentava fazer curativos. O orientador de um Posto de Socorro foi buscá-la e ofereceu o abrigo para que ela ajudasse melhor, foi e logo que chegou pôs-se a trabalhar. Com jeitinho foi orientada, sempre ajudando. O filho a perdoou e incentivou-a a aprender, ele estava no Educandário, era uma pessoa boa e alegre. Ela foi transferida para a Colônia, onde fez curso de enfermagem, trabalhava conosco mas logo ia para o Posto de Socorro e desta vez com conhecimentos para auxiliar com precisão.

Também tem a história de Leônidas, que havia num impulso matado numa briga um homem, foi preso e, como ajudou, foi útil na prisão, dava conselhos, escrevia cartas, as lia, cuidava dos doentes e até passou a ser enfermeiro.

Todos gostavam dele, era respeitado. Desencarnou doente, foi socorrido, estava na ala dos recuperados porque necessitava de um tratamento que o ajudasse a desfazer-se do remorso de ter assassinado uma pessoa. Logo estaria estudando para ser um enfermeiro com conhecimentos, era seu sonho.

- Ei, Doutor Sorriso, o senhor acha que tenho jeito? – perguntou Isabel, uma interna que ficou anos na ala dos abrigados graves e que, agora melhor, perguntava a todos isto. Sorri para ela.

- Quando não se quer, não se tem resultado. Não basta só dizer que quer e não colocar nossa força interna, vontade para realmente mudar. E todos nós temos jeito, basta querer transformar-se para melhor.

- Doutor Sorriso, por que não fui boa? Tive oportunidades de ser, poderia ter sido como o senhor e estaria talvez ajudando e não sendo ajudada.

- Pode reverter este quadro – respondi. – Tente recuperar-se o mais depressa possível para estar auxiliando.

- Como estive errada! – exclamou. – Fui uma pessoa que só pensava em sexo, estive voltada só para o prazer. Adolescente, fui parar num meretrício, fiz abortos, não queria que filhos deformassem meu corpo, a velhice chegou e fiquei dona de uma casa de prostituição. Desencarnei e fiquei revoltada; depois, querendo prazer, ficava perto de pessoas encarnadas como eu, muito sensuais. Um dia fui levada por desencarnados ao umbral, sofri muito, fui escrava e obrigada a servir com taras a desencarnados. Entendi que eu também tinha tara, arrependi-me,

pedi ajuda e socorristas me auxiliaram.

- Filha – a tratei de forma carinhosa -, sexo deve ser usado e não abusado, como tudo em nossa vida, tem que ter um controle. Você viciou e deve esforçar-se para normalizar, aprender a lidar com esta força. Nada como ter um objetivo maior para nos livrarmos de qualquer desvio. O trabalho é uma grande terapia, ainda mais se fizermos por ele bem aos outros.

- O que fazemos ao próximo, a nós mesmos fazemos, não é verdade? – perguntou Isabel.

- É verdade! E você não calcula quanto bem fazemos a nós sendo útil a outros. Ame a si mesmo, filha, e ao próximo. Comece a ser útil e verá que a paz irá aos poucos manifestando-se em você. Tem jeito e como tem, e para melhor, sem dúvida!

Sorrimos.

Meu trabalho nas enfermarias da Colônia chegou ao término, um outro teria que ser iniciado e agradei com alegria novas formas de trabalho para continuar meu aprendizado.

III – Conhecendo o Umbral

Fomos de aeróbis da Colônia para um Posto de Socorro localizado no Umbral. Logo vi porque chamava Fonte de Luz. Do alto vimo-lo como um ponto luminoso, uma verdadeira fonte de luzes. Muito bonito!

Chegamos ansiosos por conhecer tudo, éramos onze que faríamos um trabalho de aprendizado por meses neste posto, com objetivo de conhecer o Umbral e principalmente seus moradores.

- Por aqui, amigos, vou lhes mostrar seus alojamentos! – disse Marcinda, nossa cicerone.

O alojamento que ela disse, era uma sala, ou quarto, um lugar nosso particular enquanto estivéssemos no Posto. Ficaria com Antônio. A sala tinha dois leitos, onde poderíamos descansar, se necessário, mesa, cadeiras e uma escrivaninha. Deixamos alguns pertences e nos reunimos novamente no pátio. Marcinda nos mostrou o local.

- Aqui é o pátio Central, que dá acesso a todo Fonte de luz. Ali temos um pequeno jardim, do lado esquerdo estão nossos alojamentos, biblioteca, o salão da prece e a sala de música. No centro os quartos especiais, que deverão visitar depois, ao lado direito, as enfermarias com nossos abrigados.

- O posto está sempre assim, lotado? – quis saber Doralice.

- Sim, sempre – respondeu Marcinda. – Os abrigos, casas de socorro localizadas no Umbral, sempre estão com suas enfermarias na sua capacidade máxima. Os imprudentes são muitos... Os trabalhadores que socorrem na Zona Umbralina estão sempre nos trazendo necessitados, como também, estamos sempre transferindo-os para as Colônias.

Vi todo o posto, era muito singelo. O jardim era muito limpo e com

flores variadas. O salão de palestra era grande e confortável. Marcinda explicou: - Usamos mais, nós os trabalhadores daqui, este salão, que os abrigados. Sempre temos palestras interessantes que nos incentivam ao trabalho produtivo, concertos com músicas que nos elevam e até peças de teatro que nos instruem com prazer.

O salão da Prece também é interessante, ali trabalhadores e os abrigados, os já melhores, vão orar; a biblioteca tem livros bons, instrutivos que orientam de modo agradável.

Na primeira noite fomos brindados com um concerto de piano com músicas lindíssimas.

Logo após foram nos dadas tarefas. Ajudaria em uma enfermaria masculina. Não difere muito das da Colônia, tudo limpo, organizado e os necessitados cuidados da melhor maneira possível.

Por duas vezes ao dia são feitas preces que são transmitidas por todo o posto, também são lidos trechos edificantes de bons livros e do Evangelho e ouvidas músicas suaves.

A preocupação dos internos melhores quase sempre é a mesma, a família.

- Doutor, o senhor não sabe dos meus familiares? Estou aflito por eles, sinto-os em dificuldades – me disse um senhor.

- Dificuldades todos nós temos. Levarei seu pedido ao orientador, espero poder trazer a você notícias deles. Quanto tempo faz que desencarnou?

- Falaram-me que faz tempo, mas eu não sei. Queria saber deles para aliviar minha angústia.

Fui até o encarregado de notícias e expus o problema, era o primeiro pedido que recebia ali.

- Guilherme – esclareceu pacientemente o orientador – temos uma ficha de cada interno com seus dados principais com algumas notícias, as mais importantes, de suas famílias. Amigo, você viu as enfermarias, que achou delas?

- Estão lotadas, quase todos os leitos ocupados, internos muito necessitados, a maioria com remorso, muitos nem sabem que desencarnaram. Há muito trabalho e poucos trabalhadores – respondi.

- É muita alegria receber voluntários para nos ajudar – disse o orientador – mesmo que sejam temporários como seu grupo. E logo verá que muitos querem ser auxiliados com exclusividade, entendemos que não é à toa que querem ser servidos, porque se quisessem servir, seriam um dos trabalhadores.

Não há tempo para os muitos pedidos. Venha, vou lhe mostrar a ficha deste senhor.

O orientador foi comigo à sala de cadastro, onde estão os fichários e me deu uma ficha para ler. Era do meu pedinte. Nome, datas e o que me

interessava: aquele senhor viveu alheio a família, não deu importância à esposa fiel e trabalhadeira, não se importou com os filhos. Havia desencarnado fazia tempo, ficando muito no Umbral. No momento a esposa já havia desencarnado e estava numa Colônia, os filhos tinham problemas mas estavam bem, uma de suas filhas teve o filho desencarnado por acidente ainda jovem.

- Desculpe-me – pedi -, vou prestar mais atenção a pedidos.

O orientador sorriu e eu voltei ao trabalho. Disse tudo que li sobre sua família a ele.

- Mas isto já sei, não me disse nada de novo!

Nem agradeceu. Muitos abrigados exigem, sem ter idéia do que seja servir. E a todos que me pediam, lia nas fichas e dizia. Não seria possível ir até os familiares de cada um saber mais para eles. Em Posto de Socorro, principalmente os do Umbral, dificilmente se têm aparelhos em que possam os abrigados ver seus lares. E a visita deles a entes queridos é difícil, porque estas devem ser feitas com eles melhores, recuperados de remorsos, reflexos de doenças e perturbações. Mas nada é regra geral, muitos internos para que melhores, muitas vezes são resolvidos problemas familiares. É um fato que perturba muito recém-desencarnados são brigas por heranças. É triste, às vezes o abrigado tem que ser adormecido para ser ajudado.

Fui conversar com um moço, deveria ter desencarnado com trinta anos.

- Como está passando? Como se chama? – perguntei gentilmente.

- Luís Cláudio. Estou muito mau! O senhor é médico? Eles não me deixam ver minha família e nem que eles venham me visitar. Faz tempo que estou aqui, já melhorei. Sofri um acidente feio com meu caminhão, por pouco não morri. Quero ver minha mãe, às vezes sinto-a me chamar e chorar.

- Você disse que está mau e logo depois que melhorou – falei sorrindo.

Ficou quieto. Ele tinha ferimentos e queimaduras pelo corpo perispiritual. Reflexo que teimava em manter. Tinha momentos de lucidez para logo depois perturbar-se novamente; por mais que lhe falasse sobre desencarnação, ele se iludia, não prestava atenção, fazia de conta que não era com ele, isto estava retardando sua recuperação.

- Luís Cláudio – disse com carinho -, seu corpo físico morreu naquele acidente; você, sua alma, seu espírito continua vivo e...

- Olhe o caminhão! A barra da direção quebrou! Meu Deus! Vou bater!

O barranco! Socorro!... – começou a gritar.

Abracei-o e tentei acalmá-lo com palavras carinhosas:

- Calma, meu amigo! Já passou! Está entre pessoas que o amam. Vamos orar:

“Jesus, nosso irmão e mestre, ajuda-nos que estamos desgarrados de teu rebanho.

Dá-nos a bênção do teu amor e que possamos sentir teu afeto, tua paz e nos acalmar. Auxilia a fortalecer nossa confiança, ensina a amar e aceitar teus designos. Amém!”

Luís Cláudio adormeceu tranqüilo.

Tinha poucas horas livres e as passava conversando com os trabalhadores, ouvindo músicas, lendo ou estudando alguns casos interessantes.

Adriano nos convidou para visitar a parte central do Fonte de Luz.

Entramos por um corredor com vários quartos individuais.

- Alguns abrigados estão aqui por ordem superior – explicou Adriano.

– Só alguns postes têm esta enfermaria ou quartos individuais e que são trancados. Por motivos, porque sempre tem motivos, alguns

necessitados ficam separados. Eles não saem sem permissão, só recuperados que poderão juntar-se aos outros. Ao conhecê-los, vocês entenderão o porquê deles estarem aqui.

Nosso orientador parou na primeira porta e continuou a explicar:

- A interna que verão agora foi uma religiosa na terra, está aqui após ter vagado por setenta e cinco anos em zonas tenebrosas e fazendo o mal.

Quando começou a arrepender-se, um espírito boníssimo que foi seu pai na última encarnação intercedeu por ela e a trouxe para cá; não sairá daqui até que queira de fato mudar.

- Se libertada, voltará ao mal? – perguntou Inácia.

- Acreditamos que sim – respondeu Adriano. – Venha, vamos conhece-la!

Abriu a porta e vimos, sentada na cama, uma mulher aparentando trinta e cinco a quarenta anos, bonita, vestida de hábito marrom. Sorriu para nós, simulando santidade e suavidade.

- Ora, ora, temos visitas hoje? Quem são os belos rapazes, espero que sejam beatos...

Sorriu e se transformou, deixando-nos espantados, chifres apareceram na sua cabeça, alguns dentes cresceram, enrugou-se e gargalhou. Adriano continuou como se nada tivesse acontecido. Colocou as mãos sobre sua cabeça e orou, enquanto Efigênia, uma servidora da Fonte de Luz arrumou o quarto; passado o espanto, pusemo-nos também a orar. Ela aquietou-se e seus erros passaram por sua mente; para aprender, entender, pudemos captar estas lembranças: Foi para o convento mocinha, tinha dezesseis anos, nos primeiros tempos foi boa freira, depois foi decaindo, amante de outros religiosos, à noite trocava de roupa, saía escondida do convento, indo prostituir-se, fez três abortos, descaminhou outras religiosas, roubou dinheiro de esmolas. Uma vez uma superiora desconfiou e ela a matou com veneno. Desencarnou com câncer nos pulmões; desligada por trevosos, com eles ficou continuando suas maldades e depravação. Nutriu inveja por pessoas boas, tinha ódio de quem praticava o bem. Transformou-se novamente, agora numa mulher sofrida e triste, chorou. Com a mão nosso orientador nos fez entender que era hora de irmos embora.

- Fique com Deus, filha! Que o Pai a abençoe! – disse Adriano se despedindo.

Ao fechar a porta, nosso cicerone explicou:

- Ela arrependeu-se dos erros mas ainda falta acabar com o ódio que tem por pessoas honestas. Creio que levará mais algum tempo para receber alta e quando o fizer, seu pai deverá levá-la para reencarnar, terá a graça de recomeçar com o esquecimento em outro corpo físico.

Antes de entrar no segundo alojamento, Adriano nos falou:

- O ocupante deste quarto na última encarnação, foi deficiente físico e mental, mesmo assim não conseguiu ainda fazer com que o ódio e revolta abrandasse, viveu dezenove anos abandonado pelas ruas e obsediado. Quando desencarnou, o trouxemos para cá para que não continuasse sendo perseguido. Necessita de perdão e que perdoe a si mesmo. Em encarnações anteriores foi sempre muito autoritário, cruel, ladrão e fez conseqüentemente muitas vítimas,

inimigos que não o perdoaram.

Entramos, vimos sobre a cama um ser deformado, corpo pequeno, magro, moreno escuro, lábios grandes, olhos puxados, careca e testa larga; sorriu para nós.

- Oi Tiãozinho! Como está?

Balançou a cabeça rindo. Arrumamos o quarto e nos reunimos em torno dele para orar lhe dando um passe. Depois Marcinha, uma moça da nossa equipe, perguntou curiosa:

- Ele não poderia estar na Colônia com outros jovens? Por que está aqui sem poder sair?

Adriano sorriu e respondeu tranqüilamente:

- Muito já foi feito para sua recuperação sem resultado satisfatório, porque, mesmo tendo ainda o reflexo do físico deficiente e estando aqui, não deixou de odiar, é revoltado, sendo assim, não se fez merecedor de ir para uma Colônia. Está aqui porque é o melhor local onde poderia ficar no momento. Ódio une, se deixá-lo em enfermaria comum no posto, com certeza irá até seus inimigos. Se lerem seus pensamentos, verão que confunde tudo, as lembranças das últimas encarnações passam como um filme e ele vangloria-se de seus erros. Só foi socorrido após ter desencarnado nesta encarnação porque foi doente e também em benefício as suas vítimas, agora algozes, para que estes sem a presença dele, esqueçam e perdoem.

- Compreendo – desculpou-se Marcinha. – Como será seu futuro?

- Terá um tempo determinado para ficar aqui. Sua recuperação dependerá dele. Terá que reencarnar...

- Se não se recuperar, voltará ao corpo físico deficiente? – perguntei.

- O corpo carnal age como um filtro – respondeu Adriano. Si, se não se recuperar, deverá voltar de novo deficiente, mas desta vez terá uma família que o auxiliará.

- Ao errarmos, não calculamos o peso da reação! – exclamou Glória penalizada. Ficamos em silêncio e vimos que ele pensava. Rindo, pois ria muito, mandava castigar quem lhe desobedecia e seu castigo predileto era amarrar pessoas para que cavalos puxassem arrastando-as pelo chão. Assassinou muitas pessoas de modo cruel. Com o passe, Tiãozinho também ficou quieto, parou de rir e duas lágrimas correram pelo rosto.

- Ele reagiu à nossas energias! – exclamou Maura.

- Sim, e isto é bom – falou Adriano.

No terceiro alojamento tinha um homem que nos impressionou por ser muito feio. Arrumamos tudo, demos um passe e ele agradeceu.

- Obrigado! Deus os abençoe e proteja por não terem feito o mal que fiz. Como seria bom se eu também fosse como vocês! Agradeço ao Pai pelo castigo não ser eterno!

Saímos e aguardamos explicações e Adriano o fez:

- Este irmão morou muitos anos no Umbral, pertencia a um grupo desencarnado e fizeram juntos muitas maldades. Cansou, arrependeu-se e veio aqui pedir

auxílio. Está neste quarto porque seus ex-companheiros o chamam constantemente, sentindo-se ainda ligado a eles, poderia num destes apelos sair e voltar para a antiga forma de viver. Ele que nos implorou para ficar isolado porque teme ir para junto deles num destes clamores; aqui está seguro, não consegue sair. Ele sofre, angustia-se quando eles o chamam. Logo irá ser transferido para a Colônia, onde estudará e começará a fazer pequenas tarefas. Vocês sabem que aqui na Fonte de Luz, como em muitos outros postos, só entram com permissão, mas são livres para sair.

Adriano fez uma pequena pausa, indicou o outro quarto e falou:

- Aqui está uma mulher, desencarnou assassinada, foi uma ladra, uma viciada em adquirir objetos alheios. Não ligou por ter deixado o corpo físico e enturmou logo com um grupo morando numa cidade Umbralina, começou a roubar objetos de companheiros e se deu mal. Castigada, ficou presa num cubículo numa caverna; após muito sofrer, clamou por socorro e foi trazida para cá. E sabem vocês por que está aqui? Porque pegou das companheiras de enfermaria tudo que conseguia, água, alimentos, roupas. Uma das nossas assistentes, ao arrumar seu leito, achou entre seus lençóis livros, fotos, etc. As abrigadas agitaram-se. E o nosso coordenador achou melhor colocá-la aqui, está fazendo um tratamento recuperativo, logo irá para a Colônia, será internada no hospital na ala em que se recuperam vícios. Esperamos que ela entenda e supere, porque não cabe num lugar de socorro alguém que rouba objetos alheios.

Entramos no quarto, ela nos recebeu sorrindo, agradeceu educadamente o passe. Pareceu, a nós, completamente normal, entendia porque estava ali, queria largar o vício. Ao sairmos Adriano elucidou:

- Prendemo-nos ao vício, somos escravos dele, até que nos conscientizamos, lutamos e vencemos, aí nos tornamos livres. Roubar em muitos é um vício que não acaba com a morte do corpo físico, ela sentia prazer em fazê-lo. Por isto sofreu e quer superá-lo. Como vimos, não consegue sozinha, por isto irá fazer este tratamento na Colônia. Digo a vocês que é mais fácil livrarmo-nos de vícios quando estamos encarnados. Roubar é grave e como se pode sofrer por isto! Ouvimos uma sirene e Adriano esclareceu:

- São socorristas que chegaram do Umbral. Não querem ajudá-los?

Rápidos fomos ao pátio, trabalhadores vieram com dezenas de socorridos, necessitados de tudo; olhei penalizado, estavam em farrapos, quase todos sujos, olhares cansados ou perturbados.

Aproximei-me de uma senhora, transmiti a ela energias querendo ajudá-la, senti por momentos que ela sentia, em sua mente pensava cenas de sua vida. Via filhos e netos, teve uma existência normal, porém sem religião e não ensinou os filhos a ter uma. Acreditava que tudo acabava com a morte, revoltou-se com a mudança que teve que fazer quando seu corpo físico morreu, odiou a Deus, julgando-se vítima e que estava encarnada.

Um homem pegou em meu braço e pediu:

- Doutor, o senhor é médico? Ajude-me! Não quero morrer! Sou jovem,

tenho amigos, gosto da vida e já fui castigado o bastante nesta perturbação por uma dose excessiva. Por favor!

Observei-o e vi que também não sabia que havia desencarnado. Seus pais brigavam muito, não lhe dando atenção, resolveram separar-se e nenhum dos dois queria ficar com ele, foi morar com sua avó; insatisfeito, quis dar um susto nos pais, fez uso de uma overdose de cocaína e desencarnou, foi desligado por desencarnados trevosos que o levaram para o Umbral. Tudo que passou achava que era perturbação da droga.

Os socorridos foram separados, alguns encaminhados para as enfermarias e outros continuariam no pátio.

- Serão levados para um Centro Espírita na terra para serem doutrinados por incorporação numa sessão de orientação a desencarnados ou de desobsessão – explicou o coordenador.

Logo veio um aeróbis; eles, inclusive os dois que havia tentado ajudar, foram levados para a sessão que começaria logo após.

Alguns dos socorridos, um grupo de vinte, ficaram no pátio aguardando, porque seriam levados para a Colônia, só receberam os primeiros socorros ali mesmo no pátio; ficamos, minha equipe, com eles. Adriano, que veio encontrar-se conosco, explicou:

- Estes já estão em condições de ir para a Colônia, são três que vieram hoje e uns estão há tempos em nossas enfermarias e têm que dar acomodações a outros. Estão aptos para estudar e fazer algumas tarefas, o trabalho é o melhor remédio para nossas lamentações e dores.

Um senhor aproximou-se de mim.

- Como a morte é complicada! Quando meu corpo morreu, não acreditei, achei que estava louco, foi um caos. Fiquei furioso na minha casa por eles não me darem atenção. O que já estava difícil com minha desencarnação ficou pior e minha esposa foi a um terreiro que faz trabalhos espirituais pedir ajuda e eles me tiraram de lá e me deixaram no Umbral. Foi horrível! Mas fui socorrido, levado ao Centro Espiritual para que entendesse; compreendi e entristeci-me, não queria ter desencarnado. Saí daqui e voltei para meu ex-lar, só que fiquei esperto, não queria ser preso novamente, mas não achei mais graça, estava morto para eles. Sofri, perturbei-me e pedi abrigo aqui de novo. Agora vou ser transferido e estou com medo! Que irei encontrar! Como serei tratado? Que farei?

- Você irá gostar da Colônia, é muito bonita, irá aprender como viver sem o corpo físico; para isto irá estudar, fazer pequenas tarefas. Ânimo, alegria, será feliz – respondi.

O senhor suspirou, encheu os olhos de lágrimas, agradeceu e ficou no seu lugar na fila.

Três horas depois o aeróbis voltou, os que foram orientados desceram e Adriano nos pediu para conversar com eles, explicou:

- Alguns serão levados para a Colônia, outros ficarão aqui para ver se

realmente querem o socorro.

- Não entendo porque alguns não querem a ajuda oferecida se todos pediram socorro – disse Maura.

- Pedir quase todos pedem, mas alguns querem somente o alívio de seus padecimentos, ainda não amadureceram para serem socorridos sem perturbar o ambiente de socorro que se encontra. Outros não gostam do que temos a lhes dar, sem saber o que querem realmente, ficam aqui até que decidem; estes muitas vezes saem e voltam a vagar quase sempre nos ex-lares terrestres.

- Por isto que sabemos que muitos ficam neste vai-e-vem – falou Glória.

- Sim – esclareceu Adriano – até que queiram mudar, melhorar, largar de ser servido para servir.

Aproximei-me daquela senhora com que conversei anteriormente, ela estava chorosa e me disse:

- Que vergonha! Estava prejudicando minha filha! Pensando que ajudava...

- O importante agora é que, sabendo o que aconteceu, queira aprender a viver como desencarnada para não dar mais estes vexames – respondi gentil.

- Pensava que morria, acabava. Tantos voltam para contar, eu acabei de fazê-lo, mas era mais cômodo acreditar que tudo acabava com a morte.

O moço também veio dar sua opinião.

- Não é que morri, doutor! O senhor também é desencarnado como eles dizem, não é? Tem o corpo igual ao meu. Que estranho! Aquela perturbação não era da droga, era tudo verdade, morri e fui levado para um lugar ruim que merecia.

Agora que sei, vou para minha casa.

- Por que não faz o que foi recomendado? Vá aproveitar o tempo para aprender, continuar a viver de forma digna – falei.

- Perder o resultado do que fiz? Não queria suicidar-me, deu errado, arrisquei e morri e já que o fiz, quero ver se eles sofreram por isto – falou.

- Com certeza quem mais sofreu foi você. A vida continua lá e aqui.

Os encarnados têm a vida deles, você pode decepcionar-se. Não faça isto – pedi. Não me respondeu, entendi que ele voltaria; foram separados, a mulher foi para a Colônia, despediu-se de mim com um abraço, o moço ficou, foi para uma enfermaria. Sabíamos que ele voltaria a qualquer hora para seu ex-lar ou para perto dos pais. Perturbaria, sofreria, faria sofrer e estaria exposto a desencarnados mal-intencionados que poderiam pegá-lo e ser levado novamente para o Umbral. Mas a escolha seria dele.

Fiquei no pátio até todos serem recolhidos, Adriano aproximou-se:

- Está pensativo, Doutor Sorriso?

- Como tem doentes, como os reflexos do corpo físico são fortes em tantos desencarnados – respondi.

- Fala isto por ser médico, está a diagnosticar, meu amigo. Mas, quanto mais você atende, cuida, mais fixa seus conhecimentos. Quem dá cria uma fonte inesgotável. Quando se faz sem esperar nada em troca, sem segunda

intenção, caminha-se para a evolução.

- Você tem razão, obrigado – agradecei a preciosa lição.

No outro dia unimos nós, a equipe que veio estudar, Adriano e alguns trabalhadores que estavam acostumados a andar pelo Umbral, para visitá-lo.

O Umbral é um local interessante, triste, acidentado, barrancos, pouca vegetação, lamas, buracos, cavernas, pouca claridade, névoa, odor quase sempre fétido. Tem também muitas construções, algumas isoladas, outras agrupadas, que são chamadas cidades e que não cabia conhecê-las nesta excursão. Separamo-nos em grupinhos de quatro.

- É diferente rever o Umbral agora. Sabe, já estive aqui tempo atrás. Quando sofria vagando por aqui, vi-o, sentia-o como um inferno de horrores, hoje vejo como uma morada do Pai, um lugar de experiências, onde pode se aprender muito, principalmente a dar valor a um trabalho de auxílio. Você já esteve vagando por aqui? Sim! Você se lembra? – Glória me indagou.

- Lembro que sofri muito – respondi. Foi após minha penúltima encarnação. Foi na época que só queria receber e quem só quer receber é pobre, miserável. Só fui feliz, quando passei a dar, quando esqueci das minhas misérias auxiliando irmãos. Eu não só me arrependi, mas me convenci que era necessário reparar, fazer o bem. Também vejo agora este local de modo diferente, muitos necessitados precisando de ajuda e poucos trabalhadores.

O Umbral é grande, imenso, há lugares fáceis de ir, uns nem tanto e outros muito difíceis. Os trabalhadores têm como moradia no período que lá estão servindo, os Postos de Socorro ou Colônias. Saem quase sempre em caravanas, uma equipe, indo normalmente a determinados lugares. Assim sendo, um desencarnado pede socorro, às vezes demora para ser atendido, por não ter muitos trabalhadores, por estarem longe do local no momento. Também é visto com atenção o pedido para o bem do pedinte. É imprudente socorrer alguém que quer se vingar, deixar as dores para continuar errado e até mesmo é dado um período para socorrer os que querem só se ver livres dos sofrimentos.

- Ei socorrista! O senhor quer me dar uma informação?

- Eu?! – exclamei.

- Sim, senhor socorrista.

Um senhor aproximou-se de mim me olhando.

- Quero saber se no lugar em que trabalha está uma mulher de nome Julieta e se está bem.

- Sim, temos abrigado esta pessoa e está bem – respondeu Adriano que se aproximou.

- Obrigado! Fico mais tranquilo, este ambiente não é para ela – disse o senhor.

- E para você é? – perguntou Adriano a ele.

- Por enquanto gosto daqui – respondeu afastando-se.

- Esta senhora é a mãe dele, que desencarnou e sem permissão, sem preparo, veio para o Umbral atrás dele e se perturbou e nós a socorremos – explicou Adriano.

- Estou pasma, ele disse que gosta daqui – expressou Glória.

- Lembro a você, Glória, que o Umbral é moradia de muitos desencarnados

e eles dizem estar bem aqui – esclareceu nosso orientador.

- Adriano, ele me chamou de socorrista – falei.

- E por que se espanta? Socorrista é aquele que socorre, auxilia, tanto pode ser encarnado ou desencarnado. E você, pelo que sei, é um desde que começou a trabalhar encarnado ajudando o próximo. Este desencarnado não está perturbado, tem conhecimentos e sabe, quando quer, ser educado, nos abordou usando os termos certos. É um morador do Umbral e se vangloria de ser.

- Eu socorrista? - Ri e parei rápido pensando que ali não era local para rir, coloquei a mão sobre a boca e Adriano sorrindo me disse:

- Doutor Sorriso, aqui não é lugar para mais tristezas, a alegria é uma luz neste vale, portanto não nos prive de seu sorriso.

Como sempre nestas situações sorria mais. Minha alegria era por estar satisfeito comigo mesmo, vendo tanto sofrimento e imprudências, maldades era um d'esperazer externo, sentia-o, mas entendi que tristezas prejudicam e dó sem nada fazer é infrutífero e eu, embora tivesse pena, fazia tudo no meu possível para ajudar e era este servir, fazer, que alimentava minha alegria.

Algumas vezes vi tantos infortúnios que era alívio voltar à Fonte de Luz. Por dias, saímos cedo para retornar à noite, então fomos convidados a excursionar mais longe.

- Amanhã vamos a umas cavernas dois dias de caminhada do posto – explicou Adriano.

- Irei passar a noite fora do Fonte de Luz? – perguntou Glória.

- Sim – respondeu tranqüilamente Adriano.

- Será uma grande experiência – falou Josoé animado.

E foi, o terreno acidentado nos fez subir e descer muitas vezes mas seguimos em linha reta. Ao anoitecer, paramos e Adriano nos convidou a descansar, fizemos uma roda e sentamos. Conversamos trocando idéias e Glória concluiu:

- Pensei que ia ficar cansada, mas não, estou bem.

- Se todos se sentem assim, creio que já descansamos o bastante.

Vamos seguir! – convidou nosso orientador.

Á noite o Umbral parece mais assustador e monótono. Encontramos com um grupo de arruaceiros que tentou nos ofender com xingamentos e gargalhadas. Continuamos como se nada tivesse acontecido; depois Adriano nos esclareceu:

- Todos nós temos o livre-arbítrio de fazermos o que queremos. E muitos não fazendo nada, ocupam-se em perturbar aquele que se dispõe a fazer.

Não nos cabia defender, porque não tem fundamento o que eles disseram e nem tentar no momento mudar a forma deles pensar.

Clareávamos o caminho e um grupo de sete desencarnados nos seguia.

Adriano parou, sabíamos bem porque nos seguia, era pela claridade, mas lhes indagou:

- Por que nos seguem?

- Vocês têm luzes e é tão bom não ficar no escuro – respondeu uma senhora.

- Aproximem-se! – ordenou Adriano. – Somos moradores de uma casa de abrigo, somos trabalhadores em nome de Jesus, se quiserem ficar conosco é um prazer. Convido-os a mudar de vida.

- Só queria saber se formos com os senhores, iremos morar naquele castelo e se lá seremos escravos ou que teremos de obedecer? – perguntou um senhor.

- Não é um castelo, é uma casa de socorro, lá não há escravos, mas tem ordem e disciplina a serem obedecidas – esclareceu Adriano.

- Se não gostar, posso sair? – indagou outra mulher.

- Poderá, mas é bom pensar bem antes de ir, estamos oferecendo ajuda, auxílio e não quero que pensem que estão nos fazendo favor em aceitar.

Logo irá amanhecer, continuaremos a andar; se quiserem ir conosco, fiquem aqui e nos esperem, na volta irão para uma casa de socorro.

Conversamos com eles mais um pouco, Adriano os deixou unidos e retornamos a caminhada.

Chegamos ao nosso destino à tardinha. Nosso orientador nos explicou:

- Aqui tem algumas cavernas ou buracos onde estão presos alguns desencarnados. Viemos aqui porque três destes prisioneiros há meses clamam por socorro; como é sincero o pedido, pois se arrependeram, viemos buscá-los.

- Quem os prendeu? – perguntou Glória.

- Outros desencarnados, moradores do Umbral. Sempre têm motivos para fazer prisioneiros, brigas entre eles, vingança – respondeu Adriano.

Descemos num barranco e deparamos com uma vala e encontramos nela um homem amarrado, todo sujo, machucado, que fechou os olhos com a claridade dos nossos holofotes ou lanternas. Foi abrindo os olhos devagar e nos olhou com ódio.

- Que vieram fazer aqui? Gozar com meu sofrimento? Dizer bem-feito, quem mandou pecar? Ah, são só uns trouxas para conhecer o tarado do vale! – falou irado. Ele estava sentado no chão, amarrado com correntes, Adriano lhe perguntou:

- Não se arrepende do que fez? Não quer nosso auxílio?

- Vão embora! Que querem saber? Sim, sou um estuprador, gosto de crianças e daí, que têm voc~es com isto? – gritou com ódio.

- Vamos embora – pediu Marcinha chorando.

Saímos penalizados, Adriano consolou Marcinha, que disse:

- Ele me olhou com cobiça que me fez chorar...

Marcinha é miúda, magrinha, delicada, parece uma menininha.

Comprendemos que ali era o melhor lugar no momento para aquele espírito. A dor o fazia entender seus erros, iria um dia arrepender-se e querer mudar; aí sim, o socorro seria bem-vindo.

Adriano sabia aonde deveríamos ir e descemos por um outro buraco onde estavam doze desencarnados amontoados. Nosso orientador separou os três que viemos buscar, conversou com os outros, ninguém mais queria vir conosco. Voltamos ajudando os três a subir o barranco.

- Obrigado, anjo de Deus! – exclamou um deles.

Já um pouco afastado dos buracos, Adriano parou, deitou os três para que descansassem um pouco e nos explicou:

- Eles são amigos desde quando estavam encarnados, eram ladrões, foram presos no presídio, assassinaram um chefe bandido e mau. Tiveram também mortes violentas e aqui foram presos por este chefe que ao desencarnar se uniu aos moradores do Umbral. Ficaram ali por anos, até que juntos resolveram mudar, tornar-se melhores e pediram socorro, seus pedidos foram ouvidos e aqui viemos buscá-los.

- E os outros, são companheiros destes? – quis saber Marcinha.

- Não, pelo que pude ver, são uns castigados presos por desobediência por moradores da cidade Umbralina – respondeu Adriano.

- Será que este chefe que os prendeu não irá achar ruim por soltá-los? – indagou Glória.

- Quase sempre acham, outros não; eles têm muitos outros interesses e também a sede de vingança foi saciada. Porém, ao saber que fomos nós a libertá-los dificilmente irá querer confrontar conosco, mas se quiser, termos que nos defender ou melhor, não aceitar seus ataques – explicou nosso orientador tranqüilamente.

Tivemos que carregar os três a maior parte da caminhada. Retornamos pelo mesmo caminho e encontramos quatro dos sete que nos aguardariam.

- Senhores, por favor nos ajudem, queremos mudar, um dia se Deus quiser, seremos como os senhores – expressou um homem.

Nossa caminhada ficou mais lenta, tínhamos que ajudar os socorridos, mas chegamos ao posto sem problemas.

À noite fomos convidados para um concerto no salão de música, como é agradável ouvir boas melodias, como foi útil nossa estadia no Fonte de Luz. Fizemos muitas excursões mas chegou o momento de partir. Adriano nos abraçou agradecendo.

- Estes estudos nos são gratificantes, temos por determinado tempo mais trabalhadores conosco. Serão sempre bem-vindos, voltem quando quiserem! Retornamos à Colônia, onde ficamos cinco dias, iríamos excursionar entre os encarnados. Aguardei ansioso!

IV – Entre os encarnados

- Como temos entre nós enfermeiros e médicos, vamos primeiro ficar num Posto de Socorro do Plano Espiritual de um hospital de encarnados – explicou Fabiano, nosso instrutor.

É bem interessante você, sendo desencarnado, estar com encarnados. Embora fizesse três anos que tinha feito minha mudança de plano, havia acostumado a viver sem o corpo físico que parecia que nunca tivera um. Fiquei a olhar as pessoas encarnadas observando-as por minutos, pareceram-me pesadas e cheias de problemas.

O hospital estava muito movimentado, muitos doentes, feridos e começava a ter pessoas baleadas e tanto nós como os profissionais encarnados estavam tendo de aprender a lidar com a situação.

Quase todos os hospitais têm em seu Plano Espiritual um Posto de Socorro onde ficam por horas ou dias algum recém-desencarnado e também serve de moradia a trabalhadores desencarnados. Tudo simples, só tem o essencial. O movimento é grande e como em todos os lugares de socorro, o trabalho é muito para poucos servidores. Infelizmente os que querem ser servidos ultrapassam muito os que servem. E ainda há os que criticam os que fazem, em vez deles fazerem algo.

- Guilherme – chamou-me Fabiano -, aqui está Sebastião, o responsável pelo trabalho espiritual neste hospital. Qualquer dúvida chame por ele. – Cumprimentamos sorrindo. – Agora, Doutor Sorriso, venha comigo, quero que conheça uma pessoa.

Voltamos e foi uma emoção quando descemos no hospital em que servi encarnado. Veio ter conosco um senhor agradável, risonho que me abraçou carinhosamente, senti que não só o conhecia, mas que era querido. Fabiano explicou:

- Este é Antonino, esteve junto de você quando estava encarnado ajudando-o no seu trabalho.

- Que bom conhecê-lo, melhor, abraçá-lo! Queria agradecer-lhe. Dei-lhe muito trabalho? – expressei emocionado.

- Não, você é um bom médico – respondeu sorrindo.

- Acho que agora sei com quem aprendi a rir tanto – disse.

Rimos.

- Continuo meu trabalho aqui junto a outros médicos. Estão me chamando, deve ser uma emergência, venha me ver mais vezes – Doutor Risonho, será um prazer.

- Agora ele é Doutor Sorriso – corrigiu Fabiano.

- Doutor Sorriso, o apelido lhe soa bem – falou Antonino com carinho.

Estávamos indo embora quando ouvimos:

- Doutor Guilherme, por Deus, ajude minha menina!

- Acho, Guilherme, que deve ficar e ver o que se passa e tentar ajudar no possível, depois irá ao nosso encontro – falou Fabiano.

- Se não estivesse aqui, se não pudesse vir atendê-la, como seria? – perguntei.

- Outro faria, auxiliaria em seu nome – respondeu o instrutor.

A filha, para quem a senhora pedia ajuda, era uma menina de doze anos que estava com muitas queimaduras. O acidente aconteceu quando ela estava em casa deitada numa rede e seu irmão de oito anos soltou uma bombinha embaixo, queimando a rede e ela estava com uma embalagem de acetona removendo o esmalte das unhas.

Foi para a sala de curativos e a mãe ficou orando e pedindo a Jesus que permitisse que eu viesse ajudá-la.

Queimaduras doem muito, mesmo com medicamentos que o médico aplicou, deveria a garota sentir dores; com permissão, passei a ajudar e tudo ficou

mais fácil, ela aquietou-se e logo havíamos terminado, ela ficaria com poucas cicatrizes.

Fui com amenina para enfermaria, sua mãe pôde ficar algumas horas com ela.

A garota contou à genitora:

- Mamãe, depois que aquele médico bonzinho, esquisito, meio apagado, entrou na sala, não senti mais dores.

- Só pode ser Doutor Guilherme, eu tinha certeza que ele iria ajudá-la.

Vamos orar agradecendo, você poderia ter morrido.

As duas oraram para mim. Fiquei emocionado e chorei, estava de pé ao lado da cama e a garota me viu novamente.

- Olhe, mamãe, é o médico bonzinho, está sorrindo para mim.

A mãe olhou e não viu nada mas concluiu:

- É o Doutor Guilherme, sorrindo só pode ser ele, era muito bom e Jesus permitiu que viesse nos ajudar. Quem é bom aqui na Terra, é melhor do outro lado!

Voltei para o outro hospital junto da equipe e nos foi repartido o trabalho.

A mim coube uma enfermaria masculina de adultos. Aproximei-me do primeiro leito, ocupava um senhor com cinqüenta e cinco anos com fortes dores de cabeça, mas ao seu lado, um desencarnado, filho dele, que não sabia que seu corpo físico havia morrido, estava com a cabeça muito machucada, desencarnou por um acidente.

Chamei por Sebastião que veio logo e me explicou:

- Neste caso, Guilherme, adormeça o desencarnado e o leve para o nosso Posto de Socorro, onde será medicado e lá tentaremos orientá-lo; às vezes, desencarnados assim são levados a um Centro Espírita ou é oferecido socorro, mas cabe a ele resolver pelo seu livre-arbítrio que quer fazer. O pai inconformado com a morte do filho, puxa-o com o clamor do chamamento e desespero, o moço também revoltado com a perda do corpo físico fica junto ao genitor trocando energias; melhora suas dores enquanto que o pai piora. Vou levar o filho desencarnado para a enfermaria do posto.

Voltei minha atenção para o senhor, esta troca de fluídos havia prejudicado seu físico. Adormeci-o dando-lhe um passe, tentei remover os fluidos negativos que o filho lhe transmitia e os que ele criou em si com sua tristeza e inconformação. Tentei transmitir a ele: “Amigo, só o corpo físico morre, continua-se a viver sem ele, seu filho necessita que o senhor se conforme e aceite a mudança que fez. Queira sarar, viva com mais alegria e conforme-se!” Foi acordado com o médico encarnado a examiná-lo.

- Então, melhorou? – perguntou o facultativo.

- Estou me sentindo melhor.

O médico recitou mais outros remédios e aceitando minha sugestão lhe disse:

- O senhor precisa conformar-se com a morte de seu filho, certamente se ele puder visitá-lo irá se entristecer ao vê-lo doente e sofrendo assim. Ânimo, sua mulher necessita do senhor. Ore bastante, pedindo auxílio a Deus.

Fiz um trabalho de consolo junto dele e o filho foi orientado num Centro Espírita, mas infelizmente o moço não acreditou, se iludiu crendo que estava encarnado

e voltou para perto do pai que o chamava intensamente. Depois de dias que o senhor teve alta, voltou ao hospital com os mesmos sintomas e o filho junto. Como se sofre por reagir de forma incorreta a algo natural como a morte do corpo físico. Foi depois de tempo que o filho desencarnado, cansado de sofrer, pediu socorro, aí ficou no posto por dois meses e depois foi levado a uma Colônia para que não escutasse os clamores do pai, que mesmo sem ele, continuava doente e demorou a sarar.

Um dia chuvoso, depois de uma grande tempestade, deram entrada no hospital muitos desabrigados feridos, fui ajudar uma criança de três anos que quebrou a perna esquerda. A casa em que morava desabou e desencarnaram a mãe e o irmãozinho de um ano e dois meses. As duas irmãs mais velhas que ela haviam escapado sem se ferirem. Passadas algumas horas, a mãe desencarnada veio para perto da filha machucada.

- Mariana, filhinha, dói algo? Mamãe está aqui! Sabe, Renatinho, seu irmãozinho, morreu, vi seu corpinho gelado, machucado, eles o levaram para enterrar. Ele foi morar lá no céu. Pedi ao senhor José, nosso vizinho, para avisar papai lá na fábrica, ele virá logo. A moça da portaria me deixou ficar aqui, pedi a ela que concordou com a cabeça.

Certamente nenhum encarnado viu esta senhora, por coincidência a atendente da portaria mexeu com a cabeça. A filha também não a viu. Emocionei-me, o amor de mãe é imenso, aquela senhora não se preocupava com ela, mas com os filhos. Aproximei-me e ela me viu, falei com carinho:

- Senhora, Mariana está bem, ela só quebrou a perna, logo estará brincando de novo.

- O senhor é médico? – perguntou.

- Sim e vejo que a senhora necessita também de cuidados. Seu filhinho precisa da senhora. Venha comigo!

Segurei sua mãe e a levei ao nosso pátio, acomodei-a no leito e dei-lhe um passe e adormeceu. Logo que possível foi levada para a Colônia onde ficou com filhinho, entendeu o que aconteceu, que seu corpo morreu, aceito, só que rogou ajuda às filhas e seu pedido foi atendido, fiquei encarregado de auxiliá-las. Mariana era uma criança dócil, inteligente e cativou a todos, encarnados e desencarnados do hospital. Seu pai foi visitá-la uma vez somente, estava muito triste, desorientado, havia perdido tudo que tinha de material, a esposa e o filhinho. A garotinha já podia ir para casa, a assistente social do hospital foi procurar o pai, fui junto. A casa já não existia, as irmãszinhas estavam com uma vizinha, mas esta não as queria, a casa era pequena, eram pobres e ele tinha muitos filhos. A senhora queixou-se que o pai delas estava bebendo e que não se importava com nada.

Havia no hospital um jovem médico, casado e que não podia ter filhos, interessou-se por Mariana e começamos a vibrar para que ele a levasse.

Trouxe a esposa para conhecê-la, ficamos alegres por ela ter gostado da menina.

- Podemos ficar com ela, só que quero que o pai assine a adoção, determinou a jovem esposa.

Junto com a assistente social fomos várias vezes até o pai, que assinou a adoção, com os documentos em ordem, Mariana foi adotada e saiu do hospital para seu novo lar. Mas e as outras duas? As irmãzinhas? Tanto fiz que a assistente social, mesmo sem ser seu trabalho, começou a procura lar para elas. Neste período o pai foi despedido e um dia, bêbado, foi atropelado e desencarnou. Acabamos por arrumar um lar para cada uma delas, foram separadas, mas adotadas por pessoas boas. A mãe delas ficou tranqüila, as filhas estavam amparadas e o marido socorrido e recuperando-se.

Um fato que também me comoveu foi uma moça, Maria de Fátima, que estava obsediada por vários espíritos. Já tinha estado em vários hospitais para doentes mentais e, como havia machucado-se muito ao ser atropelada, veio para a enfermaria do nosso hospital. Tinha cicatrizes de queimaduras porque já havia posto fogo em suas estes.

Sebastião chamou todos da equipe para estudar o caso.

- Aqui temos um caso de sofrimento por não haver perdão. Quando se faz mal a alguém, não se calcula o desenrolar dos fatos e as conseqüências.

- Não podemos tirar estes desencarnados de perto dela? – indagou Glória.

- O livre-arbítrio tem que ser respeitado. Antes de serem obsessores foram vítimas que não perdoaram. Vamos, para compreender, saber que se passou para que ficassem assim presos ao rancor. Maria de Fátima foi em outra encarnação uma mulher rica e caprichosa, casada com um homem mais velho e muito importante, tinha muitos escravos e ela foi autoritária com eles. Fez muitas maldades. Serafim, este desencarnado chefe destes obsessores, era seu escravo, um mestiço bonito que ela fez seu amante brincando com seus sentimentos. Teve dois filhos, não foi boa mãe, os largava com babás. Seu marido casou Serafim, ela com ciúmes amarrou a jovem na cama e ateou fogo, a moça desencarnou. E outras duas que interessaram por ele, Maria de Fátima mandou que cortassem seus rostos as deixando deformadas.

Um dia, Serafim, que não a amava mais e tinha medo dela, disse-lhe que não queria mais, ela o colocou no tronco, deixando-se sem beber e alimentar-se até que lhe pedisse perdão. O marido desencarnou e o filho queria casar com uma moça pobre, ela fez com que Serafim a matasse e pusesse fogo na casa. E assim foi sua vida, fazendo muitas maldades. Quando desencarnou foi perseguida no Umbral por anos, arrependeu-se, pediu auxílio, foi socorrida e tempo depois reencarnou. Quando tinha doze anos, o grupo de perseguidores a achou e passaram a obsediá-la.

Conversamos com os obsessores, três deles entenderam que o melhor era perdoar, esquecer-la e retomar a caminhada porque eles haviam parado no caminho para vingar.

Maria de Fátima melhorou, teve alta e o pai foi buscá-la. Sebastião intuiu o médico, que falou:

- O senhor continue com as vitaminas, não a deixe sozinha e leve-a para benzer, para tomar passes no espiritismo.

O pai agradeceu, tinha pensado nisto, estava cansado de ver a filha sofrer e agora que o médico falou, ia levá-la.

O médico ficou vermelho depois que falou e pensou: “Preciso de umas férias, estou trabalhando demais! Como pude dizer isto ao homem, em nem acredito nisto!” Sebastião, sorrindo, nos explicou:

- Se o pai a levar, talvez tudo acabe bem, no Centro Espírita eles serão orientados e provavelmente acabem por perdoar.

Muitos desencarnavam no hospital. Aprendemos a desligar e neste aprendizado vimos que nem sempre é possível esta ajuda. Alguns desligados iam para a Colônia, outros para o posto porque não tinham merecimento de um socorro maior e ia depender deles ficar ou sair para vagar, voltar ao lar terrestre; outros, após um tempo conosco, iam para a Colônia ou outro lugar de auxílio onde eram esperados por amigos ou familiares. E alguns que não podiam, não era possível no momento desligar, iam para o enterro e às vezes eram enterrados junto do corpo físico morto.

Para estudar, acompanhamos um desencarnado, um homem de quarenta e dois anos que se suicidou.

Era a primeira vez que ia desencarnado a um cemitério. Vimos vários espíritos fazendo arruaça pelos túmulos e muros.

- Às vezes aqui é um silêncio total – explicou Sebastião. – Outras como agora, bando de desencarnados que vagam gostam de vir nos visitar para bagunçar. Temos alguns trabalhadores auxiliando neste local e em quase todos os cemitérios há um pequeno abrigo que usa-se para os primeiros socorros. Vamos cumprimentar os socorristas deste que estão sob a orientação de Laura, uma amiga querida.

Laura nos cumprimentou sorrindo e nos apresentou cinco espíritos que ali serviam com ela.

- Viemos ver que acontecerá com este senhor que se suicidou – disse Glória. Marcília, que trabalhava com ela, nos explicou gentilmente:

- O suicida é um imprudente que sofre muito, ilude-se pensando fugir do sofrimento para sentir outro pior. Não existe regra geral para o sofrimento do suicida, suas dores são muitas, mas a misericórdia do Pai é maior. Necessita o suicida de se perdoar como também do perdão dos que sofreram pelo seu ato. O senhor que viram desencarnar no hospital logo será enterrado, infelizmente deverá ficar no corpo por tempo. Está irreduzível, não se arrependeu ainda. Mas venham comigo. Logo ali, está um outro que se suicidou por motivos banais, um jovem de dezoito anos, faz dois meses e cinco dias que isto ocorreu. Creio que hoje poderemos desligá-lo. Vocês não querem me ajudar?

O que vimos fez muitos da equipe chorar, eu me emocionei penalizado.

O espírito do jovem estava ainda preso ao corpo que se decompunha.

Ele gritava e chorava desesperado. Unimos nosso esforço e o desligamos, num puxão o tiramos da cova, Marcília o abraçou, ele continuou a chorar.

- Moça, pelo amor de Deus, me ajude! Não pensei sofrer isto tudo quando fiz esta tolice, pensei morrer, acabar. Ouvi sempre dizer que sobrevivemos à morte do corpo, mas duvidei. Tenha piedade de mim! Enlouqueço!

Levamo-lo para o pequeno posto e o limpamos, mas era tão forte a imagem dos vermes comendo seu corpo físico, que ainda sentia-os.

- Será levado a um Centro Espírita, uma sessão que orienta suicidas, mas levará tempo para melhorar, continuará tendo socorro se quiser num hospital próprio para suicidas, mas ele é livre para ir vagar, se fizer isto, sofrerá mais, explicou Marcília.

- Há muitos suicidas? – quis saber Josué.

- Infelizmente sim, por isto temos muitos socorristas encarnados e desencarnados trabalhando, tentando evitar que cometam este ato impensado. Mas os imprudentes são muitos... Temos aqui um pedido de uma filha para que ajudemos a mãe que desencarnou há algum tempo – falou Marcília.

A senhora desencarnada estava no corpo, apavorada, dois desencarnados a chamavam insistentes. Laura nos esclareceu.

- Estes dois espíritos foram, encarnados, amantes dela que a amaram e ela brincou com os sentimentos deles, não querem vingança só que os acompanhe ao Umbral. Ela não quer, arrependeu-se de ter errado mas não do modo a ser antes socorrida e de ter merecimento de ir para uma Colônia.

Com a nossa presença os dois desencarnados afastaram-se correndo e Laura a chamou:

- Dona Maria, venha conosco! Somos amigos!

Ela ergueu a cabeça, nos olhou e deu a mão para Laura, que a puxou; num trabalho rápido a desligamos da matéria podre. Laura a deixou no posto e fomos ver um outro desencarnado que chorava em cima de um túmulo luxuoso.

- Por que está chorando senhor? – indagou Marcinha.

- Porque morri e meu corpo está aqui apodrecendo e os meus familiares brigando pelo meu dinheiro – respondeu ele.

- Isto não deveria preocupá-lo – tentou Josué consolá-lo. – Tudo que tivemos para viver encarnados, fica com a morte do corpo, o que é matéria é da matéria. O corpo volta a natureza, os bens que julgamos possuir ficam para os que ficaram encarnados. Não pensou nisto?

- Ora, preciso de soluções e não de conselhos. Pensou? Pensava? Claro que não, não julguei que ia morrer tão cedo. Quando achar uma solução sem ser estas tolices, venha me ajudar. Que tristeza morrer! Como é ruim ter de deixar tudo. Fico aqui na esperança que alguém me acorde ou que me faça voltar para meu corpo – disse ele.

- Você, quando seu pai morreu, embora gostasse dele, achou bom por ter ficado com a herança, não foi? Agora acontece o mesmo com você. Seus filhos gostam de você, mas estão achando bom ficar com que julgava ser seu – disse Laura.

- Não os chamei aqui, me deixem... exaltou-se ele.

Afastamo-nos e Laura nos esclareceu:

- Esperamos que este senhor entenda logo e chame por socorro para que possamos ajudá-lo. Ele não foi mau, não tem inimigos, tem até algumas pessoas a quem ele fez o bem com seu dinheiro que tentam auxiliá-lo, mas como vimos, ele não quer...

- Laura! – chamou Cláudio aflito. – Acho que fiz algo indevido... Estava do outro lado, vi uma senhora desencarnada presa a uma cova, soltei-a e ela fugiu dizendo ter que ir com a filha ao orfanato.

- Sei de quem se trata; de fato, Cláudio, não se faz algo por aqui sem saber se pode. Esta senhora tinha somente trinta e seis anos quando desencarnou e isto ocorreu por imprudência dela, bebia muito e teve uma doença crônica que a levou à desencarnação precoce. Deixou duas filhas que estão no orfanato desde que nasceram porque ela não as quis. Mas, desde que desencarnou, preocupa-se com as meninas, só que, perturbada como está, não é conveniente a sua aproximação delas. Vamos ao orfanato atrás dessa senhora.

Os fluidos de um orfanato são muito heterogêneos, crianças são normalmente alegres, mas ali sentem falta de pais, lar, algumas são saudosas e tristes, outras até revoltadas. Veio nos receber logo na entrada uma trabalhadora desencarnada que suspirou aliviada.

- Amiga Laura, ia chamá-la, a mãe de duas garotinhas está aqui. Ela não pode ficar, está muito perturbada, chora e grita e as meninas também.

Entramos, no dormitório estavam as duas meninas, a mais velha com seis anos, chorava muito e uma encarnada, trabalhadora do orfanato, tentava acalmá-la.

- Que tem? Por que chora assim? Está doente? Por favor, me responda!

Tivemos que pegar a força a desencarnada. Glória e Marcinha ficaram com as meninas, tentando acalmá-las. Laura nos explicou:

- As garotas são sensíveis, a mais velha tem mediunidade mais acentuada, por isto sentiu a mãe. Vou levá-la a um centro espírita e convido vocês a me acompanhar, logo se iniciará um trabalho de orientação a desencarnados, pedirei a Alexandre, um amigo desencarnado, trabalhador do centro, para que auxilie esta senhora, não por ela, mas pelas meninas.

É gratificante entrar num centro espírita, estavam reunidos desencarnados e encarnados orando, esperando o início e a oração deixava o ambiente com energias benéficas que acalmaram até a senhora, que parou de gritar pelas filhas.

Alexandre nos atendeu bondosamente e esclareceu:

- Orientaremos esta senhora e a levaremos para um posto de socorro, ficar ou não dependerá dela.

- Mesmo orientada, pode não querer o socorro; que coisa! Parece que tem pessoas que gostam de complicar – comentou Glória.

- E se ela voltar para junto das filhas? – indagou Marcinha, preocupada.

- Ela não poderá ficar no orfanato – respondeu Laura. Poderá aceitar o socorro ou vagar, mas foi determinado pelo Alto que as filhas não a tenham por perto.

Foi muito prazeroso participar dos trabalhos, sim, é um trabalho em que participam encarnados e desencarnados. A senhora recebeu a orientação,

entendeu que seu corpo físico morreu e foi levada para um Posto de Socorro. Interessamo-nos muito pela reunião dos dois planos, físico e espiritual. Compreendi que, quando queremos, estamos sempre unidos. Existem desencarnados ajudando encarnados e vice-versa. Quem serve está sempre auxiliando e os que são servidos sempre precisando de ajuda. Por isto que é sempre uma alegria quando se muda de necessitado para um ser útil.

Um desencarnado, ao ver perto a diferença que agora existe entre eles, entende que seu corpo físico morreu e que continua vivo, que terá que aprender a viver como tal. É um trabalho muito bonito. Quando terminou, uma senhora encarnada que recebeu uma ajuda, sentindo-se aliviada, falou alto: “Benditos os que servem em nome de Jesus.” Deixou-nos emocionados.

Alexandre nos convidou:

- Amanhã termos um outro trabalho, diferente, de estudo e depois uns médiuns começam a treinar a psicografia. Não querem vir?

Aceitamos contentes como também ficamos para ajuda-los. Após um trabalho de orientação a desencarnados há muito que fazer. Alguns socorridos querem ir para suas colônias de origem, ou seja no espaço espiritual em que viveram a última encarnação. Outros estavam apavorados com medo do desconhecido. Agora que sabiam que tinham desencarnado, que seria deles? Como iam continuar vivendo? E ainda havia os doentes, melhoraram com os fluidos recebidos, mas ainda sentiam forte os reflexos das doenças que tiveram. Conversamos com eles e foi após horas que alguns foram transferidos e outros ficariam alguns dias no posto de socorro do centro.

Voltamos para o hospital e na noite seguinte viemos para a reunião de estudo e psicografia.

O grupo era formado de várias pessoas, alguns médiuns e estavam estudando “O livro dos Médiuns”, de Allan Kardec. Um dos presentes abriu o livro no capítulo XXIV – Identidade dos Espíritos e começou a ler:

“A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do espiritismo. Porque os espíritos de fato não trazem nenhum documento de identificação e...”

Leu o texto e houve comentários:

- Só recebo mensagens de espíritos não conhecidos, queria tanto receber de um que sou fã... – lamentou Lea, uma médium.

O que leu, que presidiu a reunião, estava ali também para aprender, porque sempre tempos algo novo para saber, era uma pessoa de conhecimentos, porque estudava muito, respondeu:

- Lea, não deseje isto demasiado. Vamos analisar a situação. Este desencarnado talentoso que citou, não o era antes de trabalhar com um médium. Pelo que sei, os dois treinaram tempo para nos legar obras tão importantes e lindas. Quer razão tem ele para escrever por outro se pode dispor do médium com que trabalha junto por anos? Será que dispõe de tempo para treinar outro médium?

E teria motivos para isto? Mesmo se o médium desencarnasse, este espírito escritor iria querer continuar escrevendo? Como vimos, nomes não têm importância a espíritos superiores. Se ele tiver que escrever mais, certamente para evitar polêmica e em respeito ao companheiro encarnado, pode adotar outro. Temos recebido muitas mensagens de Mariana, João Luis e Marcelo que são muito bonitas. Por que só dar valor às que assinam nomes conhecidos? Por que não acreditar que outros farão um belo trabalho? Vamos dar valor a todos que almejam trabalhar, evoluir para um trabalho útil. ⁽¹⁾

Gostamos muito do trabalho e depois dos comentários, os médiuns psicografaram mensagens muito bonitas que foram depois lidas.

Alexandre comentou:

- Todos os médiuns deveriam estudar os livros de Kardec e ter como fonte de consulta O Livro dos Médiuns. E este capítulo que ouvimos é muito importante a todos que querem psicografar.

Regressamos ao hospital onde ficamos ajudando por seis meses. Depois pedi ao meu orientador permissão para trabalhar junto de uma médica que na sua encarnação anterior tinha sido minha mãe.

É o que faço. É uma boa pediatra, estudiosa e dedicada, cuida de uma creche que visita duas vezes por semana e está lá sempre que alguma criança adocece.

- Ei, socorrista! Por favor, ajude a doutora a socorrer minha neta! – pediu um senhor desencarnado que acompanhava uma jovem senhora com a filhinha.

- Socorrista?! – indaguei.

- Pois não é? Quem socorre não é socorrista? Deve ter muitas histórias para contar... Quem ajuda sempre as tem.

Sorri, ajudamos a garota.

Ela, a médica encarnada, é feliz e eu sou mais ainda porque é fazendo o bem que um dia poderei dizer: Sou bom. Aleluia!

Guilherme

(1) Antônio Carlos e Patrícia me afirmam que não escrevem por outro médium, nem freqüentam nenhum Centro Espírita. Antônio Carlos dedica seu tempo à Literatura e afirma que, se tiver que escrever um dia por outro médium, adotará outro nome. E Patrícia estuda e trabalha no Plano Espiritual. Só vem a terra para ver os familiares. Nota da Médium.

Segunda Parte – Esperança

- Lembrando a última existência
- O Abrigo Esperança
- Cidades umbralinas
- Os transformados

Leonor

I – Relembrando a última existência

Os mal-estares e dores eram fortes, às vezes colocava a ponta do lençol na boca para não gritar, mas acabava gemendo. Quando a crise passou, murmurei para mim mesmo:

“Não reclamei, não posso reclamar...”

E a enfermeira veio, tentei sorrir.

- E aí, Leonor, como está?

Não respondi e a autoritária senhora me mediu a pressão. Dona Mônica era uma competente enfermeira, alta, musculosa e mandona para não dizer outros adjetivos que minhas colegas da enfermagem davam a ela, mas comigo era diferente, talvez porque eu nunca me queixava e a tratava com carinho.

- Bom dia, dona Mônica, como a senhora passou a noite? – indaguei-lhe.

- Tive dores de cabeça e...

Parou de falar, ali no meio de tantas doenças sérias, e de mim, morrendo de leucemia, não era conveniente dizer de sua dor de cabeça. Passou para a outra enferma.

- E aí, Maria, tomou seu café? Se não tomou, irá fazê-lo e já.

Não iria longe como me disse Dona Mônica, como também me afirmou o médico diante dos meus problemas, tinha poucos dias de vida. Não tinha energia nem para erguer o corpo da cama, mas o pensamento tem forças. Que bom sermos livres para pensar: “Logo Dona Lazineira virá me visitar e me trará notícias de meus filhos.”

E ela veio.

- Bom dia, Leonor! Vim cedo porque, você sabe, o serviço é muito. Ontem, aproveitei meu dia de folga e fui às casas deles e lhe trago boas notícias. Marília está linda, gordinha, parece uma boneca e Eduardo está esperto. A moço é ótima mãe, tem até ciúmes deles. Os avós os pajeiam. Não precisa preocupar-se com eles e nem com nenhum. Fui também ver Sebastião, que sarou do resfriado, o casal que o adotou gosta muito dele, está indo numa escolinha, me mostrou seu caderno, desenhou um passarinho, bonito desenho, o garoto tem jeito. É mais fácil para mim ter notícias de Mário, está com minha vizinha. Ele tem um quarto só para ele, está muito feliz, ganhou uma bicicleta. Claudionor está no sítio, não fui lá, mas ontem o senhor João, o pai adotivo, o trouxe para ele ver Isabel. Ele me disse que está contente, está indo na escola e tem andado a cavalo. Está forte e corado.

Quando Dona Lazineira parou de falar, indaguei-lhe:

- Eles perguntaram por mim?

- Só os três mais velhos. Isabel até que queria vir mas como pediu para não trazê-la.

- E não quero que me vejam assim. Dona Lazineira, Deus lhe pague, obrigado!

Apertei a mão dela, tive desejo de beijá-la para agradecer, mas me contive, estava com os lábios machucados. Olhei para minha benfeitora, ela tinha lágrimas nos olhos.

- Quando eu me for, diga-lhe simplesmente que morri, fui morar no céu, que os

amo, sempre amarei...

- Prometo – disse Dona Lazinha, emocionada.

Foi embora e Dona Mônica aproximou-se de mim.

- Ânimo, Leonor, é jovem ainda, não deve pensar em morrer.

- Obrigado, Dona Mônica, a senhora é sempre tão gentil! Mas não se esqueça, por favor, de me enterrar logo após minha morte, avise-os quando já tiverem me enterrado. Não quero que meus filhos me vejam morta ou como estou.

- Doença ingrata! – resmungou ela. – Mas pode deixar, prometi, está prometido. Já conversei com ad diretoria, eles concordaram. Mas, não terá ninguém a orar por você.

Sorri ou tentei sorrir, meus lábios doíam a cada movimento. “Não tem importância, tenho orado tanto...” – pensei.

Os pensamentos vieram... Recordava-me de detalhes. A infância pobre, o namoro com Severino, os filhos, a seca e a vinda para o sudeste, viagem difícil onde passamos fome, conhecemos o frio, humilhações, falta de emprego.

“Leonor, disse Severino, meu esposo, desanimado com o dinheiro que recebia catando papel, vamos para uma outra cidade, também grande, mas menor que esta, talvez lá seja melhor para nós.”

E lá fomos nós. Viajamos de trem por ser mais barato. Um vendedor passava vendendo lanches, doía tanto meu estômago de fome como os olhares que as crianças davam, porém não pediam, sabiam que não tínhamos como compra-los. Um passageiro, vendo-nos, comprou vários lanches para nós, meus filhos, esfomeados, comeram contentes. Pensei: “Como é bom encontrar pessoas boas!” Mas ao chegar na tal cidade, ficamos na estação sem saber o que fazer.

Dormimos ao relento, comemos o que nos davam, até os outros mendigos repartiam conosco o que tinham. Por duas semanas ficamos ali, um horror, tínhamos medo e não conseguimos tomar banho. Então Severino ganhou uma lona, um plástico grande e fomos procurar um local para acampar. Andamos muito, fomos à periferia, armamos uma barraca e nos acomodamos para dormir, não havíamos comido nada durante todo o dia. Estava grávida novamente.

Contei no outro dia cedo para Severino, ele chorou:

“Como vamos fazer com mais um?”

Fomos conversar com os vizinhos, eles, mesmo tendo pouco, repartiram conosco o que tinham. Senhor Joaquim, um senhor que morava sozinho, arrumou para Severino trabalhar como bóia-fria. Ele ia de madrugada, trabalhava muito e ganhava pouco. Necessitávamos de tudo, mas dava para comprar alimentos. Não estava me sentindo bem naquela gravidez, era o sexto filho e nunca me sentira assim. “Talvez seja falta de alimentos,” pensava. Meus filhos eram bonitos, eu era clara, loura de olhos verdes e Severino tinha os cabelos castanho-claros e olhos azuis. Todos nossos filhos eram louros de olhos claros; embora estivessem sempre sujos e com roupas rasgadas, cabelos espetados, eram bonitos, para mim lindos. Para tomar banho, tinha que pegar mais água na vizinhança, andava muito, esquentava a água e com uma caneca jogava-a pelo corpo.

Meus filhos não nos pediam nada, eram bonzinhos e assustados, vivíamos com medo, de chuva forte, de alguém tirar-nos de lá, da lona rasgar com o vento, de Severino perder o emprego. E foi isto que aconteceu, o serviço acabou e meu marido foi dispensado.

Alguns trabalhadores por ali iam para uma outra cidade arrumar emprego e Severino resolveu ir junto.

- Leonor, aqui não tenho que fazer. Lá vou ter onde ficar e comida, meu ordenado vai ser livre e vou mandá-lo para você. Mando notícias no endereço do senhor Joaquim e o dinheiro dentro da carta.

Tinha muito medo de ficar sozinha com as crianças, mas não pus obstáculos. Queríamos melhorar de vida, nossos filhos precisavam de tudo e a mais velha, Isabel, tinha oito anos e não tinha ainda ido à escola e eu queria que todos estudassem. Foi muito triste nossa despedida. Fiquei com as crianças e com alimentos só para uma semana. Severino foi e as semanas passaram e ele não me deu notícias e nem mandou dinheiro, eram os vizinhos que me traziam um pouco do que tinham. Uma vizinha, senhora idosa, recebia ajuda de um grupo que a visitava uma vez por mês e lhe trazia alimentos. Ela me ajudava e contou a eles minha situação e o grupo me visitou. Compadeceram-se de nós. Na tarde daquele mesmo domingo vieram nos buscar.

- Dona Leonor, a senhora ficará no nosso orfanato, num quarto que temos nos fundos, com as crianças; lá receberão alimentação, roupas e tratamento médico. Está grávida de quantos meses?

- Seis para sete meses – respondi. – Mas se meu marido voltar?

- A senhora não disse que ele ia escrever no endereço do vizinho? Este senhor pode lhe trazer a carta, vamos falar com ele e se seu esposo voltar, ele dirá onde encontrá-los.

Fui agradecida. Estava sentindo muita fraqueza, um desânimo doído que às vezes tinha vontade de chorar diante do trabalho. Nunca senti isso antes e estava aborrecida por sentir-me assim.

O orfanato era muito grande e o quarto que nos destinaram era espaçoso e com um banheiro ao lado. Achamo-lo maravilhoso.

Naquela noite oramos agradecidos.

- Que bem ter uma casa – disse Isabel, alegre.

- É só um quarto – falou Claudionor, o segundo filho.

- Mas é de tijolo, tem banheiro e como foi gostoso tomar banho e colocar roupas limpas – riu Isabel.

- E comer! Como estava gostosa aquela sopa! – exclamou Mário, o terceiro.

- Por isto estamos agradecendo. Deus colocou pessoas boas para cuidar de nós – expressei.

Eles dormiram logo, fiquei acordada olhando-os, estavam tão mais bonitos limpos e que bom dormir em camas, pensei: “Tomara que eles não se cansem de nós. Amanhã vou pedir para trabalhar, quero fazer algo, este orfanato é tão grande. São pessoas espíritas que cuidam de tudo.”

No outro dia, conheci Dona Lazinha, que trabalhava havia anos lá e lhe pedi:

- Quero fazer algo, ajudar.

- É melhor a senhora só cuidar de seus filhos, mas varro o pátio, se quiser.

Estava tendo dificuldades para trabalhar, mas varri todo o pátio. Sentia mal-estar, uma moleza que dava vontade de chorar, mas não reclamei. Tinha dentro de mim uma certeza que tudo estava sendo justo e que não tinha porque queixar-me e não o fazia, nem com as panelas vazias, estômago doendo de fome, com medo, dores, por nada.

Depois de dois dias, Dona Lazinha veio nos buscar; o médico que atendia o orfanato estava lá e ela ia nos levar para consultar.

As crianças estavam bem, o médico receitou remédios para vermes e vitaminas. Alimentando-se direitinho logo estariam sadios. Mas ao me ver, fez muitas perguntas e concluiu:

- A senhora não deve varrer o pátio, deve descansar e vou interná-la no hospital para que tome sangue e soro. Está anêmica e fraca.

- Mas e meus filhos? – indaguei.

- Eu cuido deles, aqui não tem perigo – afirmou Dona Lazinha.

- Amanhã cedo pedirei para levá-la, esteja pronta – ordenou o médico.

Meus filhos ficaram assustados quando lhes contei que ia para o hospital, mas Isabel falou:

- Pode ir mamãe, tomo conta deles, depois, é só por uma noite. Aqui não precisamos ter medo.

De fato deu certo, fui e fiquei por trinta e seis horas, voltei sentindo-me mais forte e tive a certeza que o nenê também. As crianças ficaram bem. Elas brincavam com as outras crianças e os dois mais velhos, que tinham idade para ir à escola, não podiam frequentar por estar quase no final do ano letivo. Mas uma garota interna do orfanato começou a ensiná-los, ficaram animados. Fazia um mês e meio que estávamos ali, quando o senhor Joaquim, meu ex-vizinho, me trouxe uma carta. Senti angústia ao pegá-la, a letra não era de Severino. Abri e li. Estava a missiva me dando a notícia que ele havia falecido. Chorei e Dona Lazinha me consolou.

- Não chore, Leonor, para tudo se dá um jeito!

- Que será de mim sem ele? Que farei para sustentar meus filhos?

- Calma, já pedi para a diretora e ela concordou, logo que seu nenê nascer, você passará a trabalhar conosco e continuarão no quartinho.

Fiquei mais tranqüila mas muito triste, Severino era tão novo e a pessoa que escreveu nem dizia nem porque ou como ele havia morrido. Contei às crianças, eles não entenderam bem que era morrer. Isabel comentou: “Morrer é nunca mais ver a pessoa?” Me doeu mais, nunca mais iria rever Severino.

E o mal-estar voltou e a fraqueza também.

Comecei a ter dores de parto à noite, tive vergonha de chamar alguém e quando fiz, uma moça que ficava de plantão à noite me ajudou e fez o meu parto. Nasceu uma linda menina.

Dona Lazinha levou-a para o médico vê-la no outro dia, embora miúda, estava sadia e bem.

Parecia estar tudo normal, as crianças bem, brincavam e aprendiam muitas coisas, estavam saudáveis. Já havia dado nome para minha filhinha, Maria da Penha, porém não a registrei. Dona Lazinha achou que meu leite não estava sustentando-a e nos levou ao médico. Quando ele me olhou, senti algo errado, fez muitas perguntas e pediu para que fizesse exames de sangue e que não amamentasse mais.

Fiz no outro dia, quando pronto, mandou repetir, com o resultado do segundo, ele me chamou.

- Dona Leonor, a senhora está doente, vou encaminhá-la a um especialista nosso amigo, que não cobrará nada por seu tratamento.

No outro dia, fui ao consultório desse outro médico, que me examinou.

- Que tenho doutor? É grave? Por favor, me fale...

Contei a ele o que acontecia comigo e roguei:

- Quero saber porque tenho que tomar providências...

- A senhora tem uma doença grave e, se quiser, pode tomar providências...

- Vou morrer? – perguntei com voz baixa.

- Todos vamos... A senhora tem câncer no sangue – respondeu ele tentando suavizar a notícia.

- Quanto tempo?

- É difícil prever... alguns meses...

Fui embora como que anestesiada. No nosso quartinho, olhei para meus filhos.

“Mãe é importante, eu, que sou adulta, sinto falta de uma. Eles são pequenos.”

Orei e expulsei a revolta que insistia em tomar conta de mim. “Se eles não têm pai e se ficarão sem mãe, é melhor eu tentar arrumar outros para eles.” Meus filhos terem outra mãe, estranho, mesmo sabendo que era o melhor, tive ciúmes, mas o amor venceu, tinha que amar sem egoísmo. Deus sabia o que fazia, pensei naquele momento, agora completo, eu também sentia que era o melhor, que tudo aquilo que passei estava nos planos que eu mesmo fiz antes de reencarnar. Não me queixei e naquele dia, nem chorei, senti uma força interior, embora uma fraqueza externa que doía. Pedi para conversar com a diretora, ela já sabia da minha doença, me recebeu com carinho.

- Senhora, não tenho como comprar os remédios e venho aqui para me aconselhar...

- Leonor, o médico que a atendeu fará seu tratamento sem cobrar e seus remédios serão doados – explicou a diretora do orfanato.

- E meus filhos, preocupo com eles, que a senhora me aconselha. Será que poderei doá-los? – perguntei com voz baixa segurando o choro.

- Ia lhe sugerir isto – respondeu a diretora -, conheço um casal que não pode ter filhos, são pessoas boas, de posses que querem adotar. Agora que sei que quer doá-los e é o melhor que tem a fazer por eles, vou telefonar ao casal pedindo que venha aqui. Vou tentar arrumar lar para todos, mas se não conseguir, eles ficarão conosco.

- Obrigada – disse emocionada. – Sinto-me aliviada, aqui é tão bom. Eles gostam...

Chorei, a diretora me abraçou, tentou me consolar, voltei para o quarto tendo a certeza que agi certo. Não tinha parentes para ficar com eles, em minha família eram todos muito pobres. Escrevi a uma das minhas irmãs dando a notícia da morte de Severino, de minha doença e que doaria meus filhos.

Naquele mesmo dia à tarde, Dona Lazineira veio buscar o nenê para o casal ver e voltou logo.

- Eles também querem um menino.

Levou Severino, de três anos, o quarto, e não voltaram. No outro dia assinei os papéis de adoção e Dona Lazineira me contou:

- Que sorte Leonor, os dois ficarão juntos, o menino irá chamar-se Eduardo e a menina Marília. O casal amou os dois assim que os viram. Irão morar numa casa grande e terão de tudo.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. “Não posso chorar, recebi uma graça, os dois estão encaminhados. Não posso reclamar, tenho que agradecer e Deus me ajude que os outros também tenham um bom lar.”

Isabel foi que percebeu o que ocorria.

- Por que, mamãe, a senhora os deu?

- Filha, estou doente, é grave, uma doença que não tem como sarar.

- Vai morrer como papai? Não irei vê-la mais?

- É isto, filha! E sendo assim, estamos providenciando um lar, outros pais para vocês.

- Não serei adotada! – falou Isabel séria.

- Por quê? – indaguei.

- Sou maior, as crianças daqui dizem que preferem adotar crianças pequenas.

Mas não se preocupe, mamãe, creio mesmo que não quero ter outra mãe, vou lembrar-me sempre da senhora e amá-la. Fico aqui, gosto e tenho amiguinhas.

Isabel distraiu-se, foi brincar, eu, ficando sozinha, chorei muito, mas orei e a oração me acalmou.

O médico me deu os remédios, tomei-os direito mas piorei, fui internada, quando voltei ao orfanato, mais dois, os menores, foram adotados. Dias depois, vieram buscar o menino, o Claudionor, abracei-o e fiquei olhando-o ir de mãos dadas com Dona Lazineira, que lhe dizia:

- Claudionor, você irá morar num sítio, lá tem vacas, cavalos, é muito bonito.

Que dor! Meu peito parecia que ia partir, nenhuma dor se compara à da separação do ser que amamos. Minhas dores físicas ficaram pequenas diante da separação.

Mas orei com todo meu sentimento:

“Deus! Sei que nos ama e é por este amor que lhe peço, dê um bom lar, bons pais aos meus filhos! Multiplique minhas dores do corpo, não reclamo, mas me atenda! a adotá-los.”

Aquela noite ficamos só Isabel e eu, dormimos abraçadas e ela me consolou:

- Ainda tem a mim mamãe!

Fui internada novamente e Isabel ficou no orfanato. Piorei e sentia próxima minha partida, não tinha medo, achava que a morte me traria alívio, depois sentia, mais que sabia, que minha alma liberta do corpo ia viver noutra lugar e que Deus,

Pai Amoroso, ia permitir saber deles.

Sofri muito e desencarnei tranqüila. Dona Mônica fez o que tinha prometido, no meu enterro, só o coveiro. Mas para mim, não fez diferença, dormi para acordar numa outra enfermaria sem dores, sentindo-me bem.

Percebi logo que havia desencarnado, vieram a minha mente as conversas que tive com a diretora do orfanato, bondosamente ela havia me explicado que acontece quando o corpo físico morre. Dei graças a Deus por estar entre pessoas boas e por ter sido ajudada. Tentei não dar trabalho e seguir as instruções recebidas. Recuperei rápido numa enfermaria do hospital de uma Colônia no Plano Espiritual.

Margarida, uma bondosa senhora que cuidava de nós, internas, me esclareceu:

- Leonor, você já está recuperada, logo irá ter alta e irá morar numa casinha junto de outras amigas.

- Ela não se recuperou depressa? – indagou uma companheira de quarto.

- É que Leonor não reclamou, não se apiedou de si mesma e com isto não deixou que a doença enraizasse em si, assim sendo seus reflexos no corpo perispiritual foram fracos, por isto recuperou-se rápido – explicou Margarida.

- É que pensei mais nos meus filhos – falei.

- Pensou mais nos outros que em si. É por sua dedicação que veio ter conosco logo que desencarnou.

Encantei-me tanto que cheguei a chorar de emoção ao ver a casa que seria meu lar.

Tornei-me amiga das moradoras, logo estava estudando, aprendendo a viver no Plano Espiritual e sendo útil.

Após executar minha primeira tarefa, tive a felicidade de ver meu filhos por um aparelho que lembra a televisão dos encarnados. Todos estavam bem, só os dois mais velhos se lembravam de mim e tinham saudades. Nada lhes faltava, nem afeto. Dona Lazineira tornou-se protetora de Isabel, que era meiga e todos no orfanato gostavam dela e sempre orava por eles, pedindo a Deus que os protegesse. Após vê-los, enxuguei as lágrimas, agradei e pedi à atendente:

- Por favor, será que posso saber de Severino, meu esposo? Ele desencarnou primeiro que eu e não sei dele.

A moça, atenciosa, foi consultar e voltou minutos depois.

- Leonor, houve um engano, Severino, seu esposo, não desencarnou, está encarnado e...

“Engano, de quem foi o engano? Ou fui eu a ser enganada? – pensei.

- Vamos vê-lo. Aqui está...

Severino estava bem, num lugar distante de onde nos deixou. Ele foi realmente procurar emprego, não encontrou o que pensava e não deu para mandar dinheiro. Um homem que foi com ele, recebeu uma carta da esposa contando que eu e as crianças tínhamos ido para um orfanato. Ele pensou que o melhor seria que ficássemos lá e desaparecer de nossas vidas. Foi embora para uma outra cidade e lá pediu para uma pessoa escrever para mim, falando de sua morte. Fez isto também porque estava de namoro com uma moça. Novamente viajou e ela foi com ele e naquele momento em que sabia dele, ela estava grávida. Severino arrumou emprego e estava bem, raramente pensava na família que covardemente

deixou e quando o fazia, imaginava-nos bem, vivendo da caridade de outros. Não fiquei magoada com ele, perdoei e desejei que se tornasse bom pai para o filhinho que ia nascer.

Três anos se passaram, meus filhos estavam bem nos lares que os acolheram e eu era grata àquelas pessoas bondosas que os tratavam como filhos. Só o Claudionor, que estava no sítio, era tratado com mais rigidez, trabalhava bastante e estudava, mas ele gostava do campo. Isabel continuou no orfanato. Muitas vezes quando eles, os novos pais de meus filhos, precisavam de auxílio, tive permissão de ir ajudá-los, minha gratidão era infinita e tudo que podia fiz, faço por estas pessoas que amaram filhos alheios como se fossem seus.

Comecei a recordar minha existência. Lembrar que fomos bons é agradável, mas temos sempre algo que entristecemos. Recordei tudo com tranqüilidade. Minha última existência foi uma escolha, ia deixar filhos pequenos e desencarnar por doença, isto porque queria provar a mim mesma que por nada blasfêmia como já fizera muito em outras encarnações. E fiz mais, nem me queixei. Como é prazeroso ter nos posto à prova e ter saído vencedor. Ao falar em casa sobre isto, uma amiga comentou:

- Leonor, pensei que sofresse só para resgatar erros, pela reação.

- Não se esqueça do aprendizado. Todos temos como aprender pelo amor, mas quando recusamos, a bondade de Deus é infinita e temos outras oportunidades...

Eu necessitava de caminhar para o progresso e por muitas vezes parei no caminho para lamentar, era como um vício, agora o venci, sinto-me muito bem.

Pedi para trabalhar no Umbral.

- Leonor, o trabalhador na zona trevosa precisa de dedicação, perseverança e sabedoria, necessita para isto aprender. Mas por que escolheu o Umbral para trabalhar? – indagou meu instrutor.

- É onde tem mais necessitados, onde muitas vezes estão só, uns revoltados, outros iludidos achando-se bem, outros sofrendo. Queria ser útil e sei que lá falta quem auxilie.

- Você tem razão, porque, Leonor, receber é fácil, doar é trabalhoso! – sorriu meu orientador, me dando permissão.

Estava determinada, fiz um curso e me transferi para o Posto de Socorro Esperança localizado no Umbral.

II – O Abrigo Esperança

Fui para o Posto de Socorro Esperança e gostei muito. De longe parecia mais uma das muitas construções que existem no Umbral. Cercada por muros altos, tendo só um portão com três aberturas, contém no mesmo espaço três portas de tamanhos diferentes. Uma abertura é para aeróbus grandes, outro menor para veículos de porte médio e uma porta. No espaço acima do posto tem uma força magnética que impede que estranhos entrem. Esperança está localizado na parte do Umbral considerada mediana. Para que melhor entendam, orientadores, para facilitar o

trabalho do socorrista e para os que vão conhecer esta zona do Plano Espiritual, umbral ameno é onde muitos vagam, é mais claro comparado com outros, fácil de sair, muitos ficam por lá e entre os encarnados. Há mais vegetação, água, trilhos e caminhos. No médio tudo isto se torna mais escasso, os caminhos são mais difíceis e normalmente onde estão as cidades umbralinas e suas fortalezas. O Umbral de acesso mais difícil está na terceira classificação, onde estão as muitas cavernas, furnas, muitos lugares onde reina a escuridão total. A maioria dos Postos de Socorro estão na zona mais amena, mas Esperança está na segunda. É um abrigo grande e seus trabalhadores são dedicados.

- Leonor, você gostou do Esperança? – indagou um morador que veio nos receber.
- Sim, muito, quero morar aqui por muitos anos. Estava observando-o e me distraí. Achei-o lindo! – respondi.

Não era lindo se comparado a outros ou a uma Colônia. Mas quando amamos e, assim que o vi o amei, era muito bonito. O jardim central é pequeno, mas com flores enfeitando-o. O prédio tem poucas janelas e estas são pequenas. Do lado do portão estão os alojamentos dos trabalhadores, um local particular para que descansem ou passem suas poucas horas de folga. Tem um salão grande que é usado para música, teatro, palestras, uma vasta biblioteca e a sala de preces, onde internos vão orar, alguns trabalhadores vão também, mas logo aprendem que todos os lugares são de preces e que a oração deve ser feita com sentimento e esta pode ser realizada em qualquer lugar.

O resto do abrigo são as enfermarias, estas são espaçosas e com muitos leitos. O Esperança é chamado de posto provisório, isto porque os abrigados não ficam muito tempo, são transferidos, os melhores ou para a Colônia ou para outros postos. E quando está lotado, os necessitados são locomovidos para outros locais. Nossos socorridos são na maioria os que se achavam na terceira parte do Umbral e em suas cidades e fortalezas.

Esperança é muito atacado, isto é rotina, só se defende, há socorristas que só trabalham na defesa, e isto não chega a ser problema.

- Primeiramente, Leonor, você ficará ajudando em nossas enfermarias.

Fui contente. Conheci todos os trabalhadores e tornei-me amiga deles. No posto trabalha-se demais e a amizade é muito importante, nos sustenta no dia-a-dia.

Passsei a servir nas enfermarias.

- Ora, Leonor, você fala assim porque não sofreu como eu... – respondeu uma senhora quando pedi que não queixasse tanto. Pensei por momentos e recordei que minha vida não fora fácil, embora não tivesse passado por perturbações ao desencarnar e nem ter ido para o Umbral. Falei a ela de minha vida.

- Puxa! – exclamou. – Por tudo que passou não era para você ter ido para o céu e ficar lá gozando e descansando?

- Descansar para mim seria castigo. Amo trabalhar, ser útil. A felicidade não é algo externo, é interno, está dentro da gente e não importa onde estejamos. Há lugares feios e lindos no Plano Espiritual como há também na terra para os encarnados.

Contei a você minha vida para que entenda que sofri também, não reclamei e sou feliz.

- Estranho! Foi boa, sofreu, desencarnou e está aqui trabalhando, servindo a outros – disse ela.

- Não preferia estar sendo servida. Porque aquele que serve tem para dar, quem recebe é um necessitado – respondi.

- Entendo você, não quero ofende-la. Mas continuo achando estranho. Que recebe por isto? Nada?

- Você ainda não consegue entender que sou feliz trabalhando, sendo útil sem receber nada em troca. Mas recebo sim e muito, aprendo e este conhecimento é um cuidado de meus afetos. Isto para mim é importante!

- Vou rezar para você, vou recomeçar a rezar – disse ela. Tive uma religião. Ainda não sei onde falhei para vir acabar naquele lugar. Agora estou aqui, não sei bem que lugar é este, e nem se é isto que quero. Mas uma coisa estou certa, não quero fazer o que você faz.

- Por quê?

- Acho muito ruim ficar cuidando de necessitados. Que trabalho humilde!

- Se todos pensassem assim, não teria quem cuidasse da senhora – respondi.

- Pena que aqui não se pode usar o dinheiro para pagar, ter regalias.

- A senhora deve mudar essa forma de pensar, ser grata aos que trabalham e querer ser útil. Lugares bons não podem ser abrigos de ociosos.

- Nada é perfeito! – resmungou ela.

Esta senhora ia ser transferida logo, mas cabia-lhe mudar para ser merecedora de estar numa Colônia ou abrigo. Teve uma existência comum, era de classe média, nunca trabalhou para valer, sempre teve quem fizesse para ela o serviço do lar, usou o dinheiro para facilitar sua vida e nunca deu valor ao trabalho alheio. Nada fez de bom a alguém e conseqüentemente também nada a si mesmo. Arrogante, fez alguns desafetos, desencarnou e ficou vagando no seu ex-lar, indignada com a indiferença dos seus familiares. Recebeu a visita de uma ex-empregada também desencarnada que, embora vagasse, tentou ajudá-la, dizendo que ela havia desencarnado, ela, furiosa, a agrediu e exigiu obediência. A moça então a levou para o Umbral, onde a deixou. “Aqui se cura orgulho!” Sem saber voltar para seu ex-lar, vagou por anos, sofreu, foi humilhada, revoltou-se, odiou e isto fez que ficasse mais tempo. De fato, o Umbral para quem vaga é um lugar apropriado para vencer o orgulho. O ódio acabou, quis ajuda e passou a pedir e foi trazida para o posto por socorristas. Ainda tinha que aprender muito, desejei que fizesse, aprendesse pela oportunidade e passasse de servida a servir. Muitos ali estavam na situação desta senhora, o orgulho e arrogância crispavam de tal forma outras qualidades, que não foi possível ao desencarnarem serem socorridos. Não fizeram grandes erros mas também não fizeram boas ações. E aquele que pode e não faz, fica em débito e isto gera sofrimentos. Conversei no jardim com um senhor que esperava para ser transferido.

- Leonor – disse ele – fui um líder religioso, amei muito minha religião e me esqueci de amar o próximo. Fiz templos, mas não tinha dinheiro para saciar a fome de pobres. Não gostava de pobres, eles não ofereciam nada a minha religião.

Meu Deus tinha que ser adorado com luxo, Ele merecia. Não quis escutar a minha consciência, que me dizia: Jesus ensinou a amar o próximo. Mas, defendia-me, eu amava a Deus. Desencarnei e exigi que fosse julgado por Deus e com pompas, afinal fui um de seus adoradores. Fui levado por uns espíritos a um julgamento no inferno ou no Umbral, como dizem. “Esqueceu que este Deus que adorava não precisava de nada que lhe deu, Ele é dono de tudo, do Universo!”

Aquelas palavras ditas por um demônio, um ser trevoso, me fizeram pensar. Sofri no inferno, até que fui acolhido por aqueles que adoram Deus, sendo seu servo, adoram com atos. Como estive errado e me arrependo!

Ele ainda dizia termos como “demônios”, referindo-se a um morador da zona trevosa, “inferno” ao Umbral, embora nomes não importam; só não referimos Umbral como inferno, porque este local é temporário, passa-se, ninguém fica lá definitivo, embora há os que permaneçam muito tempo.

Indo às enfermarias, onde muitos estavam em pesadelos, a maioria pedia socorro em nome de Deus. “Por Deus, me ajude! Socorro, pelo amor de Deus! Pela mãe de Jesus, por Maria, me auxilie!” E veio na hora o convite:

- Leonor, na terça-feira à noite virá ter conosco um convidado que nos dará uma palestra sobre religiões, falará do porquê de religiões ou pseudo-religiosos que desencarnam e não merecem um socorro.

Esperei o dia ansiosa e fui assistir à palestra. Nosso convidado veio de uma Colônia, agradável, risonho, falou para nós, todos os trabalhadores do Esperança:

- Religiões, meus amigos, é como diz a palavra, religar ou ligar, unir-nos ao Criador. São setas no caminho. Mas não basta ficarmos só olhando, contemplando como se fosse só uma seta na estrada, temos que vê-la a seguir, caminhar com nossos próprios pés e deixá-la para trás. Seguir em frente rumo ao progresso.

Muitos nem vêem as setas, iludidos pelo materialismo e prazeres. Outros as vêem e ficam só na contemplação, achando-as lindas e se esquecem de caminhar.

Muitos adoram sua religião, mas não fazem boas obras por ela. Não conseguem tê-la em seu íntimo. Felizes são aqueles que, seguindo uma religião ou não, não param no caminho, seguem em frente.

Aproveitando uma pequena pausa do orador, pensei, não segui uma religião, encarnada, não contemplei setas, mas caminhei...

Parecendo que lera meus pensamentos, o palestrante continuou:

- É bom ver as setas, mas mais importante é quando conseguimos ver o caminho pela luz do Amor, da Caridade. Prudentes são os que seguem uma religião, vêem as setas, caminham, facilitando a caminhada com o conhecimento.

Aqui neste posto e em tantos outros, temos visto muitos sofrerem e pedirem ajuda em nome de Deus e de muitos santos. Ainda bem, pois estes foram socorridos.

No Umbral ouvimos muitas blasfêmias, outros nem querem ouvir o nome de Deus, revoltam-se contra o Criador, esquecendo que seu sofrimento nada mais é que a reação de más ações.

Encontramos muitos sofredores que amam e odeiam ao mesmo tempo. De fato, não amam, dizem somente, sentem este sentimento, o amor, de forma vaga, externo,

porque aquele que ama mesmo supera, anula qualquer outro sentimento inferior. Quando tudo está bem, é ótimo; não estando, não serve mais e passa a odiar, revoltado por sofrer e sempre culpa alguém pelos acontecimentos ruins. E quando não faz isto, sente remorso, só que muitas vezes destrutivo e muitos indagam: “Por que Deus me deixou, permitiu fazer isto?”

Quando se erra, peca, desarmoniza-se com as leis Divinas e isto cria débito ou culpa que gera sofrimentos. Para manter o equilíbrio não pode haver culpa, erro, sem pena, dores, porque pode o indivíduo aumentar tanto seu débito, podendo até desequilibrar o mundo que habitamos. Por isto temos o Umbral, lugar temporário em que muitos desarmonizados conhecem a dor, o sofrimento e tentam se harmonizar. E sabemos também que a dor não existe só no Umbral. O erro afeta nossa vida, porque a ação má resulta uma reação desagradável. Somos livres para errar, mas não o somos para sofrer as conseqüências.

E nós aqui, hoje, pela bondade do Pai, estamos não mais como necessitados, mas como instrumento de ajuda a outros irmãos que não despertaram para a verdadeira vida. Temos que ter discernimento ao socorrer, porque temos sempre vontade de auxiliar a todos que sofrem. Mas, sabemos que não temos como abrigá-los, faltam recursos humanos, socorristas, lugares para acomodá-los e, nem sempre é o melhor no momento, socorro para um revoltado. Necessitado que quer ajuda está receptivo a receber, se não quer, sua desarmonia é tão grande e forte, que é difícil não bagunçar o local de socorro. Assim o Umbral, uma moradia do Pai, é o lugar que lhe convém, até que a dor, o cansaço, conseguem mudar sua forma de pensar. Nosso Posto Esperança é um raio de luz, de ajuda, mas lembro-os, deve ser para os que querem.

Deu o palestrante mais algumas recomendações e terminou com uma linda oração. Ficamos comovidos. Recolhi-me ao meu cantinho e meditei sobre o que ouvi. Grata, propus harmonizar-me mais ainda com as leis Divinas, começando por amar mais.

Trabalhei três anos dentro do posto e depois passei a sair, a fazer o trabalho externo. Há necessitados de muitos modos, uns completamente perturbados, arrastam-se em pesadelos; outros vêem seus erros constantemente; em alguns a perturbação é menor, sabem porque estão ali, têm consciência da situação. E tem os chamados, ou melhor denominados por eles mesmos, moradores, que dizem gostar do lugar, têm bando, amigos, atividades, são lúcidos e quase todos maus e vingativos. Organizam suas cidades, impõem respeito pelo medo. Estes quase sempre não se interessam pelos perturbados a não ser por vingança. Às vezes os expulsam de suas cidades ou nem os deixam entrar, ou então colocam-nos perto do posto de socorro; são, segundo eles, os imprestáveis que devem dar trabalho aos bobocas dos samaritanos. São diversos os adjetivos que usam para chamar os socorristas, tentam ser ao máximo ofensivos, creio que ofendem a eles mesmos, os socorristas não se importam e isto lhe deixa com raiva.

Quis trabalhar socorrendo pedintes dentro das fortalezas deles e para isto comecei a treinar e estudar. Como é melhor ir a estes lugares sozinhos ou em

grupo pequeno, passei a sair pelo Umbral sozinha, no começo perto e após longe do posto. Conversava com os que no momento não podiam ser socorridos, dando atenção e muitos, mesmo sofrendo, pensavam ou preocupavam-se com seus afetos.

Afetos, como é difícil amar sem posses, com desapego. Ia nas minhas folgas ver meus filhos, dava graças por estarem bem. Em cada necessitado, via um filho de alguém, e naquele momento podia ser uma mãe adotiva deles, como outros foram com os meus.

Algumas conversas não tinham sentido, outras não conseguiam fazer-me entender, com uns trocávamos idéias e, consegui mudar alguns, fazê-los pensar que ali estavam por imprudência deles mesmos e que poderiam mudar se quisessem. Sabiam que eu pertencia ao Posto Esperança e passaram a me chamar de Esperança e entendi que era isto que eu dava a eles: esperança. Neste tempo que trabalhei sozinha perto do posto, escrevi sobre o que acontecia, transcrevo uma dissertação.

“Aprendi a gostar do Umbral quando o vi como uma morada provisória de irmãos. Muitos estão ali em sofrimentos tendo por companhia a dor que tenta despertá-los para uma mudança de vida. Sabemos que muitos têm vontade de mudar e que muitas vezes ficam só no querer, não se encontram firmes para fazer esta mudança. Acabando o sofrimento, sendo ajudados, este querer enfraquece e passam a ver muitos obstáculos, dificuldades. Porque receber é bem mais fácil, doar, ajudar, passar a ser útil, é trabalhoso, o difícil caminho da porta estreita. E são muitos que desencarnam, sofrem, fazem propósito de modificar, reencarnam, desencarnam e voltam novamente ao Umbral. Param no caminho, não têm força de vontade o suficiente para seguir em frente, de mudar para melhor. Porque caminhar para a evolução dá trabalho, é com esforço que mudamos de passo e cada um que damos requer sempre uma tarefa cumprida, um vício vencido.

E há aqueles que estão no Umbral e se dizem satisfeitos, não têm remorso e não pensam nas conseqüências. Obedecem sempre a um chefe, porque sempre se têm chefes e mesmo estes temem a outros e aos bons. Eles vagam pela zona umbralina e entre os encarnados. Eles não querem nada de nós, muitos pensam em mudar mas acham muito difícil e outros não querem mesmo. São eles os mais necessitados. Não dê pérolas aos porcos, disse Jesus. É desperdício dar a eles o que não querem no momento. E como trabalhamos! E todo labor deve ser valorizado. Conversei poucas vezes com eles, os que se dizem moradores, recebi muitas ameaças a que não dei atenção. Quem pega a charrua nas mãos do trabalho para Jesus não deve olhar para trás, ou parar para ter medo. Meu trabalho era com os que sofrem, com os que queriam auxílio e meu lema seria sempre: Ajudar!”

Foi uma página escrita e, lendo tempo depois, entendi que gostei de trabalhar no Umbral desde o primeiro momento.

Uma vez ao estar sozinha num local onde deveria buscar um desencarnado e

levá-lo para o posto, parei uns minutos para orientar a direção e fui abordada por um morador.

- Desculpe-me incomodá-la, posso lhe falar?

Observei-o e fiquei alerta, resolvi escutá-lo.

- Sim – respondi.

- Tenho observado-a. Trabalha muito, quieta, ligeira e estou curioso, encabulado.

Por que faz isto? Que ganha ajudando infelizes? Se estão assim, é porque merecem. Você tem uma forma de viver muito estranha. E é muito bonita!

Poderia ter prazeres e ser feliz. Entretanto parece uma escrava que trabalha e trabalha...

Sorri e respondi tranqüila, embora anos vivendo por ali, aprendi a ficar sempre atenta.

- Você confunde ser feliz com prazer. Felicidade é ter paz, sentir Deus em tudo e todos, amar de forma simples e sem egoísmo. Ser feliz para mim é ter a consciência tranqüila de um trabalho realizado. Sou livre porque faço o que quero e o trabalho para mim é fonte de alegrias duradouras. Não quero outra forma de viver... Mas por que tem me observado?

- Vejo-a passar pra lá, pra cá, é tão graciosa. Por favor, não me leve a mal, sei com quem estou falando e não quero ser grosseiro. É que eu admiro e tenho pensado por que vive assim.

- Já lhe respondi. Agora tenho que ir. Até logo!

Por muitas vezes ele me seguiu, uma vez até me ajudou a tirar um socorrido de um buraco. Comentei o caso com nosso orientador, o responsável pelo Esperança.

- Converse com ele, convide-o para visitar nosso posto, ofereça ajuda, caso ele queira mudar.

E assim o fiz.

- Não, não quero mudar e nem visitar o posto. Gosto daqui e da maneira que vivo. Moro num lugar legal, passeio entre os encarnados, faço pequenas obrigações, vou a festas, tenho tudo que quero ou quase tudo.

Pensando que este quase tudo era uma insatisfação, incentivei:

- Que lhe falta então?

- Você! Por favor não se ofenda é que estou apaixonado por você.

Tive ímpeto de voltar ao Esperança, mas preferi lhe dar uma resposta.

- Você confunde sentimentos, meu amigo.

- Está dizendo que é impossível? Já sabia, mas quis insistir. Venha comigo!

Não se arrependará!

- Estou aprendendo a amar todos como irmãos, sem diferença e vejo-o como tal, somos filhos de Deus, nosso Criador. Peço-lhe que não se aproxime mais de mim.

Voltei rápido ao posto e nosso orientador preferiu que ficasse sem sair por uns dias, mas tinha trabalho a fazer. Então modifiquei minha aparência perispiritual, envelheci, fiquei como se tivesse sessenta e cinco anos e voltei ao trabalho.

Vi-o por ali, não me reconheceu, foi-lhe dito que fui para a Colônia. Ainda voltou mais vezes a espionar, depois desistiu e voltou a sua cidade.

Aprendi a modificar a aparência, muitos trevosos fazem isto para enganar; nós não, facilita muito em determinados trabalhos. Passar a chamar-me de velha,

mas para muitos era a Esperança.

Fiquei anos neste trabalho. Estava apta a entrar nas cidades, nas fortalezas umbralinas e foi com muita alegria que passei a este trabalho.

III – Cidades umbralinas

As cidades do Umbral não são iguais, diferem muito, embora tenham as mesmas características. Tem as pequenas, médias e grandes. E também tem as fortalezas que são chamadas de diversos nomes, palácios, castelos, abrigos, mansões, etc. Estas são construções grandes ou pequenas mas um só bloco e vemos muitas por todo o Umbral. Nestas é mais difícil realizar socorro. Muitas são abertas, entram quem quer, mas complica-se para sair. Algumas no Umbral mais ameno, mais perto dos encarnados, são abertas para convidados ao corpo físico, onde há muitas festas, conversas, tudo muito enfeitado e até luxuoso, tem muitas orgias. Nestas não há muito quem socorrer, perturbados e arrependidos atrapalham e dificilmente há prisões, são lugares para divertir e não para assustar convidados encarnados.

- Como os encarnados são convidados? – quis saber, curiosa.

- Leonor, estes desencarnados vagam por aqui, pelo Umbral e também entre os encarnados, permutam energias e trocas de favores. Quando o encarnado adormece, é convidado para vir aqui, muitos gostam e voltam sempre, não precisando ser mais convidados. Aqui tramam, recebem conselhos, entrelaçam nos vícios e após desencarnarem são atraídos para cá.

- E não precisam ser maus, não é? – perguntei.

- São os imprudentes... Leonor, é recomendado orar, fazer preces antes de adormecer, se ligar a boa energia por pensamentos elevados; se agirem assim, não é possível nem os convites deles, mas dos bons espíritos que também estão sempre convidando encarnados para visitar postos de socorro, Colônias e para conversas edificantes. Somos livres para nos ligar a quem queremos.

- Mas isto acontece sempre? Quero dizer, os encarnados são sempre convidados? – indaguei.

- Não, isto acontece eventualmente, mas depende muito do encarnado. Um que trabalha sendo útil ao próximo tem mais facilidade para ter companhias que o ajudam na sua tarefa, mas também pode ocasionalmente ser tentado pelos maus. Escutamos a quem queremos, afinando. Não vá pensar que isto ocorre todas as noites. Com a maioria é de vez em quando. Prudente é estar preparado para um bom encontro.

Lembrei de um acontecimento quando estava encarnada – comentei com ele.

- Uma vez fui destrutada por uma senhora que era minha patroa. A ofensa doeu. Pensei nela com raiva, desejando-lhe mal, dormi assim, com pensamentos ruins. Sonhei que alguém me ensinava a matá-la sem deixar pistas. Acordei apavorada. Pedi demissão, pois não saía da minha mente a idéia de matá-la. Depois, esqueci. Agora sei que, ao vibrar com raiva, mágoa, esqueci-me de orar e

pela minha vibração baixa devo ter encontrado com alguém que poderia ter raiva dela, tentou aumentar minha mágoa e incentivou a cometer uma ação má. - É isto mesmo, você entendeu. Estamos sujeitos a mudar de vibrações. Ao orar e com pensamentos bons temos uma; tendo raiva, ódio, mágoa, outra e com isto podem ser maus – esclareceu meu orientador.

Os socorristas, estudantes entram fácil nestes locais, mas costuma-se pedir autorização para visitar, que sempre é dada, mas eles não perdem a oportunidade de dizer algumas ironias como: “Podem entrar, xeretar a vontade, tomem conta direito dos estudantes, podem gostar e querer ficar conosco, aqui tudo é mais animado. Podem entrar, damos permissão, somos democratas, livres para receber convidados, não temos nada a esconder, não é o que acontece com vocês. Lá deve ser tão ruim, que é até cercado, escondem não deixando que entremos, etc.” Normalmente estas cidades, lugares têm nomes exóticos, tudo lá é muito colorido, com muitos salões que são usados para palestras, danças, festas e quase sempre têm também nomes estranhos, eróticos e pornográficos. As ruas são estreitas, algumas tortas e a moradia do chefe é luxuosa. Quero explicar sobre palestras, sim, há oradores que dissertam sobre diversos temas para desencarnados e encarnados. São temas variados e os principais são sobre sexo, drogas, vícios e vingança. A orgia é tanto que enjoa. Para os materialistas que gostam de prazeres parece ser o lugar ideal. Mas se iludem, lá também tem leis, não se obtém favores sem pagamento, trocas em que sempre o recebedor fica em desvantagem. Se não têm como pagar, são feitos escravos após desencarnarem e estes têm que servir com obediência e os castigos são terríveis.

Quando ouvi falar de escravos, fiquei curiosa para saber o que eles fazem. Muitas vezes desencarnados são feitos escravos porque, encarnados, foram arrogantes, orgulhosos, às vezes, maus patrões. Outros porque encarnados usavam deles, sabendo ou sem saber, para obter favores; outras vezes porque alguns deles o quiseram por vingança. O trabalho deles, escravos, é variado, muitos fazem algo sem objetivo, levam pedras de um lugar a outro. Trabalham limpando as cidades, carregando moradores. E há os que são obrigados a ficar em certos lugares, atormentando alguns encarnados. Alguns são presos e castigados sem motivos. Como já disse, eles não se interessam por desencarnados perturbados e os chamam de loucos, doidos, birutas, etc. e nem dos que se arrependem e clamam por socorro; estes, se estão nas suas cidades, são lançados fora após serem vampirizados em suas energias, são largados pelo Umbral, às vezes perto de suas cidades, outras nos portões dos postos de socorro. São para eles os imprestáveis. Mas isto não é regra, aliás, não existem regras no Plano Espiritual. Muitos são feitos escravos ou torturados por vingança e ficam presos em cubículos por anos como que esquecidos; isso também acontece se o desencarnado for alvo de interesse de grupo rival ou dos bons. E alguns chefes gostam de ter suas prisões lotadas, não importa quem esteja nelas. E são estes os alvos dos socorristas, quando estes imprudentes necessitados lembram-se de Deus, pedem perdão, querem ajuda. E muitas vezes é difícil este socorro. Por isto, é melhor

você, leitor, estar consciente, ser prudente para não parar num lugar assim. Porque às vezes se pede ajuda e esta é demorada, porque além dos socorristas terem muito que fazer, serem poucos, tem que esperar uma ocasião que facilite a entrada e conseqüentemente a saída destes locais.

Com os anos tornei-me especialista em entrar nessas cidades e algumas fortalezas para eventuais socorros. Nas cidades maiores é mais fácil, dificultando nas menores pelo número de transeuntes. Há muitas cidades grandes pelo Umbral. Mudo muito minha forma perispiritual e aprendi também a abaixar a vibração para entrar em alguns lugares. Eles sabem mas não têm como impedir, não gostam, ironizam, ficam irados e às vezes descontam nos que podem ser socorridos. Por isto, tudo é planejado e só feito com segurança para o socorro ter êxito.

- Leonor, que você aprendeu nestes anos sendo socorrista? – indagou Antônio Carlos ao me convidar para relatar estes fatos.

- A ser perseverante, paciente, cautelosa e a amar a todos como irmãos, não se apiedar sem nada fazer, não julgar e expandir este amor aos que se denominam trevosos – respondi.

Quando este meu amigo, espírito que organizou este livro, mentor da médium, me incentivou a escrever, fiquei em dúvida.

- Não sei escrever...

- Mas relata tão bem – insistiu ele.

- Têm objetivos estes relatos? – perguntei.

- Quero que encarnados, ao lerem, pensem na oportunidade que estão tendo de estar no corpo físico, de fazer boas obras, se ligar pela prece, bons pensamentos e atitudes a energias boas, para não correr risco de desencarnar e estar presos a estes irmãos, a lugares ruins. Como também que encarnados pensem em ser úteis para continuar ao passar ao Plano Espiritual, trabalhando para aumentar o número de socorristas.

- Se acha que posso ser útil, não recuso – falei sorrindo.

Não conseguindo negar a este contador de histórias, aqui estou tentando lembrar, narrar o que vi nestes anos, já são mais de quarenta anos que estou servindo no Umbral, amando cada vez mais esta forma de servir. Porque é bem certo, é dando que se recebe. Nada quis para mim, mas mesmo assim, por acréscimo, tive muito, como ajudei, fui ajudada. Tenho netos, até bisnetos e tenho a certeza, pelo modo deles viverem, que ao desencarnarem terão merecimento para ir a uma Colônia. Já auxiliei a desligar os pais que amaram meus filhos e nenhum deles veio para o Umbral, mas se viessem faria de tudo para ajudá-los. Por isto é sábio fazer amigos, fazer o bem sem olhar a quem, porque pode ser este alguém que o ajudará, se um dia você vier a precisar.

- Mas e se você adotar uma criança, filhos de encarnados, e estes forem ruins e não puder ajudá-los? – perguntou uma amiga.

- Minha cara, boa ação é de quem faz. Não importa gratidão do beneficiado, outros bondosos retribuem. Como eu tive, tenho oportunidade de ajudar a muitos, se posso escolher, os pais adotivos têm preferência para mim, talvez porque me

tocam mais fundo.

Mas poderão indagar, os que fizeram boas obras podem parar no Umbral? É muito diverso este merecimento, nem todos são tão ruins que não tenham algo de bom e nem os bons são privados das recordações de erros. Por isto os aconselho, façam amigos, ajam para que tenham pessoas gratas, porque se o beneficiado não pode fazer algo por você, outros fazem.

Lembro, se podem fazer o bem e não fazem, isto cria débito que vem ser causa de sofrimentos, porque é fazendo que se faz por merecer. E vemos muitos no Umbral assim, mornos como dizem seus moradores, muitas vezes foram até socorridos, mas não aceitaram o local ou a morte do corpo, saem de abrigos querendo voltar a seus afetos, a seus ex-lares e a maioria é aprisionada e vai para o Umbral. E em vez de entender que tudo isto foi imprudência sua, culpam a outros e a Deus. Mesmos estes, não podemos socorrer sem que peçam com sinceridade, não são socorridos só pelo fim de seus sofrimentos, mas só quando querem mudar e mesmo assim dificilmente são atendidos rápido pelos fatores que já expliquei. A primeira vez que entrei numa cidade do Umbral foi com um grupo e com autorização, um cicerone veio nos acompanhar.

- Aqui tudo é assim mesmo, muito bonito – disse ele, entusiasmado.

Aqui está o salão principal de festas, o mais importante, sábado irá ter uma, estão convidados.

E foi mostrando moradias, outros salões, para ele tudo bonito e perfeito.

- Ali temos nossa biblioteca, o chefe quer que nos instruamos – riu ele.

Os títulos são ateístas, alguns até de instruções gerais e a maioria pornográficos. Quando estávamos para sair, aproximou-se uma mulher:

- O chefe mandou que vocês levassem estes imprestáveis, que a cidade limpa para uma festa. Aqui estão...

Cinco moradores amparavam um grupo de dez; eles jogaram-nos em nós.

Pegamo-los com carinho, nosso orientador agradeceu pelo grupo e voltamos ao Esperança com eles.

- Todos podem ser socorridos? – quis saber um colega.

- Não, mas como nos foram dados, vamos levá-los e após os primeiros socorros, serão convidados a ficar, permanecerão conosco os que quiserem.

Parece estranho nesta situação não querer ficar. Mas isto ocorre. Nos postos de socorro tem que ter ordem e estas são rigorosamente obedecidas, nada de fumar, beber, orgias, até o palavreado tem que ser correto; não pode sair, tem que seguir as orientações e muitos não gostam, assim que se sentem melhores, pedem para sair ou fazem sem permissão; a maioria volta ou tenta voltar para seus afetos e começam tudo novamente, até que se conscientizam e aceitem gratos o que temos para oferecer. Deste grupo só três saíram, a dor cansa, o sofrimento desperta e para muitos estar abrigado é como ter achado o caminho do paraíso. Mas já tivemos caso de não ter ficado nenhum conosco e até alguns moradores camuflados de necessitados para ficarem no posto. Mas eles não nos enganam, a estes é mostrado o local e são convidados a ficar na casa.

Lembro uma vez que, assim que entramos no pátio, nosso orientador o separou e convidou:

- Amigo, se veio ter conosco, faça uma boa visita, terei o prazer de lhe mostrar todo o local.

Sorriu cínico e sem dizer nada acompanhou, olhou tudo e comentou:

- Aqui é um grande hospital! Não tem festas?

- Não, temos outros lazeres – respondeu o orientador.

- Se me permitir, vou embora. Agora entendo por que pegam os imprestáveis, é para encher suas enfermarias e terem o que fazer. Até logo!

Foi embora. Estes necessitados são chamados por eles de muitos outros adjetivos que não convém a mim escrever aqui.

E estes moradores não são socorridos? Poderão se perguntar.

São sim. Alguns, ao defrontar com grupos encarnados que trabalham para o bem, podem ser doutrinados em sessões de desobsessões e levados para escolas especiais para se reeducarem. Eles são conscientes, dificilmente se perturbam a não ser se forem forçados a isto por outros, por disputas, rivalidades comuns no Umbral, embora a perturbação pro isto é mais rara e quase sempre passageira.

O vazio, sentir-se afastado de Deus, nosso Criador, digo sentir, porque Deus está em todos nós, mas é a criatura que não consegue senti-Lo. Este vazio vem devagar e a insatisfação torna-os infelizes, nem a alegria passageira consegue mais iludi-los. Estes estão prontos para modificar. Quando isto acontece com encarnados, é quase sempre acompanhado por uma depressão que causa tanto suicídio, embora ficando com o físico doente que remédios aliviam, só estarão curados quando acham um significado para sua vida. Mas nem todos depressivos o são por isso, depressão é uma doença física que requer tratamento. E os desencarnados que não podem acabar com sua existência começam a desejar ter paz, sossego, a invejar os bons, a serenidade deles. Estes, se oferecida ajuda, aceitam e até muitos vêm pedir auxílio. Normalmente não ficam nos postos, são levados às Colônias para escolas separadas, recebem orientação que necessitam; depois muitos reencarnam e outros tornam-se excelentes trabalhadores.

Quando fui pela primeira vez a uma cidade mais fechada, foi para visitar.

Pedimos autorização e esta demorou a ser dada.

- Só não podem ir às prisões.

Foram taxativos. Havia muitos escravos, são os imprudentes ou os que de algozes passam a ser vítimas. A maioria é castigada por desobediência.

Não quero descrever horrores, são moradas de irmãos, que, repito, uns gostam, outros estão lá obrigados, sofrem mas nada a mais do que necessitam para despertar para melhorar intimamente.

- Como é possível alguém que já esteve aqui, ser socorrido, ter oportunidade de reencarnar e voltar após desencarnar? – indagou indignada uma companheira. E foi esclarecida pelo nosso orientador.

- A reencarnação é uma grande oportunidade de esquecer, recomeçar e

de realizar o que planejamos e muitos a desperdiçam. Com a bênção do esquecimento, podem crer em muitas coisas e se iludem; outros, diante do sofrimento, revoltam-se, negligenciam negando-se a fazer o bem. Se esta vontade não é firme, recomeçam tudo de novo, são os que param para olhar as setas das religiões, não caminham e ficam em círculo, encarnam e desencarnam. Em muitos a dor só os faz querer mudar, mas infelizmente só ficou na vontade. Esta mudança tem que ser verdadeira, uma virada e muitos mostram encarnados que realmente mudaram, provam a si mesmo que se transformaram para melhor. Por isto nosso planeta é também de provas. Quando entramos nestas cidades em grupo e com permissão, só saímos com necessitados que nos são dados.

Já estava apta a entrar sozinha numa cidade dessas. Nosso orientador me pediu: - Leonor, vá lá e traga esse desencarnado, está servindo de escravo, se encontra um pouco perturbado, mas quer o socorro, arrepende-se do que fez. Uma pessoa que o ama e trabalha na Colônia pede por ele. Estava só esperando ele mostrar sinal para poder auxiliá-lo.

Aproximei-me da cidade, vi sair um grupo, com eles estava uma mulher, quis ficar com sua imagem e fiquei, li seus pensamentos e por minutos sabia como ela agia. Entrei na cidade normalmente.

Narro isto porque eles sabem deste fato, até têm um aparelho, medidor de vibrações; mas quando agimos assim, pensamos por momento como o desencarnados que aparentamos, conseguimos abaixar as vibrações. E se formos descobertos, sumimos e voltamos ao posto. Também podemos marcar uma audiência com o chefe e pedir o interessado. Às vezes se consegue, outras não. O orientador do posto sabe, pelos anos de trabalho, qual é o melhor socorro a fazer.

- Não seria melhor entrar lá a força? – perguntou um aprendiz que queria ser socorrista.

- Não estamos aqui pra desrespeitar o livre-arbítrio de ninguém. Lembro a vocês que, se Deus permitiu, quem somos nós para querer modificar. E muitos lá não querem o que temos para oferecer. Outros querem só o alívio, socorrendo antes do tempo estamos impedindo da dor tentar ensinar. E que aconteceria com estes moradores, espíritos trevosos? Certamente iríamos irá-los mais, aumentando o ódio. Trazê-los para cá sem que queiram, só iria perturbar o ambiente. Não, minha amiga, tudo tem razão de ser.

Entre na cidade com calma e fui até o desencarnado que viera buscar.

Achei-o fácil, estava amarrado com outros três. Um guarda os vigiava e reconheceu a mulher que plasmei.

- Ei, você não ia vampirizar uns encarnados?

- Ia, mas voltei.

- Cansada da festa de ontem? – ele perguntou.

- Não, estou pronta para a próxima – respondi.

Rimos.

- Que faz por aqui?
- Vim vê-lo – respondi.
- Pensei que não se interessava por mim – disse o guarda.
- Estou sempre mudando de idéia e gosto.

Olhei fixamente e o fiz adormecer por momentos. Com a mão fiz a eles sinal de silêncio.

- Vim buscar você, Francisco, a pedido de sua mãe. Fique calmo e faça o que eu mandar, converse o mínimo possível. Vocês três também fiquem quietos.

Querem ir conosco? Vou levá-los para o socorro.

Não se interessaram, então os adormeci, fiz pela força da minha mente que passassem por uma dormência. Desamarrei Francisco e o segurei pela cintura e tranqüilamente saímos da cidade.

- Quem é você? – perguntou ele.
- Sou uma moradora do Esperança! – respondi.
- Assim, duvido – disse Francisco.
- Não se deixe enganar pela aparência – sorri.
- Minha mãe... É verdade que veio a pedido de minha mãe? Não fui bom filho.
- Mas ela sempre foi boa mãe. Preocupa-se muito com você. Ao senti-lo com arrependimento, nos pediu para tirá-lo deste lugar.
- Acho que terei vergonha em revê-la. Sonho em abraçá-la, mas será melhor eu ajoelhar aos seus pés e implorar perdão – falou emocionado.
- Ela já lhe perdoou, tanto que intercedeu por você – falei.
- Mas eu não lhe pedi perdão, quero fazê-lo.
- Está certo, pedir perdão é reconhecer que erramos.
- E como erre! – exclamou ele.

Francisco necessitava falar e eu estava disposta a ouvi-lo, contou sua história.

- Nasci numa família de classe média, tive cinco irmãos; minha mãe, uma senhora bondosa, tudo fez para nos educarmos. Meu pai ficou doente e desencarnou, deixando-nos entristecidos. Três anos depois, um senhor rico quis casar com ela, meus irmãos não gostaram muito, eu, por ele ser rico, incentivei. Ela casou; com também meus irmãos casaram, eu fiquei em casa, era farrista, ocioso e gastava muito. Comecei a pegar dinheiro do padrasto e por isto eles começaram a brigar. Ele começou, com razão, a implicar comigo; numa dessas discussões, peguei um canivete e fui para cima dele, lutamos e ele se feriu mortalmente. Inventei uma história e obriguei minha mãe a concordar. Que eles brigaram e ele queria matá-la e aconteceu o acidente. Mamãe amava o marido, mas para evitar que eu fosse preso confirmou. Só que ele tinha feito um seguro favorecendo-a e fez um testamento deixando tudo que tinha para ela. Isto fez que o delegado suspeitasse dela e minha mãe foi presa e eu não fiz nada para ajudá-la. Meus irmãos pagaram advogado para que a tirasse da prisão, ela estava doente e veio desencarnar logo depois. Peguei minha parte da herança e fui embora dali. Aproveitei a vida, como dizia, farreei até o dinheiro acabar, depois passei à marginalidade e foi de erro em erro até que desencarnei, vaguei e eles, estes espíritos umbralinos,

me pegaram e virei escravo. Sofri muito. Arrependi-me de todos meus erros, mas o que fiz a minha mãe me dói como se tivesse cravado no meu peito aquele canivete. Não me conformo por tê-la envolvido e ter deixado que pensassem que foi uma assassina e interesseira. Ela sofreu e nada disse para não me prejudicar. Agora, intercede por mim.

- O amor maternal é grande e quando uma mulher aprende a amar, este sentimento torna-se puro, falei.

Ao entrar no posto, voltei a minha aparência; Francisco olhou-me admirado. Resolvido a melhorar, tudo fez para isto, dias depois foi para a Colônia onde ira ver sua mãezinha. Quis saber o que depois da fuga.

Ao acordar, o guarda percebeu a falta de um, ficou quieto e nem foi notado o desaparecimento de Francisco. Porque às vezes o guarda é castigado por negligência. Nas fortalezas, castelos e pequenas construções é mais difícil de entrar, se não tem passagem livre. Porque seus membros são restritos e conhecidos e qualquer falha, desatenção do socorrista se é descoberto. Vamos lá raramente e os socorros são poucos. Quando seus moradores querem socorro, preferem pedir a centros espíritas a nós, por acharem mais fácil lidar com encarnados. Tem muitas prisões que não diferem muito das dos encarnados, são de muitas formas, superlotadas, solitárias, mas todas tristes. Uns ficam presos por pouco tempo por castigos por desobedecerem, outros por vingança. Estas prisões estão localizadas nas cidades, algumas fortalezas e são de difícil acesso; também se deixa preso em buracos, cavernas pelo local.

Soubemos que na cidade umbralina perto de nosso posto havia um detento, Juarez, que ajudava outros companheiros e que chegava até receber castigo por outros.

- Vá lá, Leonor, converse com ele e ofereça socorro – pediu nosso orientador.

Não foi fácil entrar lá, infelizmente só posso narrar os métodos que eles conhecem. Fiquei dias planejando e tudo deu certo, conversei com Juarez.

- Diga, amigo, não quer sair daqui e conhecer outra forma de viver?

- Não sou digno, não se preocupe comigo – respondeu ele.

- Você está consciente e tem ajudado companheiros.

- De fato, desencarnei, vim para cá, acho justo, não perdi a consciência como tantos outros. Não mereço melhorar, quero ficar aqui e ajudar estes infelizes como posso – falou baixinho.

Conversei com ele mais alguns minutos e não o convenci.

- Encarnado, cometi um crime, por infelicidade discuti com meu cunhado ao descobrir que era roubado por ele, lutamos e eu o matei. Porém, deixei que um jovem ladrão levasse a culpa e fosse preso por anos por um crime que eu pratiquei. O que ficou preso no meu lugar desencarnou anos depois na prisão e não me perdoou; quando meu corpo físico morreu, ele me trouxe para cá.

Faz tempo que eu não o vejo, acho que foi socorrido. Aqui estou preso por não ter ficado quando encarnado.

Tive que sair e o deixei, soubemos que continuou confortando companheiros e após três anos voltei a oferecer socorro.

- Acha mesmo que se eu aprender, irei ser mais útil? – indagou ele.

- Irá sim, poderá ser um bom socorrista, para isso tem que ser ajudado, aprender, aí poderá voltar e, como eu, ajudar quem quer ser auxiliado.

Ele veio comigo, ficou no Esperança até a próxima caravana que o levou a Colônia; dois anos depois foi trabalhar como socorrista em outra parte do Umbral. Tornou-se um atencioso e bom samaritano. Visitou-me para agradecer.

- Leonor, eles a chamam de Esperança, traduz bem o que você passa, esperança de vida melhor. Obrigado!

Fui certa vez a cidade umbralina para socorrer uma desencarnada que era mantida como escrava e sua companheira, que estava amarrada junto dela, me pediu:

- Você veio buscá-la, não dá para me levar também? Qualquer lugar é melhor que aqui. Observei-a e resolvi libertá-la. Saímos da cidade, amparava a que vim socorrer e a outra que me pediu, colocou a mão no meu braço e foi falando:

- Pensei que não ia conseguir. Fiquei até com medo, se me pegarem fugindo, vou ser castigada. Não quero ficar aqui, não sou como eles. Você não quer saber como vim parar neste lugar?

- Sim, pode falar – disse.

- Tive uma vida encarnada normal, ou penso, já não tenho tanta certeza. Não fiz grandes pecados e nem grandes bondades. Deixei muito de fazer, adiei e agora entendo que deixei de fazer a mim mesmo. Porque se tivesse aprendido fazendo não teria vindo parar neste local. Tive ocasião de aprender, fazer o bem, mas sempre achava uma desculpa e o tempo passou e meu corpo morreu. Revoltei-me com este fato, vaguei uns dias, um espírito conversou comigo, me disse da necessidade de arrepender, de recomeçar, fui para um abrigo, não quis ficar lá, era um posto de socorro, assim me falavam. Quis voltar ao meu lar e fui para lá. Mas, eles não me viam, não ouviam, fiquei raivosa e concluí: “Eles me disseram a verdade, o pessoal daquele hospital, estou morta, desencarnada.” Fiquei com raiva dos meus familiares e comecei a desejar-lhes mal, queria mesmo que sofressem por mim, comigo. Um dia, fui aprisionada por um bando de trevosos e trazida para cá. Arrogante, disse-lhes alguns desaforos, me bateram e não deu outra, tornei-me escrava. Isto faz algum tempo, não sei dizer quanto, se faz meses ou anos. Mas, ultimamente tenho pensado que fui má e egoísta no meu ex-lar, quis prejudicar a família por eles não terem me visto. Quando encarnada, eu também não queria saber dos mortos. A morte do corpo vem para todos, não teria como não chegar minha vez. Depois fui orgulhosa, querendo ser mais que os outros e acabei escrava. Tenho visto alguns como eu serem presos e depois serem soltos como imprestáveis, sem passar o vexame de ser humilhada como escrava.

Esta senhora não estava perturbada, estava consciente de tudo, isto a fazia sofrer mais. Quando esses espíritos maus pegam imprudentes, levam-nos para o Umbral e os vampirizam, isto é, sugam suas energias os deixando um farrapo, esgotados, perturbados que às vezes se prostam tanto que não servem para escravo. São estes, os que não servem para nada, que são deixados pelo Umbral.

Esta senhora era obrigada a servir, fazer serviços humilhantes e não foi vampirizada. Outros como ela, perturbam-se ou podem manter-se conscientes. Quase sempre anos de humilhações, remorsos os fazem perturbar-se, outros permanecem sabendo bem o que lhes acontece. Estou narrando alguns fatos de espíritos conscientes, porque os perturbados falam pouco e não se entende o que dizem. Eu ao buscá-los não tinha tempo para saber que fizeram e era, é, meu trabalho buscá-los e deixá-los no Esperança. E estes são muitos e ambos, escravos e perturbados, sofrem demasiado.

- Escrava, não sou, sou, não sei... – balbuciou a outra que eu amparava.

- Esta coitada sofre muito – falou a outra. – Creio que ela se suicidou, queria achar seu amado e não o encontrou. Estava no Vale dos Suicidas, escutei-os falar.

Um dos chefes a quer, porque como disseram, iam colocá-la perto de um encarnado para ver se ele se suicidaria.

Achando que estava falando demais, ela quietou e eu observei a outra socorrida e lembrei que o orientador do Esperança me disse:

“Leonor, você vai tentar resgatar este espírito que se suicidou há alguns anos, por uma desilusão amorosa não quis mais viver. Seu afeto não teve culpa, até que ele foi honesto com ela, mas nunca deixou de orar, rogar por ela e é pelo seu pedido que iremos socorrê-la. Este rapaz, agora homem, conheceu o espiritismo, tornou-se um trabalhador encarnado participando de um grupo laborioso que tem feito um trabalho útil junto a sofredores. Começaram a incomodar e este grupo de trevosos, querendo prejudicá-lo, foi ao Vale dos Suicidas, onde ela estava, pegou-a e pretendem colocá-la perto dele, que deverá aceitá-la. Esta desencarnada ainda o ama, não se arrependeu, faria de novo, ela quer que seu afeto sinta remorso pelo seu ato. Mas já sofreu muito, aceitará o socorro e assim que estiver melhor, reencarnará.”

Ela me olhou, estava muito perturbada, me indagou:

- Você vai mesmo me levar para perto do homem que amo?

- Você minha amiga irá para um local para sarar – respondi.

Mas ela não escutou, começou a balbuciar palavras sem sentido. A outra comentou:

- Ela está doida assim por amor?

- O amor só dá equilíbrio, o que ela sentiu foi uma paixão, foi imprudente mas irá melhorar. Vamos depressa, estamos quase chegando.

Uma condução nos esperava, seu condutor, um trabalhador do posto nos cumprimentou, ajudou a acomodar as duas e partimos. Logo chegamos ao abrigo.

As duas foram para a enfermaria e dias depois transferidas para a Colônia.

fVieram ao posto pedir a moça que se suicidou, recebemos ataques e tudo ficou tranqüilo dias depois.

Se às vezes sabia o que ocorria após o socorro, era por curiosidade. Meu trabalho acaba quando os deixava no posto. Esta moça que se suicidou foi levada para a Colônia no hospital separado só para suicidas; anos depois reencarnou deficiente, danificou seu corpo perfeito e não conseguiu recuperar-se, o remorso que sentiu alimentou a deficiência que transmitiu ao corpo físico.

A outra senhora aceitou o socorro; grata, quis ser útil e tornou-se uma trabalhadora no Plano Espiritual.

É sempre grata ao nosso coração a recuperação do socorrido.

IV – Os transformados

Sempre vemos vagando pelo Umbral espíritos transformados, que são chamados de muitos modos. Normalmente modifica-se pelo simples fato de estar ali. Moradores vestem-se como querem, uns até têm bom gosto, outros extravagantes; mas transparecem nas suas fisionomias o desequilíbrio, a desarmonia, os maus principalmente mudam os olhos, tornando o olhar duro, cínico. Mas os sofredores estão normalmente sujos, em farrapos, despenteados e tristes. Escutamos de muitos que são mais reconhecidos pelo sentido do que por vê-los. Isto é verdade. E muitos ficam com a aparência de bichos, monstros. Isto acontece com sofredores e com alguns moradores. Os trevosos se transformam porque gostam, para assustar, enganar ou esconder a aparência que tinham quando encarnados. Outros ficam assim por castigos e até por terem passado por tribunais presididos por moradores que sabem fazer isto.

Transformados socorridos muitos demoram tempo nas enfermarias para voltar a sua forma antiga. É muito usada ajuda de encarnados em sessões de orientação, desobsessões nos centros espíritas. Outros voltam logo, só demoram se aderiram a essa transformação por achar justo o castigo, pelo remorso destrutivo e outros por terem ficado muito tempo transformados. Alguns nem falam, urram como animais e seus pensamentos na grande maioria são confusos. Conheci Frank logo que vim ao Esperança.

- Ele é um socorrista competente e experiente – disse o orientador, nos apresentando.

- Frank de Frankenstein – sorriu ele.

Observei o apresentado, muito alto, forte, rosto quadrado, olhar esperto e sorriso franco. Afastamo-nos do grupo e ele me explicou.

- Chamo Afonso, mas todos me chamam de Frank, talvez por parecer com o monstro de um livro, a estória do Dr. Frankenstein. Mas fui transformado. Na última encarnação e nas anteriores, tive o vício de roubar. Nesta última fui alto assim, forte, impus pelo medo e roubei muito. Para defender-me em um assalto, acabei excedendo e assassinei duas pessoas. Desencarnei e vim ter por afinidade o Umbral por moradia. “Esse aí parece com o monstro do Dr. Frankenstein, fique como ele!” Escutei quando fui levado para um julgamento numa cidade umbralina. Tornei-me escravo e sofri muito e este sofrimento fez que eu me arrependesse sinceramente. Não quis mais fazer maldades e fui castigado, pedi perdão a Deus e fui socorrido. Depois que aprendi a servir, voltei para o Esperança como auxiliar e acabei como socorrista. Agora tenho a aparência da minha última encarnação, às vezes dou uma modificada para ficar mais feio e assim trabalhar melhor.

- Frank ou Afonso, como devo lhe chamar? – perguntei.

- Frank, como todos o fazem.

- Como são feitos esses julgamentos no Umbral? – quis saber.

- Não é em todas as cidades que fazem estes julgamentos, só em algumas. Os imprudentes que desencarnam vão para o Umbral por afinidades e lhe digo que não precisa ter muitas ações erradas, mas também por falta de boas ações, ou os que são muito orgulhosos e egoístas, dois vícios cotados pelos umbralinos de maravilhosos. Podem, ao serem trazidos, ficar como moradores, julgados e serem feitos escravos, outros levados a buracos, salas de torturas, podendo ser transformados se o juiz assim quiser e souber fazer isto.

- Mas por que isto? – perguntei apiedada.

- Leonor, se você quer ser socorrista, deve pensar que irá ver muitas coisas por aqui. Somos livres para fazer o que queremos e não o somos com as conseqüências. Há na terra muitas religiões que ensinam como evitar o mal e incentivam a fazer o bem. O ensinamento de Jesus é muito falado. “Ama!” Mas poucos o seguem e o resultado é isto que vemos. O Umbral é lotado de sofrimento. É isto que existe porque a criatura humana o habita. Se não existisse quem habitar ele desapareceria. Costumo dizer que o Umbral é um local próprio para as reações às más ações.

Tornamo-nos grandes amigos, a especialidade dele é ir às furnas mais profundas e resgatar os arrependidos, aqueles que queiram modificar-se.

Conversei também com uma mulher que no momento trabalhava no posto em pequenas tarefas, que me disse:

- Fui uma pecadora, cometi muitos erros quando encarnada; ao desencarnar fui trazida ao Umbral, julgada e transformada. Fiquei com aparência de uma cachorra. Como me arrependi, clamei por ajuda, fui socorrida e tive que ser levada a um centro espírita para ser ajudada. Nesse local de orações fui convidada a aproximar-me de um médium, fiz, senti o calor de um corpo físico, um bem-estar fazia muito que não sentia. Um orientador encarnado que o ouvia perfeitamente foi me incentivando: “Volte, irmã, adquira sua aparência!” Com a energia recebida fui aos poucos modificando. Voltei à aparência que tinha antes de desencarnar, foi ordenado: “Não pense mais como estava! Você é um ser humano, uma filha de Deus, que muito a ama, sinta este amor e ame também!” Fiquei tão grata que chorei, fui afastada do médium e permaneci no Plano Espiritual do centro espírita, num pequeno hospital em tratamento, depois fui transferida para outro; quando estava melhor fui estudar, mas não gosto, aprendi pouco, vim para cá, vou aprender trabalhando e quero cuidar da enfermaria dos modificados.

Alguns transformados, ao chegarem para um socorro, são quase sempre abrigados em enfermarias separadas porque necessitam de cuidados especiais. Querendo saber, assim que cheguei ao Esperança, indaguei ao nosso orientador, que temporariamente era o encarregado desse posto de socorro.

- Como se consegue transformá-los assim?

- Leonor, o perispírito é modificável, aquele que sabe o faz e até pode modificar o do próximo se este o permite. Este conhecimento não é só privilégio

dos bons, conhecimento nenhum o é. Só que os bons usam-no para serem úteis, por algum motivo, nunca para enganar, ou prejudicar. Os mal-intencionados para ludibriar o fazem em si mesmos e em outros por maldade, dizendo ser justos. Modificam outros porque ordenam com precisão, com autoridade, levando o outro a achar ser o certo. “Você é isto por isto!” Estes julgamentos têm dia e hora marcada e às vezes recém-desencarnados são levados por desafetos que agem como acusadores. Ao desencarnarmos iremos para onde afinamos, onde merecemos.

Primeiramente o julgador o arrasa, fala de seus erros, fazendo o indivíduo pensar que realmente não vale nada. Aí ordena com autoridade, o outro com medo aceita e é transformado. Mas há os que não aceitando não se transformam e são castigados de outra forma. Embora os julgadores costumem ver antes os que estão para ser transformados, conhecedores da alma humana, sabem quem pode ou não receber este castigo; para não darem vexame, não serem diminuídos não conseguindo, separam, fazendo ir para julgamento os que têm certeza que podem transformar.

Conversei com uma senhora que foi transformada, socorrida e anos depois veio visitar nosso posto. Ela me disse:

- Leonor, vivi encarnada pensando que nunca ia desencarnar, a morte do corpo era para os outros, evitava pensar na morte. E ela veio, revoltei-me inconformada, ficando ao lado do meu corpo. Dias após fui trazida para cá por uns moradores que passeavam pelo cemitério. Presa num cubículo esperei o julgamento. Tremia de medo ao ver uns antes de mim serem julgados. Não conseguia falar. Aquele que julgava falava forte, com firmeza. Ao chegar minha vez falou alto: “Orgulhosa! Arrogante! Usurpadora do dinheiro alheio! Desencaminhou jovens oferecendo vantagens para vender seus corpos, não se apiedou daquelas que não queriam mais fazer isto. Nem sua filha escapou de sua ganância. É um monstro de feiúra! Você causará horror! Seja feia!” Levantou a mão e eu me tornei horrorosa como ele queria, porque era verdade tudo que me acusava. Foi horrível, sentir daquele modo, fiquei anos e só me lembrava de meus erros, passava-os na minha mente sem descanso. Perturbei-me, chorava de remorso, tornei-me uma imprestável, fui largada no Umbral e tempo depois fui socorrida. O carinho dos bons fez que voltasse a ter a aparência que tinha encarnada. Tento me modificar, vou reencarnar logo que for possível, vou ter por minha escolha uma vida de sacrifício e tentarei provar a mim mesma que viverei dignamente sem vender meu corpo. Para isto tenho estudado e trabalhado, terei, encarnada, uma grande prova, espero vencer.

Vi certa vez numa caverna um indivíduo preso que estava transformado, que só falava: “Não sou digno de parecer com nenhum animal, pois um ser inferior como nosso bicho não é capaz de fazer isto!” Balbuciava, não nesta ordem, mas queria dizer isto. Sua aparência era horrível, uma chaga só, vermes andavam pelo corpo, exalava podridão. Eu estava acompanhada de Frank, que me explicou: - Este irmão estuprou muitas crianças; ao desencarnar foi vigiado para que não

saísse do corpo enquanto este apodrecia. No auge da decomposição, foi desligado e trazido para um julgamento. E foi ordenado que ficasse como seu corpo estava naquele momento para sempre. Bem, este para sempre será até que se arrependa. Está com ódio e blasfêmia e enquanto agir assim não podemos socorrê-lo. Fala isto por ter escutado daquele que o transformou. Para que entenda melhor, ocorreu com ele o seguinte. Ele desencarnou e não se arrependeu; vigiaram os moradores que se dizem julgadores, para que seu espírito não saísse do corpo, ficou enlouquecido sentindo a decomposição e os vermes comerem seu corpo físico. Desligaram-no, seu perispírito tinha a aparência de antes de desencarnar, só o corpo apodrece. No julgamento foi transformado na aparência de seu corpo na fase de apodrecimento, porque seu corpo seguiu o processo natural e virou pó.

Apiedei-me e orei por ele. Sempre indagava a Frank dele, foi após muitos anos que foi socorrido, orientado num centro espírita, fez um tratamento e foi levado para reencarnar, necessita esquecer e recomeçar.

Muitos transformados tomam formas de animais. Daí talvez a crença que muitos seres humanos voltam como animais. Que não é verdade. Humanos só reencarnam com o corpo hominal. Mas quando se vive com o perispírito e este sendo modificável, muda-se a aparência. Não viram animais, tornam-se parecidos. E sofrem por isto. Querem retornar a sua aparência e não conseguem sozinhos, porque não sabem. Outros moradores podem ajudá-los, quem sabe fazer sabe desfazer.

Mas também poderíamos dizer, chamar de transformados aos que mudam para melhor. São muitos que passaram pela zona umbralina ou como moradores ou como sofredores, querem mudar e tornam-se outros. Muitos mudam de necessitados a úteis.

Leônidas é um socorrista ativo, esperto, guia de grupos de estudantes ou de alguém que quer localizar desencarnados naquela região; conversando com ele, me contou:

- Leonor, vim ter, ao desencarnar por afinidades, ao Umbral e me tornei um morador. Não estava perturbado, consciente que meu corpo morreu, queria continuar com as maldades e com prazeres e me dei com os afins. Aprendi rápido a usar o poder da mente, a vampirizar encarnados e a influenciá-los, mas isto só se consegue se eles nos dão atenção. Mas esta vida cansa, vai aos poucos dando uma insatisfação que, aumentando, chega a doer. Comecei a não achar graça em nada, tornei-me um chato, lutei contra a tristeza, comentei com amigos que sentiam a mesma coisa e um deles me disse:

- Acho, meu amigo, que isto acontece porque estamos longe de Deus. Tenho pensado, Deus deve estar aqui, perto de nós, a gente que não quer senti-Lo e é isto que nos dói. Invejo os socorristas, os que trabalham ajudando. Você já observou-os? Têm a alegria dos felizes, olhar tranqüilo. Se morremos e não acabamos, conseqüentemente Deus existe e estamos vivendo contra suas leis. Tenho pensado e cheguei à conclusão que um dia teremos que receber as reações de

todas nossas ações.

- Será? – indagou um outro.

- Sem dúvida e tenho estado preocupado.

- Que o chefe não nos ouça, podemos ser castigados – falei.

- Nosso chefe é inteligente, deve saber disto – respondeu meu amigo.

- Por que ele não muda? – perguntei.

- O poder prende, é chefe, manda, é difícil largar tudo. Não posso falar por ele, o que nosso chefe pensa. Mas, eu tenho pensado e fico em dúvida, talvez não me adapte à vida ordeira, disciplinada que se vive nos postos e nestas tão faladas Colônias Espirituais.

- Como faço para eles me aceitarem? Será que se eu pedir, me deixarão ficar lá? E se eles não me aceitarem, o chefe saberá e me castigará. Tenho que pensar bem – falei.

- Sei de um jeito – disse o outro -, já ouvi falar de um centro espírita que leva espíritos como nós para uma escola na Colônia. Um amigo meu foi fazer um trabalho e o encarnado prejudicado foi pedir auxílio no centro espírita, eles o pegaram, conversaram com ele e o levaram para esta escola onde ficou tempo e se sentiu muito bem. Foi ele que me contou, veio me convidar para ir com ele. Não quis, agora não sei, começo a pensar nas conseqüências.

Ele me deu o endereço e fiquei a pensar por uns dias, rondei o local, vim a saber o dia certo que atendia os desencarnados. Fiquei na dúvida, não queria mais aquela forma de viver e arrisquei. Fui lá e disse a eles que queria, me trataram bem e me levaram para a tal escola. Gostei muito, foi ótimo, quando apto pedi para trabalhar no Umbral. E aqui estou e quero ficar por muitos anos. Sei quando um morador está insatisfeito, isto é, começa a cansar desta vida, a sentir-se afastado de seu Criador, vou e converso com ele e estes diálogos têm dado resultado, tenho conseguido em muitos mudar a forma de viver.

- Que você me diz dos transformados?

- Dos bichos? Os monstros? Sei que dão diversos nomes para estes infelizes. Tornam-se pela influência e com os seus consentimentos, parecidos ao que é sugerido, sem porém deixar de ser eles mesmos. Fixam uma idéia e passam a vivê-la. Já vi desencarnados passar dias transformados, como também anos. Isto só depende deles, nuns o erro dói tanto que o castigo é bem-feito. Leonor, não se esqueça dos que gostam, eles mesmo se transformam e vivem bem com aspecto aterrorizante e outros tornam-se parecidos com outros para enganar. Estes mudam como e quando querem.

Passei a usar desta mudança para conseguir ajudar irmãos: O uso é permitido, abusar é prejudicial. ⁽²⁾

- Qual é o meio mais fácil dos transformados por castigo voltarem ao que eram?

- Devemos sempre usar o amor, lembrar que este espírito foi humilhado, arrasado, talvez porque também fez isto. Deve-se ver nele um irmão que sofre. Ele obedeceu a uma ordem de quem julgou ser inferior e outra deve ser dada a ele com autoridade e muito amor. Deve sentir que quem está dando esta ordem é

alguém superior ao outro que o transformou. Também pode fazê-lo pensar nele antes de ser transformado e ficar com sua aparência real. Reuniões de encarnados sérios têm sempre êxito nestes casos.

- E você, Cleonice, por que trabalha aqui? – indaguei a uma companheira.

- Leonor, há muito que fazer no Plano Espiritual. E trabalhar no Umbral me atrai porque aqui tem muitos necessitados; como também precisava de uma permissão, obtive, mais ela me foi cedida por vinte anos de trabalho aqui.

- Que permissão, você pode me dizer qual é? – perguntei.

- Claro. Quero reencarnar numa família espírita para ficar mais fácil trabalhar com a mediunidade que terei – Cleonice sorriu.

Isto ocorre, não só com o trabalho no Umbral, mas com os outros também. Serve-se para ter algo em troca. Mas, felizes os que não almejam receber nada, estes o fazem por compreensão, é fazendo a outros que melhoramos a nós mesmos como também o ambiente em que moramos, de que fazemos parte. Anos já se passaram e por muitos ainda ficarei no Umbral participando deste trabalho que amo.

E alegre-me em dizer: “Sou socorrista, tento ajudar irmãos que sofrem!”
Bendito seja o Senhor que nos dá oportunidade de servir!

Leonor

(2) No dia seguinte, iria passar este texto a limpo. À noite, recebi a visita de seis espíritos que sabiam mudar a aparência. Vieram na tentativa de me assustar. Rodearam-me, riram e mudaram de aparência em segundos. Um deles, mais afoito, colocou a mão no meu ombro e mudou sua forma perispiritual muitas vezes: de jovem, de idoso; reparei bem na aparência de uma senhora de seus sessenta anos, distinta e bem vestida; também de outro, negro, de bigode. Mudou até a fala. Receosa, clamei por ajuda do meu mentor, Antônio Carlos. Ainda ficaram mais um tempo. Quando se retiraram, adormeci, pois estava cansada, com sono, após um dia laborioso. Pela manhã, ao conversar com o espírito de Antônio Carlos, ele me explicou que meu trabalho é acompanhado por eles, alguns moradores do Umbral; e sabendo que escreveríamos sobre transformações, vieram me dar um espetáculo. Antônio Carlos deixou, porque seria uma experiência que me traria aprendizado, e finalizou, repetindo algo que sempre me diz: “Aprenda a distinguir os espíritos por sua vibração. Energia é própria a cada um; pode-se abaixá-la, mas é impossível elevá-la, nas transformações. Não se pode usufruir do que não se tem. Se não quer ser enganada, saiba que os espíritos bem intencionados transmitem sensações de conforto e paz.” E temos os precisos ensinamentos contidos no Livro dos Médiuns, de Allan Kardec; basta estudá-lo e saberemos mais sobre este assunto. Nota da Médium.

Terceira Parte – Trabalho com encarnados

- As primeiras lições
- Diante do desencarne
- Entendendo o sofrimento

José

I – As primeiras lições

Não vou falar de fatos de quando estive encarnado e nem da minha última desencarnação, estes já foram narrados no livro “Perante a Eternidade, no primeiro capítulo, O Pedaco mais Lindo do Céu, psicografado por esta médium.”

Passei a trabalhar logo que voltei ao Plano Espiritual e pedi para vir ajudar os encarnados, assim ficando perto da esposa e filhos, auxiliando-os também.

- Mas, José, você se privará de estudar – disse Anselmo, meu orientador.

- Terei tempo para isto. Desejo aprender e o farei trabalhando, estudar seria um prêmio que ainda não sou digno de fazê-lo.

E vim, fui fazer parte da equipe de um centro espírita. Enturmei logo, para aprender seria um auxiliar dos trabalhadores antigos.

- Vou ajudar os encarnados!

- Aqui, meu caro amigo, ajudamos encarnados e desencarnados. Como ajudar um, seu auxiliar o outro? – sorriu Agenor.

Logo entendi que este meu colega estava certo. Estamos bem interligados, somos seres humanos, que ora vivemos em corpo físico, encarnados; com este morto, passamos a viver em outro plano, desencarnados. Com os mesmos sentimentos, vícios, virtudes, propósitos, somos sempre o mesmo indivíduo. Se encarnados acostumados a servir, aqui continuam nesta dependência até se conscientizar da necessidade de ser alguém auto-suficiente e conseqüentemente passar a ser útil.

Vontade é muito necessário para esta modificação, mas necessita querer mesmo para fazer esta mudança. E o objetivo maior dos socorristas é ajudar os indivíduos nessa mudança, nessa transformação. Porque não é fazendo a tarefa dele por pena ou piedade, embora isto seja bom e suavize sofrimentos, que estamos ajudando-o de fato. Quando ele vem a um centro espírita pedir auxílio, quer o alívio de suas dificuldades, vem como um faminto sem meio de obter alimento por si mesmo, porém muitas vezes ele tem meios de resolver seus problemas, mas é tão mais fácil contar com o auxílio alheio. É dado o alimento, ele sabe então que ali encontra a solução de muitos dos seus problemas e volta quando tiver outro. E assim muitos passam pela vida encarnada sendo pedintes

do trabalho alheio, desencarnam e esta dependência fica, às vezes reencarnam e continuam neste círculo.

Nestes quarenta anos que servi com muito amor a necessitados, tenho um objetivo, ensinas pessoas a serem auto-suficientes, ajudarem a si e ao próximo, porque é fazendo e ajudando a outros que aprendemos a fazer para nós mesmos. E quanto mais damos, mais temos. Um professor que dá conhecimentos aos seus alunos, não perde o que sabe, ao contrário, quanto mais dá, mais aumenta seus conhecimentos. Quem dá amor a outros, não o perde, só aumenta sua capacidade de amar.

Se ensinarmos a pessoa a preparar seu alimento e ela continuar faminta de alimento alheio, será que estamos sendo caridosos com ela? Este alimento é dado quando a pessoa é incapaz no momento de fazê-lo. Por isto são muitos que se julgam necessitados, vão pedir e não recebem.

Todos aqueles que ajudam, que são úteis, devem ensinar os pedintes a orar, a estudar o evangelho, a viver os ensinamentos de Jesus, a trabalhar para melhorar, trocar vícios por virtudes, a dar frutos do que aprende, ajudando ao próximo e conseqüentemente a si mesmo. Não se deve ser egoísta, fazendo a tarefa para o outro, priva-o de aprender.

Se a Terra é uma grande escola, temos que aproveitar a oportunidade para aprender sempre, porque aquele que não faz, para e quem estaciona, a dor, o sofrimento, sábios ajudantes do progresso, o impulsionam para frente. E como se

aprende fazendo, não vejo este fazer sem obras. E quem faz para si faz. E estamos só falando do bem, mas pode-se fazer o mal. Muitos usufruem de seus erros e não querem as conseqüências deles, que são desagradáveis. É como um indivíduo que gosta de embriagar-se e não da ressaca. E para não senti-la, pede auxílio. A maior ajuda que receberá é o entendimento para não se embriagar mais, ou não errar mais. Ociosos sofrem muito, o deixar de fazer é perder oportunidades que nem sempre voltam com facilidade. Presenciei muitos fatos nestes anos e ao escrever, narro a vocês, leitores amigos, na tentativa de despertá-los para a necessidade de mudar, largarem de ser pedintes para serem ricos em boas obras, em conhecimentos para merecer ao desencarnar ter amigos que os acompanharão, sem precisar auxiliá-los no Plano Espiritual, porque nem precisarão de ajuda.

Quando comecei a trabalhar, queria ajudar a todos, vi em cada pessoa um necessitado.

- Vou ajudar este!

- Calma, José! – expressou Agenor. Você não pode sair por aí ajudando a todos que julga necessitado.

- Mas, Agenor, esta senhora está com um desencarnado vampirizando, está ficando adoentada. Por que não ajudá-la?

- Alguém lhe pediu? Não? Vamos analisar o fato. Esta senhora tem infelizmente o vício de falar da vida alheia. Ao comentar maldosamente e aumentar um acontecimento desagradável da vida de uma jovem, o pai da moça desencarnado,

ofendeu-se e veio para perto dela para prejudicá-la, como ela fez com sua filha. Está vampirizando-a, isto é, sugando suas energias e lhe transmitindo as dele, que são doentias. Este desencarnado está a vagar e não quer o socorro. Para auxiliar neste caso, precisamos levar o desencarnado para um socorro; como ele não quer, não ficaria e perturbaria o ambiente a que fosse levado. Se o levarmos, devemos pensar se não estamos dando trabalho extra e sem necessidade a outros companheiros. Porque não basta afastá-lo, tem que ter uma orientação. Se levarmos para ser doutrinado nas sessões de orientação do centro espírita, temos que contar com os médiuns e temos que ver se ele não tomará lugar de outro que quer o socorro. Pois o horário desta reunião é limitado como também é o número de socorridos. Você tem razão num detalhe, são ambos necessitados, a senhora encarnada e este desencarnado, mas nenhum quer mudar para receber ajuda. Se indagar a esta mulher se quer ficar livre desta dor de cabeça e desânimo, irá quere na hora e sabe que fará? Irá fofocar mais, porque ficou sabendo de um fato e está com muita vontade de passar para frente. Não pediu ajuda, não a nós, quem pede se faz receptivo, isto é, cria um ambiente propício para receber. Deixemos os dois, o desencarnado, assim que a raiva passar se afastará e esta senhora um dia entenderá que a linguagem é muito importante para usá-la com fofocas.

Compreendi, mas continuei com vontade de ajudar. Agenor ia fazer uma visita e eu fui junto.

- Pare, José! – exclamou meu amigo.

Ao ver uma desencarnada toda machucada andando pelas ruas, fui correndo até ela, que, ao me ver, disse enfezada:

- Veja por onde anda, imbecil! Quer me atropelar?

- Não, senhora, quero ajudá-la. Não precisa de auxílio?

- Ora, quem é você para me ajudar? Um bobo mal vestido. Sou muito importante para dar atenção a qualquer um – respondeu levantando a cabeça.

- Mas, senhora, continuei, não sabe que agora vive de outro modo, que seu corpo físico morreu e...

- Pode parar! Vá dizer bobagens a pessoas ignorantes como você. Sai da frente!

Fiquei decepcionado, Agenor aproximou-se.

- Vamos, José, temos que visitar Dona Isabel.

Chegamos, a casa era simples, porém confortável, esta senhora era rica, estava enferma e orava: “Jesus ajude as pessoas que sofrem, aqueles que não amam.”

Agenor lhe deu um passe, transmitiu energias e ela adormeceu tranqüila, suas dores acalmaram.

- Dona Isabel logo irá desencarnar, será desligada e levada à Colônia.

- Ela está com dores e ainda pede por outros – disse.

- Venho aqui três vezes por dia vê-la e ajudá-la. O ambiente aqui está bom, ela ora muito, não se queixa e fez por merecer ter muitos bons amigos tanto encarnados como desencarnados, todos têm prazer de estar ao lado dela.

- Se fosse resmungona, isto não ia acontecer, não é? – indaguei.

- Gostamos de ficar ao lado de pessoas alegres, bem-humoradas, que estão prontas a ajudar com conselhos, com palavras carinhosas, que vibram bem, com amor. Estas pessoas atraem outras, principalmente afins. E isto acontece com Dona Isabel, está doente mas é boa e caridosa, a casa está sempre com amigos que vêm confortá-la e saem confortados. Gosto muito de vir aqui! Mas, agora, José, devo fazer outra visita sozinho, você volta ao posto do centro espírita. Voltei, observando a cidade. Vivi anos ali quando encarnado e ao vê-la agora, desencarnado, era bem diferente. Casas, jardins, tudo era o mesmo, só que além de ver as pessoas no corpo físico, via também os que ram privados dele pela morte carnal. Alguns destes últimos andavam uns distraídos, outros enfezados, sozinhos ou em grupo, alguns perturbados pensando estar no corpo físico. Muitos acompanhavam encarnados, sendo afins, amigos, inimigos e obsessores. “Unimo-nos a quem nos ligamos, seja por amizade ou ódio, escutamos tudo e atendemos a quem queremos”, pensei.

Ao virar uma esquina defrontei com dois desencarnados bêbados brigando. Beber, alimentar-se fazem parte da fase encarnada que aqui no Plano Espiritual das Colônias e Postos de Socorro vão aprendendo a substituir por energias mais sutis, mas muitos ao mudar de plano, iludem-se, rejeitam o acontecimento e se julgam ainda no corpo físico e agem como tal. Para continuar com seus vícios e até alimentar-se, sugam quem o faz, assim pensam estar bebendo e comendo. Mas isto acontece também com os conscientes, desencarnados que sabem o que lhes acontece, mas que querem usufruir de seus vícios e vampirizar encarnados imprudentes tanto como eles. Isto não acontece com uma pessoa que tem bons hábitos e pensamentos, que ora, que faz o bem e evita o mal, estas suas vibrações repelem os mal-intencionados.

Os dois discutiam e eu fiquei com dó, parei e interfeiri.

- Por favor, não briguem! É melhor ser amigos!
- Você não sabe o que ele me fez! Vampirizou aquele homem, passando na minha frente – queixou-se um deles.

Olhei para o encarnado mostrado, estava no bar, bêbado, falando sem parar. Tive pena deles e resolvi ajudar.

- Vocês dois estão desperdiçando tempo precioso embriagando-se desse modo. Deveriam aproveitar para se melhorar, largar de embriagar-se, viver sendo útil para terem um futuro melhor.

Os dois prestaram atenção, um deles perguntou:

- Você é um desencarnado? Porque nós somos mortos mesmos – riram. Fala bonito porque não é como nós, jogados no mundo sem ter onde ficar...
- Não é assim – respondi. – Todos nós temos onde ficar quando queremos. Moro no posto, ali em cima daquele centro espírita, lá é bonito, limpo e temos tudo que necessitamos.
- Tem tudo? De graça? – indagou um deles, interessado.
- Ainda é bonito? – perguntou o outro.
- Sim – respondi.

- Se está querendo nos ajudar, então nos leve lá, estou interessado.

Contente, levei os dois, que entraram, olharam tudo.

- Aqui será o nosso hotel de agora em diante, só que não pago – riu um deles.

- Vamos ser servidos como merecemos. Oi, morena bonita, quero meu banho, gosto de água quente. Você mesmo pode me dar.

Riram.

- Quero comida da boa, você por favor, me limpe e me arruma uma roupa como a sua – falou o outro.

- Você, louraça, venha cá, dá uma beijoca no papai.

Foi para o lado de uma trabalhadora e caiu no chão, derrubando uma estante.

Nosso orientador veio rápido ver que estava acontecendo, ele me olhou, envergonhei-me. Sem saber que fazer, indaguei a uma colega.

- Que faço?

- Você os trouxe, você os retira.

Aproximei-me deles e falei:

- Acho que me enganei, vocês ainda não podem ficar aqui.

- Que é isto, cara, você convidou, nos trouxe e agora nos enxota? Cadê sua bondade? Não está aqui para fazer caridade? O bem? Lembro a você que somos necessitados. Se você ajuda, tem obrigação de nos auxiliar. Seja bom, arrume quem nos dê banho e comida.

O orientador ficou só olhando. Sem saber se agia certo, peguei um deles e o levei para fora, foi uma luta, ele esperneava, não querendo ir; deixei-o na calçada e voltei para pegar o outro, que foi mais fácil.

- Iludimo-nos pensando que vocês fossem bons, mas têm só fachada, só gostam de ajudar os da sua laia. Falso bondoso! É pior que eu!

Após deixá-lo lá fora, voltei e uma trabalhadora limpava a sujeira que fizeram.

- Deixe, por favor, que eu faço!

O orientador a olhou e ela deixou a sala; após limpar tudo, nosso bondoso e sábio dirigente chamou-me para uma conversa, eu falei primeiro.

- Peço desculpa, é que fiquei com dó e...

- José, encontramos na vida muitos necessitados. Estes dois o são, mas é difícil ajudar quem recusa receber. Vou dar um exemplo para ver se me entende.

Quando um encarnado tem fome, lhe dando um pão, comendo o saciamos até que volte a tê-la novamente. Mas se lhe damos um meio dele adquirir o pão, ele não terá mais fome. Isto acontece em tudo, esta fome podemos dizer que seja carência de qualquer coisa, uma necessidade, se ajudando a resolver o problema e se ela não mudar, não se tornar auto-suficiente, será sempre necessitado, pedinte. Olhe, aqui está Dona Maria, veio pedir ajuda, venha e escute. Dona Maria era uma senhora encarnada que veio pedir algo ao senhor Aldo, o encarnado dirigente do centro espírita. Este senhor estava aposentado, mas continuava trabalhando para ajudar o sustento da casa, e era assim, nos horários em que estava em casa sempre tinha pessoas, que dando desculpas para não ir às sessões de atendimento ao público, preferiam vir para um

aconselhamento ou atendimento particular.

- Senhor Aldo – disse a senhora – vim aqui porque minha vizinha e amiga passa por uma dificuldade.

- Por que ela não veio? – perguntou o senhor Aldo.

- Sabe como é, ela não acredita...

O mentor espiritual que me pediu para ficar olhando, aproximou-se do senhor Aldo, que repetiu o que ele falou:

- Dona Maria, a senhora tem vindo muitas vezes aqui, mas não a vejo nas nossas sessões. Tem recebido muito aqui, não é?

- Não venho às reuniões porque à noite meu marido está em casa, ele não gosta. Mas é verdade, tenho recebido muito aqui e sou grata. Agora venho pedir para os outros para que eles recebam – falou ela.

- Dona Maria, a senhora acha que para ajudar não é feito nada? Não é trabalho de outros? Não vamos ajudar sua vizinha a não ser que ela venha aqui e peça. Por favor, se quer ajudá-la, faça a senhora mesma.

- Como? Não sei! – indagou ela.

- Se quer ajudar, aprende. Mas não arrume serviço para outros. Uma ajuda requer trabalho de muitos e às vezes trabalha-se por muito tempo.

- Que faço então? – perguntou.

- Oriente-a, diga o que pensa a ela e pode até acompanhá-la aqui – falou o senhor Aldo, intuído.

- Não sei não, acho que ela não irá querer – falou Dona Maria, encabulada.

- Paciência! Dona Maria, tente também conversar com seu esposo e vir às reuniões à noite.

- Acho que estou incomodando. O senhor trabalha muito, e agora é hora do seu almoço. Vou tentar.

Despediu-se. Senhor Aldo foi almoçar e o mentor me disse:

- Toda ajuda deve ter ordem e disciplina; educar, instruir é o maior auxílio que se deve dar. Esta senhora pede por outro, é difícil esta ajuda. Ela, ingênua, acha que a pessoa para quem veio pedir auxílio, necessita de um prato de feijão (de um tipo de ajuda); vamos lá e vemos que precisa de dois pratos. Para fazer, requer trabalho de muitos. Vamos supor que fazemos e levamos o feijão, pode ser que a pessoa rejeite, pois não pediu, ou que coma e fique indiferente, afinal não queria, ou até pode aceitar e agradecer. Mas como não viu quem fez e foi tão fácil usufruir do que ganhou, não dá valor. Normalmente, logo estará necessitada de novo. Isto pode ser tachado de fazer a lição que cabe ao necessitado e muitas vezes ao privá-lo de fazer, evitamos que aprenda. Esta Dona Maria está ficando uma pedinte, já não faz nada sem vir pedir antes: é para o filho ir bem na prova, isto requer que o mocinho estude; pede para a pressão baixar, não quer fazer o regime, etc. Não está dando valor ao trabalho alheio. E além de pedir para si, pede-nos para fazermos a outros, porque tem dó. Às vezes, até entendo que são piedosos, mas não é certo pedir para outros o que lhes cabe fazer. Dó, pena, sem nada fazer é infrutífero, pedir para outros fazer é não calcular o trabalho alheio. Depois,

quando pedimos, nos tornamos receptivos a receber, quando se pede pelo outro, esta recepção não existe e a ajuda torna-se difícil. Entendeu, José? Você trouxe por dó duas pessoas que julgou que merecia serem ajudadas, só que elas não estavam receptivas e viu no que deu.

Abraçou-me ao sentir que estava muito envergonhado. Resolvi daquele dia em diante não fazer mais nada sozinho, ser um ajudante, prestar atenção, aprender para ser útil. Havia compreendido que Jesus disse: “Bate e abrirá, pede e receberá.” Torne-se receptivo para receber. E vamos ter consciência do trabalho desta ajuda, não pedir coisas que pode você mesmo fazer e valorizar o trabalho alheio e aprender trabalhando também. Aquele que faz passa de necessitado a auto-suficiente.

Agenor passou a ser o responsável pela casa, passando a orientar o senhor Aldo em todas ajudas. Uma senhora veio chorosa pedir auxílio.

- Ainda não me conformei, senhor Aldo, com a morte de minha mãe. Por que Deus leva pessoas boas?

Estava ajudando no atendimento e o orientador pediu para ficar ouvindo, auxiliando o senhor Aldo a instruir a encarnada, porque a mãe desencarnada estava com ela. Trocavam energias, a mãe que havia deixado o corpo físico sofria e passava essas sensações à filha. Por isto ela veio tomar passe, estava muito deprimida, com dores, inquieta e até um pouco revoltada.

- Filha – falou o senhor Aldo – a morte do corpo físico é para todos, independente de sermos bons ou maus. Todos fazemos esta passagem.

- Sei, mas é tão difícil – queixou-se lacrimosa. – Penso por que Deus às vezes é tão ruim nos fazendo sofrer assim.

- Minha filha, entenda que a lei é para todos, nascer e ter o corpo físico morto, passamos pela vida física, para o Plano Espiritual e continuamos vivos; se aceitarmos este fato, tudo é facilitado – falou o senhor Aldo.

- Bem, eu só vim tomar um passe, não estava sentindo bem, tenho muito que fazer – lamentou a senhora.

- Tarefas de todos os dias, por que não aprende um pouco? Leia um bom livro espírita, O Livro dos Espíritos, por exemplo.

- Não sei... – murmurou ela.

- Não se prive de aprender, aquele que sabe domina a situação, resolve seus problemas – tentou senhor Aldo esclarecê-la.

- Mas eu não sou médium, não vim a este mundo para fazer isto. Já vou embora. Até logo e obrigado! – Despediu-se.

Enquanto a filha recebia o passe, o orientador pegou pela mão da mãe desencarnada e acomodou-a numa cadeira. A filha foi e a mãe ficou.

- Senhora, já conversamos, já tentamos orientá-la, foi oferecido abrigo, por que volta a ficar perto de sua filha? Não sabe que a deixa doente? – falou Agenor.

- Não sou eu! Nunca iria deixar minha filha doente. Está assim porque o marido, aquele chato, a deixa nervosa e meus netos são uns folgados e ela trabalha muito. Fico onde tenho que ficar. Pensa que é fácil deixar meu lar, minhas coisas?

Gosto tanto de tudo! Deveria ser perguntado se queremos morrer... – queixou-se ela.

- Você escutou, a morte é para todos e aceite, fique conosco e aprenda a viver sem essas coisas.

- Coisas para mim importantes, adquirir com honestidade – resmungou.

Uma trabalhadora pegou-a pela mão e a levou para nossa pequena enfermaria.

Agenor me explicou.

- Quando nos apegamos, quando nos iludimos que a matéria é nossa, a ela ficamos presos, sendo difícil nos libertar.

Pensei em mim, nada de material me prendia, nada mesmo, mas a afetos...

Quando desencarnei, aceitei grato o socorro recebido mas preocupava-me muito com os meus parentes, não saí sem permissão, porém privei-me de estudar para ficar trabalhando na terra para vê-los e ajudá-los. Amar com desapego é muito difícil. Muitos deixam tudo ao desencarnar, mas não conseguem desvincular de afetos.

- José – Agenor me elucidou -, muitos sofrem com o desencarne, porque vêem a vida terrestre como a vivência única e total. Sofrem por não aceitar o que não podem mudar. Se compreendessem e aceitassem, tudo melhoraria. Mãe e filha colocaram a felicidade em ter, nos bens temporários, esquecendo que estes não acompanham quando o corpo físico morre. A filha chora pela mãe, chama por ela e quando esta vem, e fica perto dela, sente-se mal e aqui vem para ficar livre.

Ela não quer saber se o que faz sentir-se mal é a mãe ou não, quer sentir-se melhor. Julga que não precisa saber, tem outros que façam por ela. E ainda acha que o outro tem obrigação de fazer, estão aqui para isto. Igualmente aqueles dois que gostam de embriagar-se, que você trouxe aqui. Julgam que tinham direitos de receber, porque tem outros para dar. Todos nós temos obrigações de ser, de fazer, isto não é privilégio de ninguém em especial. Esta senhora desencarnada não consegue aceitar a morte de seu corpo, acha que perdeu muito, esqueceu ou nunca chegou a compreender que nada temos, e o que recebemos encarnado é empréstimo e sofre por isto. Aquele que não conhece, procura a felicidade, ou alívio de seus padecimentos em receber, pode encontrar alívio, mas não a felicidade. Porque só receber é egoísmo. Aquele que compreende encontra a felicidade em dar mais do que em receber. E estes conhecimentos são aceitos por poucos. Só não aprende quem não quer. À filha foram oferecidos conhecimentos; recusa, não quer nem ler livros, vir a palestras, até se recusou a ouvir. Aldo quis instruí-la, ela não ficou. Veio aqui só para ter alívio. E a mãe desencarnada foi acomodada no nosso posto, mas insatisfeita, creio que não ficará.

- Se não ficar, pode correr perigo, não é? – indaguei.

- Sim, aqueles que vagam julgam sofrer muito, sofrem por não aceitar, mas pode ficar pior sua situação. Vamos supor que esta filha fosse a um outro lugar onde não é praticada a caridade como se deve. Dariam alívio a encarnada prendendo a desencarnada e a colocando no Umbral. Mesmo atendida aqui, pode voltar ao seu ex-lar ou vagar por aí, moradores da zona umbalina podem pegá-la e fazê-la escrava, ou vampirizá-la e abandoná-la em lugares de

que não sabe voltar. Isto acontece, aqueles que recusam socorro, desprotegidos estão. Deveriam entender que a morte não é o fim da vida, mas uma continuação de uma outra forma de vivê-la. E quem não consegue aceitar esta mudança não encontra consolo nesta passagem, nem os que ficam, nem os que a fazem. Se este fato é inevitável, por que não meditar sobre isto e viver como se fosse partir, amando tudo, dando valor sem se prender; torna-se mais fácil para o que vai e para quem fica. Todo este pavor doentio da morte física é por ignorar e por confusão de falsas idéias, por não conhecer e aceitar a verdade sobre esta continuação da vida fora do campo material. Acabar com esta ignorância e preconceito é acabar com todos estes sofrimentos que a morte do corpo físico provoca.

Gostei muito de aprender e servir neste local de socorro, esforcei-me para ser útil com entendimento e fui conseguindo.

II – Diante do desencarne

Agenor, o orientador desencarnado, recebeu um recado da Colônia. Isto é comum, recebem-se muitas orientações sobre diversos assuntos, estes recados são de muitos modos, por visitas, ou seja, moradores da Colônia vêm até o local falar sobre o assunto, por telepatia e por aparelhos que são os mais usados. Agenor nos chamou, três companheiros e eu.

- Vão a casa de Tereza, ela irá desencarnar provavelmente esta madrugada.

Vocês deverão ficar ao seu lado e desligá-la, dois a trarão para cá e os outros dois devem ficar para acompanhar seus familiares.

Nenhuma pergunta. Em outros tempos, quando fui trabalhar naquele posto deveria ter indagado. Será que não é possível evitar a desencarnação? Mas já sabia a resposta. Todos nós iremos desencarnar um dia e este felizmente chega, não é porque se é bom que se é privado da morte física, nosso corpo físico tem tempo certo para morrer. Se Tereza necessitasse de mais tempo a ordem seria outra, a equipe médica iria até ela para tentar consertar o que havia de errado no seu corpo. Tereza estava bem, com sessenta e oito anos, tinha algumas doenças da idade, mas não se queixava, era disposta e trabalhadeira, útil na sua casa e no nosso centro espírita. Fazia parte dos trabalhos de desobsessões, dava passes, contribuía com ajuda a famílias carentes e estava sempre alegre. Seu mentor espiritual já sabia que logo Tereza iria deixar o corpo físico, desconhecia o momento exato, redobrou sua atenção para com a companheira de anos de serviço em ajuda ao próximo.

Tereza era casada, seu esposo, pessoa boa, espírita não era médium e alegrava-se com o trabalho dela. Chegamos lá à noite, ela fez o Evangelho, recebeu bênçãos de nós que oramos juntos. O esposo queixou-se de dores, ela lhe deu remédios e carinho. Orou e adormeceu, seu mentor a manteve no corpo e foi de madrugada que seu coração parou num infarto fulminante. Acordou por minutos, percebeu o que ocorria, sentiu dores e adormeceu, foi desligada

com rapidez e levada adormecida para nosso posto.

Fui escalado para ficar. O esposo acordou e a chamou, como ela não respondeu, levantou-se e bastou olhá-la para entender que Tereza desencarnara, chorou baixinho por minutos depois chamou por ajuda.

Ficamos de guarda, nenhum espírito mal-intencionado deveria chegar perto.

A família, todos espíritas, choraram pela perda física, ela era muito amada, nada de revolta, desespero, oraram muito; o velório, o enterro foram tranquilos. Voltamos ao posto, o mentor de Tereza ficaria com a família. Fomos vê-la, estava dormindo tranquila e logo após foi levada à Colônia. Soubemos que acordou bem, entendeu o que aconteceu, grata pelo socorro esforçou-se, logo estava trabalhando, continuando a ser útil.

- Como Tereza ajudou muitos espíritos, aprendeu o que ocorreria quando desencarnasse e isto facilitou sua passagem de plano – explicou Agenor. Saber o que nos acontece não é motivo de ser socorrido. Desencarne como de Tereza é para aqueles que fizeram por merecer, é ajudando conforme se ajuda, é fazendo amigos, que o tem. Isto não depende de ser ou não religioso ou qual religião segue. Fazer são atos e os bons espíritos sempre estão perto de quem auxilia nesta hora marcante que é a desencarnação. Conhecimentos são de grande ajuda, foram para a família de Tereza, foram para ela; sofreram mas não deixaram o desespero, a revolta os fazerem sofrer mais e atrapalhá-la.

- Se os familiares de Tereza chorassem desesperado e a chamassem, ela sentiria? – indagou um companheiro.

Agenor respondeu:

- Tereza os ama, não queria vê-los sofrer e continua não querendo. Ela, mesmo conosco, sentiria o desespero deles e não iria dormir tranquila. A separação é dolorida, mas ao aceitá-la, ao se preparar para isto, acontece o que vimos. Foi suavizada. Tereza ausentou-se, logo poderá vê-los, continuar ajudando-os e um dia estarão juntos de novo. Afetos sinceros, amar com compreensão nos une. Entendi que esta passagem pode ser suavizada pelo entendimento e isto é bom para os que ficam e ótimo para os que vão.

Teve no centro espírita uma palestra muito interessante para encarnados sobre tóxicos. Uma mãe, preocupada com a filha que usava drogas, a levou.

O orador expôs muito bem os perigos que o encarnado tem ao fazer uso delas como o desencarnado que faz sua passagem viciado. A mãe gostou muito, achando que a filha iria ter medo. Mas a garota pensou: “Ora, se vier a desencarnar é só pedir socorro para tê-lo. Num aperto, venho aqui e peço auxílio e pronto, ficará tudo bem.”

O orador foi intuído pelo seu mentor, que escutou os pensamentos da garota e terminou dizendo:

“Os socorristas aprendem para serem eficientes. O pedido de socorro sem ser sincero não é atendido. Porque não basta só pedir, é necessário provar que se arrependeu, se voltasse no tempo não faria o erro e que está disposto a mudar para melhor. Porque muitos pensam: peço e confesso e estou livre da culpa.

Sabemos que não é assim. Das reações não se livra fácil. Pedir perdão é reconhecer o erro e não querer fazê-lo de novo. Vocês podem pensar. Vivo como quero e depois é só pedir ajuda que tem algum bonzinho para auxiliar. Isto não acontece e pensam errado. Nem sempre estes bonzinhos estão disponíveis e eles sabem ler no íntimo a verdade no necessitado. Vir aqui pedir ajuda? Isto também nem sempre é possível, aqui a parte Espiritual do centro espírita não está aberta e nem todos são socorridos. E muitas vezes não é possível chegar a um local de socorro. Às vezes está no Umbral sem poder sair, preso, escravo, etc. Portanto não pensem erroneamente que podem viver como querem e depois pedirem socorro, podem até pedir, mas só serão atendidos quando os sábios socorristas acharem o momento certo. E como o assunto da noite é tóxicos, estes refletem mais forte no perispírito do viciado, deformando-o e do vício não se livra só porque o corpo físico morreu. Continua-se viciado e podem ter certeza que ficarão num estado muito pior. Mesmo após ter sido socorrido, sofre-se muito e só se libertará quando vencer a luta com o vício. Socorro nenhum livra das reações do erro, do vício; o auxílio é uma oportunidade de se melhorar.”

A mocinha ficou toda arrepiada e pôs-se a pensar no assunto, tinha lógica o que o orador falou.

Uma senhora que vinha sempre tomar passes em horário fora das reuniões, teve o filho desencarnado por acidente. O mocinho pôde ser socorrido. Mas que agonia! A família desesperada, revoltada, o fazia ficar em pesadelo. Não conseguimos que adormecesse tranqüilo. Foi logo levado para a Colônia, mas ficou no hospital por causa do desespero dos pais. Por tempo ficou sentindo-se injustiçado, coitado e esforçando-se para ficar e não atender os apelos dos pais, que o chamavam inconformados.

Isto é comum, somos às vezes mais preparados para o desencarne de pessoas idosas ou até as doentes, mas há os acidentes.

Esta mãe que vinha de vez em quando, começou a vir mais vezes e teve o consolo no espiritismo. Entendeu que a morte física não é o fim, que o filho continuava a ser o filhinho querido que precisava dela, do seu amor para continuar sua vida feliz. Passou a ler livros e quando compreendeu, seu sofrimento passou do desespero para o resignado e, o mais importante: passou a sentir aquele amor tranqüilo pelo filho, que tinha antes dele desencarnar, sentia-o vivo, morando em outro lugar. O filho só teve paz quando isto aconteceu, amava os seus e queria que estivessem bem como ele estava, não tendo dó dele, sentiu-se bem. No mundo espiritual a vida continua cheia de atrações, estudos, compreendeu isto, passou a ser útil. Mas há casos em que o desencarnado sofre muito pelo desespero de seus entes queridos. Crianças e adolescentes bons vão quase sempre para os Educandários, embora no Plano Espiritual não haja regra geral, onde recebem todo o carinho e ajuda necessária, mas mesmo assim, sentem a agonia dos seus e sofrem. No Educandário não conseguem sair, ir para perto dos que chamam, mas isto não acontece com todos que desencarnam; os que têm condições de escolha, que são

adolescentes com mais idade e adultos. Estes, se socorridos ficam ou não, para agüentar a pressão destes chamados, necessitam ser fortes e ter consciência do que se passa com eles. Se saem, não sabem voltar para o socorro, sofrem e não aliviam a dor dos familiares, perturbam e muitas vezes passam pelos centros espíritas para uma orientação, mas podem ser alvo de desencarnados mal-intencionados e ir parar no Umbral. É aí que o conhecimento favorece. Para os que desencarnaram, sabem que este período passa e devem ser gratos ao socorro e fazer de tudo para adaptar-se e viver bem. Para os que ficam, o entendimento faz que compreendam, não se desesperem, não se revoltam, incentivem o que partiu com pensamentos animadores com otimismo e com orações.

Conheci uma senhora que desencarnou, foi socorrida e queria voltar para os seus, a saudade machucava. Mas a filha encarnada fez que mudasse de idéia, dizia em orações: “Mamãe, fique aí, agora que teve seu corpo morto, mudou e aí pode ser bem melhor, se quiser. Não seja imprudente! Seja grata! Obedeça aos amigos! Tente ser útil! Não volte, amamos a senhora, por isto queremos o melhor e agora no momento é que fique aí, se adapte e seja feliz!” E a senhora obedeceu à filha e ficou muito bem.

Recebemos um chamado de uma moça que ia sempre às nossas sessões, estava no velório de seu tio. Agenor me pediu para ir lá e tentar ajudá-la. A moça orava:

- Bons espíritos, ajudem meu tio!

Foi impossível. Eram poucas as pessoas no velório que oravam, muitos conversavam, fazia tempo que não se viam e trocavam notícias, outros eram inconvenientes. A família estava revoltada e desesperada, o recém-desencarnado também, não queria ter morrido. Não foi uma pessoa má, até fez muitas caridades, foi trabalhador, acumulou riquezas, mas infelizmente não pensava que a morte era para ele, não se instruiu, podia ter feito, e agora estava agoniado sem saber que fazer. Tentei aproximar-me dele, que me repeliu.

- Nunca! Não morri! Me acorde, por favor! Que pesadelo horrível! Estou vivo! Que pude fazer foi consolar quem me pediu ajuda e me retirar. Porque ela pediu e era a única receptível para receber.

Pelas caridades que ele fez, foi desligado quase no momento do enterro, adormecido e levado para um posto; logo que possível voltou para perto dos seus, o desespero acabou e passaram a brigar pela herança. Ele só recebia o carinho da esposa, mas não quis ficar com os seus; desiludido, pediu socorro com sinceridade e foi socorrido tempo depois.

Para conhecer, aprender, fui a diversos enterros. Um outro senhor parecido com o primeiro estava desesperado, a matéria era tudo para ele, só que não tinha boas obras, caridades para acompanhá-lo. Não fez grandes maldades, mas pequenos erros lhe pesavam juntamente com a falta de boas ações. Não foi socorrido, ficou junto do corpo, dias depois foi desligado e voltou para sua casa, onde herdeiros brigavam pelo que ele acumulou. Revoltou-se, não queria que dividissem seus bens, piorando a situação e assim ficou por anos. Dividiram, brigaram e ele, indignado, ficou lá os atormentado por anos, até que o cansaço fez que visse sua

mãe desencarnada, passaram a conversar, ele arrependeu-se e recebeu o socorro. Fui ao enterro de uma pessoa que agiu muito errado, fez maldades. Alguns choros, mas muitos estavam aliviados, amigos que sentiram, eram afins. Foi desligado após o enterro por cobradores, isto é, desencarnados que queriam vingar-se, o levaram para o Umbral onde se tornou escravo por muito tempo.

Outro senhor que também agiu errado, quando desencarnou foi desligado por moradores e levado para ser mais um, afinou com eles e continuou com suas maldades.

Não há desencarnes iguais, a morte tem muitos motivos, o corpo físico para de funcionar por diversas razões e o desligamento, que é o afastamento do espírito, do ser vivente, do corpo morto, para a continuação da vida.

Esta continuação também difere muito. Lembro-me agora de uma historinha de Malba Tahan,⁽³⁾ que exemplifica bem: “Um homem ia fazer uma grande viagem e ele tinha três grandes amigos e os convidou para irem juntos. O primeiro respondeu: não posso ir, mas vou com você até o embarque, acompanhando-o solidário. O segundo também recusou, não posso, mas financio tudo para você. O terceiro sorriu, vou com você e o acompanhou. Esta viagem é a morte: o homem tinha que partir; o primeiro amigo era a família e afetos, o segundo o dinheiro e o terceiro suas ações, boas ou más nos acompanham. Felizes os que fazem esta viagem acompanhados de boas ações.”

(3) Conto: “Os Três Amigos do Homem”, do livro Lendas do Céu e da Terra, de Malba Tahan.

Fiquei tempo trabalhando, tentando auxiliar a família dos recém-desencarnados. Não é fácil consolar quando se está desesperado. Tenta-se de tudo e a maior ajuda são de outros encarnados que vem visitar, falam da vida além da vida, dão livros informativos. E às vezes, só o tempo, aliado fiel, ajuda. Aumenta o sofrimento quando se desespera. Aquele que conhece, compreende, sofre também, mas é mais suave. Por isto, podemos sofrer mais ou menos pelo mesmo motivo e prudentes aqueles que não desesperam.

Também visitava receptivos a uma ajuda, recebiam nossa orientação, passavam por momentos difíceis com fé, resignados e tudo lhes era mais fácil.

Mas não são só a perda de entes queridos o motivo para se desesperar, são doenças neles ou na família, com a perda financeira, com afastamento de pessoas que gostam etc.

Muitos recorrem ao passe e por ele se tenta tirar a energia negativa que a pessoa criou e colocar a positiva, nestes casos uma entrevista com encarnado no centro espírita é de grande importância. Ao desabafar e escutar bons conselhos, o desespero passa e um novo ânimo a invade. Como isto faz bem, tantos suicídios se têm evitado, quantos erros.

Sempre fiquei alegre com resultados obtidos.

Também trabalhei tentando consolar os que desencarnavam. Em uns a perda do corpo é tão difícil que se iludem, julgando-se encarnados, perturbam e quando trazidos ao centro espírita, recebem orientação numa incorporação e sentem a

diferença de seus estados. Mas mesmos estes, sabendo que estão desencarnados, uns aceitam ajuda, outros não. Vão para postos ou Colônias e não conseguem ficar e voltam. São muitos os que passam várias vezes pelo socorro nas sessões de orientações, até que cansados resolvem receber o auxílio oferecido.

Desencarnados desesperados também não é fácil, não querem o inevitável e sofre-se muito.

Uma mãe veio até o centro espírita, desesperada.

- Por Deus, me ajude! Prenderam meu filho. Meu menino até que não é mau, é ambicioso, sempre quis coisas que não podíamos lhe dar e, para obtê-las, começou a roubar. Sofremos muito, meu marido e eu, tanto que meu companheiro morreu e acho que foi de desgosto. Tentamos corrigi-lo, mas ele não escutou. Agora está preso e eu estou sofrendo, escutei os policiais falarem que ele ia apanhar. Não me deixaram visitá-lo, estou desesperada.

O orientador encarnado disse-lhe palavras de conforto e Agenor me pediu:

- José, vá a delegacia e veja se pode ajudar este moço.

Era a primeira vez que entrava numa delegacia, achei muito triste. Ali estavam alguns desencarnados, uns acompanhando encarnados, obsediando, ou tentando protegê-los sem conhecimento, muitas vezes piorando a situação ou sofrendo junto. Mas estava também um desencarnado socorrista, fui cumprimentá-lo.

- Sou José, trabalho no centro espírita, vim a pedido de uma mãe tentar ajudar seu filho.

- É um prazer recebê-lo, chamo Rui. Entre e pode tentar ajudar quem quiser. Aqui tem sempre muitos necessitados.

O moço estava numa sessão de tortura. Queriam que ele delatasse seus companheiros.

Tive muita pena, fiquei até na sua frente, mas as pancadas passavam por mim sem me atingir, indo feri-lo.

“Conte – disse mentalmente a ele. – Fale!”

Não deveria interferir ao seu livre-arbítrio. Falar ou não, cabia a ele. Então pedi, implorei para aquele que batia parar. O policial sentiu-se incomodado e parou, levando o moço para a cela. Acompanhei-o e tentei aliviar sua dor.

Um desencarnado imprudente, vendo-me, disse:

- Acho que seu trabalho não é por aqui! Este aí é um safado, merece apanhar. Ele está sempre surrando alguém. Não faz três dias ele assaltou uma casa, bateu numa senhora e ele pediu a ele pelo amor de Deus para não fazer isso, ele a queimou com cigarro.

- Violência não se resolve com violência, meu irmão. – respondi.

- Mas alguns só entendem quando se fala igual. – disse ele.

- Que faz aqui? – indaguei.

- Gosto de cenas fortes, de violências, de ver malandro apanhar.

Mas não pense que sou um monstro, tento até ajudar quando vejo uma pessoa direita ser agredida. Malando, ladrão, assassino, quero mais que

eles sofram.

- Meu amigo...

Ele não deixou que acabasse de falar.

- Seu trabalho é com ele, não comigo, não gosto de bonzinhos que se apiedam de bandidos. Cuide dele, não queira me doutrinar. Quer saber por que não tenho dó dele? Estava lá quando ele bateu na mulher, uma senhora honesta e boa, entrou na casa dela, roubou e ainda queimou-a. Não sou como você, que acode bandido, eu ajudo os bons, quem merece.

- Estes também não são seus irmãos?

Indaguei, mas ele se afastou sem ouvir. Rui aproximou-se.

- Você trabalha aqui? Como lida com estas cenas? – perguntei.

- Trabalho aqui há cinco anos. José, se deixarmos a tristeza nos invadir é perigoso parar de fazer. Não digo que já acostumei com o que vejo aqui, mas esforço para ajudar. É aqui que defronto mesmo com o livre-arbítrio das pessoas. Olhe este moço, está machucado, com dores e medo. Ele é leal a amigos, mas não fala quem são, porque estas surras podem ser pequenas se tornar-se traidor. Ele se enturmou com pessoas ambiciosas, alguns maus, tem roubado, é verdade o que disse aquele desencarnado sobre ele. Com mais dois amigos, entraram numa casa, roubaram, maltrataram uma senhora. O policial que bateu nele não faz isto por prazer, existe os que fazem, é seu trabalho, é mandado. Embora, ao pensar na senhora machucada, se revolte e bata mais. Os cidadãos exigem cumprimento da ordem, eles querem que se prendam os outros, porque vizinhos e parentes da senhora estão revoltados querendo os culpados presos. Como ele não diz quem são os outros, é torturado.

- Seria tudo mais simples, se usasse a benevolência.

- Seria sim – disse Rui. – Mas aquele que transgride o direito dos outros tem o seu transgredido. Aqui tento orientar, incentivar as pessoas a melhorar. Converso com os desencarnados desorientados, ajudando-os e tento dar bons conselhos aos encarnados. Os resultados são poucos, fico feliz a cada vitória.

- Vim aqui para ajudar de alguma forma este moço, mas não sei que fazer – falei.

- Ora pelo moço e depois volte e narre o que viu para seu orientador – falou Rui.

Recebemos muito do conforto da oração, ela nos fortalece, a nós os que ajudamos por aqui, dá esperança aos que sofrem, ameniza a raiva e ódio. Equilibra um pouco o lugar. Uma energia positiva, como é a prece, sempre neutraliza a energia negativa, melhorando o local.

- Olhando para ele, agora tão machucado, com medo, arrependido, estou a pensar por que será que ele fez isto? – indaguei.

- Ele alega que bebeu e cheirou uma substância para ter coragem.

Usou drogas - respondeu Rui.

- Será que se não tivesse usado, bebido, faria isto?

- Provavelmente não. Estão cada vez mais vindo ter aqui pessoas que

fizeram uso do álcool, de drogas sem pensar nas conseqüências que estes tóxicos podem fazer para si. Alguns fazem coisas de que se arrependem, mas fizeram e acabaram anos na prisão. Posso dizer a você, meu amigo, que álcool, drogas, são motivos de muitos estarem aqui.

Orei pelo moço, que se acalmou um pouco, agradei a Rui, admirava-o por trabalhar ali e fui embora. Narrei tudo ao Agenor e finalizei.

- Por favor, não me peça para ir a prisões, emocionei-me, e creio não ter conseguido fazer nada.

- Está bem, para ser um socorrista útil, é levado em conta o local em que gostam de trabalhar – expressou Agenor.

- Em todas prisões trabalham socorristas? – perguntei.

- Sim, todas têm espíritos bons que ajudam, mas não têm o suficiente e eles trabalham muito. Mas também há os espíritos maus que lá vão para desorientar, fustigar por prazer ou para vingar-se.

- Posso ir até aquela senhora, mãe do rapaz preso, para visitá-la?

- Pode – respondeu Agenor.

Fui, ela sofria muito, tentei por passes acalmá-la. Pensava muito no filho e escutei seus pensamentos: “Minha prima teve o filho adolescente morto, diz que sofre, mas tem o consolo dele ter sido bom e os bons só podem estar bem. Eu sofro mais, o meu está vivo, mas é infeliz, está num lugar horrível e não posso dizer que ele é bom. A morte não é o pior, há fatos piores que a morte, sofreria menos se meu filho tivesse morrido.”

O rapaz assumiu a culpa sozinho, não foi mais torturado, ficou preso por anos, quando saiu foi com a mãe tomar passes, foram lhe dados muitos conselhos. Achando que, se ficasse na cidade ia ter com as más companhias, ele foi morar com um tio e mudou de vida, foi trabalhar, depois casou-se.

Pela mãe tentamos orientar este moço e conseguimos. É uma alegria quando ajudamos alguém a se melhorar.

- José, vá com Joaquim tentar localizar no Umbral esta pessoa.

Agenor nos deu as instruções necessárias. Uma mãe encarnada veio pedir pelo filho que desencarnou há um bom tempo. Soubemos que estava vagando pela zona umbralina.

E lá fomos, sempre tenho cautela para ir ao Umbral. Fiz uma prece, prestando atenção em tudo, fomos até o local indicado. Achamos logo aquele de quem viemos obter notícias, estava enturmado num grupo de arruaceiros e parecia divertir-se muito.

- Ele é morador daqui – disse Joaquim baixinho. Creio que não temos muito que fazer. Vamos segui-los e pedir para conversar com ele.

Logo perceberam que estavam sendo seguidos. Pararam e indagaram.

- Que querem conosco?

- Queríamos conversar com Azulão, só um pouquinho – respondeu Joaquim.

- Que foi? Minha mãe de novo? – perguntou Azulão.

- Ela o ama e está preocupada com você – falou meu companheiro.

- Diga a ela que não precisa se incomodar comigo, para ela cuidar da vida dela. Agora me deixem!

Afastaram-se rápido dizendo impropérios. Não tínhamos mais nada a fazer e resolvemos voltar, só que tínhamos nos afastado bastante e estávamos perto de um buraco.

- José, vamos descer aqui?

Não havíamos vindo para isso, mas desci com ele. No buraco havia uns seis espíritos todos em estados lastimáveis.

Um deles reconheceu Joaquim.

- Ora, veja quem veio fiscalizar! O velho do sítio... Joaquim! Que veio fazer aqui, velho ordinário? Veio conferir meu sofrimento? Ver se Deus me castigou? Está visto! Pode voltar! Deve ter sido você, um bajulador deste Deus castigador que fez que me colocasse aqui para o castigo. Velho nojento! Sai daqui, você é culpado! Culpado do meu estado!

Ele estava sujo, fétido, todo machucado e um ferimento no peito que sangrava sem parar, veio para cima do meu companheiro com as mãos em punho.

- Venha, Joaquim, vamos daqui! – exclamei, puxando-o.

Saímos do Umbral calados, paramos perto do posto. Joaquim chorava, eu o abracei.

- José, quero lhe contar que aconteceu. Encarnado, tive muitos filhos. Uma das filhas ficou viúva com duas filhas, não tendo como sustentá-las foi para uma cidade grande onde arrumou emprego, deixando as duas meninas comigo, mandando dinheiro todo mês e vindo nos ver sempre. Morava num sítio perto da cidade e vivíamos felizes, nós três, porque era viúvo havia muito tempo. Numa noite, um homem entrou na nossa casa, me bateu e me amarrou na cama e fez isto com as meninas, uma tinha treze e a outra tinha onze anos. Estuprou-as e eu ouvindo do outro quarto as barbaridades e elas me pedindo socorro. Foi horrível! Tentei desamarrear, só consegui após muito esforço me desprender da cama, mas meus braços estavam amarrados para trás. O bandido havia ido embora. Fui ao quarto delas, estavam lastimáveis. A mais velha morta, ele assassinou-a com uma facada. A mais nova muito machucada, gemia, mas estava consciente, foi ela que me desamarrou. Corri no vizinho, não era perto, para pedir ajuda. Vieram correndo, a mulher dele trouxe a charrete e levamos a mais nova para um socorro, mas ela desencarnou, teve uma hemorragia forte. Pensei que ia enlouquecer. Minha filha sofreu muito e um filho me levou para morar com eles. Nunca mais fui o mesmo, doente desencarnei logo após. Dormi para acordar junto da esposa e das netas. Adaptei-me, estudei e vim trabalhar. Não sabia dele e hoje o encontrei. Chorei com ele, eram lembranças tristes. Entramos no posto e narrei o encontro com Azulão e depois tudo sobre o encontro com aquele desencarnado. Agenor escutou, abraçou Joaquim.

- Amigo, não se abata por isto. Aqui você é muito amado e não estranhe dele culpá-lo. Está ele sofrendo, mas é revoltado e pessoas assim acham sempre quem culpar, menos a si mesmos. Por enquanto lá é o melhor lugar para

ele, terá tempo para refletir, arrepender-se e quando tiver com vontade de mudar, achará o socorro.

- Devo tentar ajudá-lo? – perguntou Joaquim.

- Não, meu amigo, deixemo-lo, quando for o momento, outro o fará. Um dia ele lhe pedirá perdão, aí você poderá conversar com ele. Antes disse, dele arrepender-se, será infrutífero e sua presença poderá deixá-lo mais revoltado. Existem muitas pessoas assim, cometem erros e quando vêm as reações, revoltam-se e culpam até aquele que foi prejudicado. Tire esta tarde de folga, vá visitar seus afetos, suas netas.

Ao ouvir falar das netas, Joaquim sorriu.

- Elas estão bem, reencarnaram num lugar em que poderão estudar, são lindas, amadas e muito religiosas, são felizes.

Entendi, Agenor queria que Joaquim percebesse a diferença, as netas, vítimas que perdoaram, estavam no caminho do progresso e o agressor do modo que vimos. Embora o estado dele fosse temporário, que um dia, cansado, iria entender o tanto que estava errado.

Joaquim saiu, entendeu que não deveria ficar triste e foi visitar seus afetos. Agenor me esclareceu.

- José, agora que Joaquim o achou, irá com certeza ajudar esse imprudente. Mas se fizer isto, será pela sua bondade, não tem obrigação.

- Ele já perdoou – falei.

- Ao perdoar desvinculamos. Se Joaquim não tivesse perdoado, estaria junto dele castigando-o para vingar-se, só que sofreria também. O ódio liga.

Tinha muito que aprender e exemplos bons ali no posto não faltavam. Orei agradecendo a grande oportunidade de servir.

III – Entendendo o sofrimento

Ouvimos atentos um visitante, um morador da Colônia falando a nós, socorristas, trabalhadores desencarnados do centro espírita.

- O mal existe, não se deve pensar que outras pessoas são incapazes de fazer maldades porque não o somos. Pensem, vocês aqui presentes, se fossem encarnados, iriam ferir, matar o outro com ou sem motivo? Certamente que não. Mas outros o são. Basta ver nos jornais os muitos assassinatos que ocorrem. O mal pode ser realizado de muitos modos, desejar, fazer e até usar de magias para isto. São os trabalhos feitos, macumbas, feitiços, etc. Estes tipos de maldades são feitos de muitos modos, uns bem-feitos, outros nem tanto e alguns dizem somente ter feito. Normalmente é cobrado para estes serem feitos e uns bem caro. A responsabilidade é de ambos, normalmente são médiuns que usam desta faculdade indevidamente, plantam da má semente e sua colheita é dolorosa. Fazem por dinheiro, por prazer, inveja e às vezes se iludem dizendo que não fazem o mal, mas o bem de quem pede. Quem paga, manda fazer é responsável, agem também por ciúmes, inveja, vingança, etc. E quem recebe? Bem, os que vibram bem, têm bons

pensamentos, oram, têm fé, não agem errado, estes não costumam pegar ou recebem com pouca intensidade e têm sempre alguém para auxiliá-los. Quem ajuda é ajudado. Em outros, estes feitiços atrapalham e muitas vezes procuram ajuda no bem. E são estes que tentamos ajudar. Quando pelo trabalho feito se é colocado perto, junto da pessoa, desencarnados imprudentes, escravos para atrapalhar, vampirizar, devemos orientá-los e encaminhá-los para um socorro e isto faz desandar o trabalho do mal. Mas, às vezes complica, porque eles mandam mais espíritos e há os que não querem socorro, mas se o necessitado é persistente, tudo acaba bem. Há trabalho do mal em que se manda energia negativa para aquele que se quer prejudicar. Muitos desmancham estes trabalhos do mal, anulam, pedindo para acender velas, fazer oferendas, etc. Mas, nós usamos o poder da prece, dos pensamentos bons para anulá-los. Não recebendo esta energia, ela volta à origem incomodando quem emite e este para logo. Pode-se também queimar esta energia com uma superior, mas não aceitando já é o suficiente. Mas como não aceitar? Se a pessoa faz e vibra no bem, ora, nada recebe.

O convidado da Colônia falou muito sobre isto. Nestes anos trabalhando com encarnados vi muitos destes trabalhos afetar a vida de muitas pessoas. É para separar casais, levá-los a brigar, destruindo lares, fazer os negócios dar errado, etc. Mas não pensem que tudo que de ruim acontece é por isto, claro que não. Isto existe mas não é causa de tudo. Depois sempre tem alguém para encaminhar para um auxílio. Os centros espíritas estão cheios de pessoas necessitadas e sempre se tenta ajudar.

Se vem alguém aos centros espíritas com desencarnados mal-intencionados a vampirizar, a atrapalhar, maldosos ou não, são orientados em sessões de desobsessões. E se é por energia negativa, tenta-se neutralizá-la com a boa. Um senhor procurou ajuda no nosso centro espírita. Estava sentindo-se mal, pesado, nervoso, não sabia que fazer. Era casado e tinha uma amante, esta queria que se separassem para ele ficar com ela e mandou fazer um feitiço. Necessitou que ele viesse muitas vezes para que orientasse os desencarnados que estavam com ele. Mas temos também obrigação de instruir aquele que pede ajuda.

- O senhor está bem agora, mas é necessário vibrar melhor para que não pegue coisa pior. Tem um lar e deve dar valor a ele e à esposa que o ama. Isto aconteceu por sua culpa, se não tivesse tido a amante, traído, nada disto tinha acontecido.

Ou, seja bom para não receber o mau!

Vêm também pedir socorro pessoas que estão sendo obsediadas. Por que isto acontece? Agenor nos explicou:

- Existem muitos tipos de obsessões. Pessoas desencarnam, se iludem, não queriam ter o corpo físico morto e ficam perto de alguém, normalmente aqueles que ama, trocando energias, vampirizando o encarnado e este sente, estes são casos fáceis. Muitos resolvem sozinhos, os desencarnados entendem, saem de perto, pedem socorro, são levados para postos ou colônias. Outras vezes são doutrinados pelo trabalho de encarnados onde recebem orientação por

uma incorporação. Só são mais difíceis quando teimosos não aceitam o socorro, mas são sempre resolvidos a contento. Obsessões por ódios, vinganças são mais complicadas porque requerem a orientação dos envolvidos, um errou e o outro ou outros querem cobrar.

Uma vez veio nos procurar um moço que estava desesperado.

- Me ajudem, por favor! Tenho ido a médicos, gastado muito dinheiro com eles e com remédios.

Acompanhavam-no três desencarnados com ódio e rançar. Foi dado um passe no moço e os desencarnados foram convidados a ficar conosco para uma conversa. Um deles falou:

- Não devem ficar com pena dele. Nos dará razão quando souberem que ele nos fez. Na outra encarnação dele e na última nossa, ele não agiu correto conosco. Ele era rico, eu pensava que era meu amigo, lhe fiz muitos favores, ele dizia que éramos só conhecidos. Tinha um pequeno sítio e precisei certa vez de dinheiro e ele me emprestou a juros altos. Não deu para pagar e ele me tomou o sítio, minha mãe estava doente, pedi para ele pelo menos adiar, ele não quis, expulsou-nos, viemos para a cidade, ficamos na casa de uma tia e minha mãe veio morrer sem assistência, por desgosto por haver perdido o sítio. Eu, desgostoso, passei a beber e desencarnei logo após num acidente. Ele também fez sua passagem, sofreu no Umbral mas foi socorrido e reencarnou. Agora o achamos e aqui estamos para vingar. Ele pede piedade, mas também pedimos, ele não teve e nem nós teremos.

- E a senhora, tem ódio dele também? – perguntou Agenor.

- Até que não. Mas quando lembro o desespero do meu filho vem a raiva. Porque ele não teve piedade de nós. Meu filho trabalhou tanto, não choveu, a colheita foi pouca. Mas devíamos, tínhamos que pagar. Fico aqui pelo meu filho. Como deixá-lo?

- E você? – Agenor indagou ao outro.

- Eu quero vingar-me dele porque tinha uma irmã muito bonita que ele seduziu, obrigou-a a fazer um aborto e ela morreu. Por isto meus pais sofreram muito, de vergonha e pela morte dela e vieram a desencarnar logo após. Não pude vingar em vida, vingo-me agora após ter desencarnado e o achado ele noutra corpo. O espírito é o mesmo.

O moço passou a fazer o que foi recomendado, a ler bons livros, a orar, a freqüentar o centro espírita, com isto ele criou uma barreira que impedia dos vingadores aproximar-se dele. E o trabalho de orientação aos desencarnados foi feito. Receberam orações, tivemos muitas conversas. A mãe foi a primeira a querer o socorro e ir embora para a Colônia. Depois o irmão da moça seduzida cujos pais vieram para ajudá-lo. Eles haviam perdoado e ele também o fez. Demorou meses para o outro perdoar. Quando o fez, o encarnado tinha se tornado espírita, passou a ser útil, entendendo que muito tinha para fazer, porque muito errou. E obsessões por vingança têm sempre fatos interessantes. Evitaríamos muito sofrimento se não nos iludíssemos com a morte do corpo, não errássemos e perdoando sempre. Também deveríamos prestar atenção se não estamos justificando

o erro. Exemplo: uma pessoa faz um feitiço para separar um casal, porque aquele que lhe pagou ama o marido ou a mulher. Mata-se, justifica que não prestava. Rouba e diz que não fará falta ao outro. Fala mal, calunia e diz que o outro mereceu. Deseja mal, justificando que tinha raiva, etc.

Nada justifica uma ação errada e a reação vem...

Foram tantos os fatos que presenciei, que para ditá-los tive que pensar qual narrar e resolvi fazer sobre um todo. Quem vem em busca de auxílio é o necessitado no momento. Aquele que sofre. E por que se sofre tanto? Meditei. E quando Antônio Carlos, este amigo de tempo, o mentor da médium me convidou para escrever, aceitei contente, conversamos por horas. Compreendemos que seremos sempre necessitados de socorro enquanto não nos libertarmos, entendermos a verdade que liberta. Precisamos caminhar rumo ao progresso sem inércia, sendo útil, aprendendo, fazendo o bem para sermos bons. Ele me indagou:

- José, lidando com encarnados e desencarnados que sofrem, que você tem a me dizer sobre o sofrimento?

- Muita coisa e ao mesmo tempo pouca. É difícil falar da dor, esta companheira desconhecida, que nem sempre é aceita, mas que não se incomoda em ser rejeitada, ela é persistente.

Sufrimento é a reação das leis Divinas contra o errado, com aquele que desarmonizou, porque o erro nos desarmoniza e é necessário voltar a harmonizar, se não conseguimos recusando a fazê-lo pelo amor, a dor faz, qualquer desequilíbrio requer equilíbrio. Somos livres e onde há livre-arbítrio, pode haver culpa e a reação é sofrimento. Porque antes de fazer mal a outros, devemos pensar que a primeira vítima somos nós, porque todo o mal, antes de atingir o outro, já nos feriu interiormente e este ferimento, se não tratado com amor, irá doer um dia tanto ou mais que doeu em quem atingimos. Ninguém faz mal a outro sem ser mau consigo. Assim, podemos dizer que grande parte do sofrimento é consequência de más ações. Colhe-se do que se plantou. Para libertar do sofrimento é necessário não errar mais. Mas aumentamos o sofrimento quando nos revoltamos, quando insistimos em não aceitá-lo. Pois o sofrimento em si não redime ninguém, mas sim a atitude que tomamos quando sofremos. Quer um exemplo?

Ninguém gosta de ficar perto de um revoltado, daquele que se queixa o tempo todo, aí ele sofre mais, não tem o consolo de ter amigos. Ao sermos conformados, resignados, tolerarmos o inevitável, nos tornamos receptivos para receber ajuda e como recebemos, é de espíritos e de pessoas encarnadas. Agora, quando diante do sofrimento, temos uma compreensão maior, entendemos e tomamos uma atitude positiva de regenerar, amadurecemos espiritualmente e evoluímos. Mas se nos for difícil regenerar, pode-se pelo menos, deixar de ser revoltado e viver conformado.

É prudente evitar o que se pode e tolerar com paciência o que é inevitável.

Porque nem sempre conseguimos evitar o sofrimento, mas podemos aprender a sofrer. Quer um exemplo: uma pessoa desencarna e não aceita a morte do corpo, não queria ter feito esta passagem, pode esforçar-se e conviver com esta mudança

ou sofrer mais se insistir, iludindo-se estar no corpo carnal. Sabendo que algo lhe faz mal e insistindo em abusar, seja um alimento, bebida, cigarro, convivência com outras pessoas, etc. Duas pessoas têm câncer, as duas fazem o tratamento correto, uma aceita a situação e luta com a doença, é otimista, as pessoas gostam de visitá-la, entende seu sofrimento, quer tirar lição dela, aprender e progredir. Poderá sarar ou não, mas regenerou-se e isto a fez evoluir. Se desencarnar, será sem dúvida levada para um socorro e aí sim, sarará, porque era só seu corpo físico doente, não cultivou os reflexos. O outro, pessimista, revoltado por não tolerar, torna-se intolerável, se alguém o visita o faz por obrigação, também poderá sarar ou não. Mas não aproveitou a oportunidade da doença para se melhorar. Se desencarnar, às vezes a revolta é tanta que não se torna receptivo a receber uma ajuda. Pela revolta cultivou os reflexos da doença e desencarnará com eles, necessitando de tratamento para sarar.

E temos um bálsamo para nosso sofrimento a nossa disposição: a oração.

A prece nos põe em contato com o Plano Espiritual elevado e por ela se faz um canal que recebemos o que necessitamos. E este canal atua melhor se for limpo e idôneo.

Falamos aqui sobre os que recebem pelo sofrimento as reações de ações erradas. Mas também quando se para no caminho, pessoas mornas, como as chamo, os que não querem esforçar-se para aprender, para evoluir, só querem receber, não fazem nada para doar, ser útil, a dor vem para forçá-los a progredir. Diante dos sofrimentos, atritos, muitos se voltam para a parte espiritual, dando atenção a ela para uma tentativa de ultrapassar as dificuldades e assim aprender. Porque muitos infelizmente ao sofrer procuram ajuda, lembram-se de Deus, de orar. Necessitando de chacoalhões para continuar a caminhada. Prudentes são os que entendem e evoluem.

Há também o sofrimento solidário. Pessoas sensíveis, solidárias, sofrem pelos outros. Querem ver todos bem, comovem-se por tristezas alheias como se fossem suas. Nestes casos estão muitos que reencarnam junto a afetos que precisam passar por um sofrimento, não necessitam elas sofrerem mas por solidariedade, por amor reencarnam para estar juntos. São casos de pais que recebem por filhos espíritos que desencarnarão crianças ou jovens. Sabem que sofrerão, mas não querem estes afetos com outros pais, têm a escolha e preferem ficar juntos, encaminhá-los e sofrerem após com a ausência. Ou há os que também recebem filhos deficientes sofrendo com o outro. Aprendendo, evoluindo, transformando o sofrimento em crédito, realizando cada vez mais. Embora alguns pais nestes casos, tenham errado também, ou foi motivo do outro errar. Quando se sofre, pode-se ser tentado a revoltar-se contra este fato, isto é humano; vencer esta revolta e saber sofrer é sábio e ser derrotado por ele é lastimável. Devemos entender certos sofrimentos antes de senti-los para que estes sejam compreendidos e suavizados.

Aqueles que compreendem a morte física como uma continuação de vida, quando fazem sua mudança, tudo lhes é mais fácil. Ou quando afetos o fazem,

também é aceita melhor.

Mas, amigos, a vida não é só sofrimentos. Não! Têm-se muitas alegrias, acontecimentos bons, agradáveis e felizes. Eu, como socorrista, já chorei de alegria com casos resolvidos satisfatoriamente, ao ver caminhando os que sofreram. Pensando na minha existência encarnada, tive o amor de pais, o carinho de amigos e da esposa, filhos queridos. Tive tanto que, se pusesse numa coluna o que tive e em outra o que me faltou, a primeira ganharia longe. Temos que ser otimistas, dar valor ao que se tem, alegrar-se com bons momentos e saber que somos filhos de Deus, criador de tudo, do Universo, saber que temos sempre oportunidades, aproveitá-las, não parar no caminho, ser útil a si mesmo e ao próximo, ter o conforto da prece. Temos muito para sermos felizes e devemos ser. E se soubermos aceitar, entender o sofrimento, seremos felizes até quando sofreremos. Porque tudo passa, os bons e maus momentos. Mas a felicidade, quando conquistamos, permanece para sempre. Portanto, sejamos felizes!

José

FIM.

Colaboração De Uma Amiga Do Acervo Virtual Espírita – 04/07

Acervo Virtual Espírita